



PENVEADO MEDICI

TREM BLINDADO

TREM BLINDADO



**Edição Digital Rememorativa da Epopeia da
Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932**

De autoria do Voluntário 3º Sargento
Fernando Penteado Médici



**PRO BRASÍLIA
FIANT EXIMIA**

Uma iniciativa de preservação, valorização e difusão da memória da Epopeia de 32 do **Portal Paulistas de Itapetininga** em parceria com a Faculdade de Tecnologia (Fatec) Itapetininga e com o Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP



Fatec
Itapetininga

Prof. Antonio Belizandro Barbosa Rezende



os quais agradecem e parabenizam os familiares de **Fernando Penteado Médici** (in memoriam) pela permissão concedida para a publicação, na íntegra e sem fins lucrativos, desta presente edição digital e rememorativa de **TREM BLINDADO** (Regional, 2019) no ciberespaço: Maria Aparecida Médici de Eston, Sérgio Médici de Eston, Jorge Médici de Eston, Pedro Médici de Eston, Mateus Rebouças Stucchi Médici de Eston, Maria Silvia Martins de Souza, Maria Luiza Reboucas Stucchi e Yolanda Barbosa Dias.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Médici, Fernando Penteado, 1915-1947

Trem Blindado [livro eletrônico] : Edição Digital Rememorativa da Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932 / Fernando Penteado Médici ; Organização Sérgio Médici de Eston, Jorge Médici de Eston, Jefferson Biajone. -- Itapetininga, SP : Gráfica Regional, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-65703-72-7

1. Brasil - História - Revolução Constitucionalista, 1932 2. Narrativas Pessoais 3. São Paulo (Cidade) - História I. Eston, Sérgio Médici de. II. Eston, Jorge Médici de. III. Biajone, Jefferson. IV. Título.

24-239690

CDD-981.0621

Índices para catálogo sistemático:

1. Revolução Constitucionalista : Brasil : História
981.0621

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

O Autor

Fernando Médici Penteado 06

Medalha M. M. D. C.

Sociedade Veteranos de 32-MMDC 07

Trem Blindado (2019): Edição Digital Rememorativa da Epopéia da Máquina Constitucionalista na Revolução de 1932

1ª Nota de Introdução 09

2ª Nota de Introdução 10

Prefaciadores Convidados

Genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello 19

Cel PM Antonio Valdir Gonçalves Filho 22

Artista plástica Camila Lourenço Giudice 23

Ten Cel PM Celso Rodrigues da Silva 24

Prof. Dr. Daniel Baron 27

Engenheiro Draúcio Roberto Vieira 28

Jornalista e Professor Eduardo Negrão 30

Cb PM Euclides Cachioli de Lima 32

Senhora Maria Helena de Toledo Silveira Melo 34

Psicólogo e Sociólogo Marinho Monteiro 36

Cel PM Mário Fonseca Ventura 37

Historiador Rodrigo Gutenberg 39

Dedicatória

com carinho e gratidão, o meu primeiro e talvez único livro 42

Um esboço de prefácio

Este livro, o que direi, ao leitor, para fingir de prefácio? 42

Sinfonia de Abertura

Ano e meio: a terra que chora 43

O Front

O 14 de Julho em Itararé. Seu povo. A retirada. Ligeiras considerações
sobre o livro Carne para Canhão, de Clovis Gonçalves 47

Itapeva

A retirada. Itapetininga 53

Coronel Brasílio Taborda	
Comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul	56
Um pouco de retaguarda	
Como são construídos os trens blindados. Ação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Como são construídos os autos blindados	57
Auto Blindado	
14 de Julho	59
Buri	
O Combate de 25 e 26 de Julho de 1932.	60
Quem é o Comandante do Trem Blindado?	
Capitão Affonso Negrão	63
O Combate de Buri pelo Trem Blindado	
Relato do voluntário 3º sargento Atugasmin Médici Filho, irmão de Fernando Penteado Médici, sobre o batismo de fogo do Trem Blindado ocorrido na tarde de 25 de Julho de 1932, aproximadamente a 2 km da estação ferroviária de Buri em direção à estação ferroviária de Rondinha	68
De Buri a Victorino Carmillo	
Uma ligeira narrativa do que se passou depois do combate de Buri, em 26 de julho até o maior combate da Guerra Paulista: o de 15 e 16 de agosto de 1932	77
Estação Ferroviária de Aracassú	
Entre Campina do Monte Alegre e Buri	80
Estação Ferroviária de Victorino Carmillo	
A 8 quilômetros de Buri	81
Dois mil tiros de Artilharia	
O Combate de 15 e 16 de Agosto de 1932 entre Victorino Carmilo e Buri	83
Diário do Major Arlindo de Oliveira	
O ataque na retaguarda de Buri, pelo Batalhão Arlindo, visto do próprio diário do seu Comandante, o major Arlindo de Oliveira, hoje comandante interino da Cavalaria da Força Pública de São Paulo	89
Depois do combate de 15 e 16 de Agosto de 1932	
Retirada para Ligiana. Frente em Aracassú. Humberto Gomes Maia e sua morte. A chegada de Adáto Melo	97

Campina do Monte Alegre	
Mandassaia e Engenheiro Hermillo	106
Depois da Revolução	
Voltamos aos mesmos lugares em que combatemos, em fins de Outubro, para a transladação dos corpos dos bravos voluntários do 14 de Julho, Ari Carneiro Fernandes, Argemiro Alves Silvestre e Paulo Bifano Alves	115
Terra	
Uma homenagem a ti	117
Homenagem Póstuma	
José Maria de Azevedo, Cesar Pena Ramos, Clineu Braga de Magalhães e Ari Carneiro Fernandes	118
O meu capítulo	
Este livro não tem uma estrutura uniforme	122
Neologismos da guerra	
A linguagem de campanha	122
Portal	
Trem Blindado	124
Referências	
desta edição digital rememorativa	125



O Autor



FERNANDO PENTEADO MÉDICI nasceu em São Carlos/SP, a 15 de Fevereiro de 1915.

Filho do senhor Atugasmin Médici e de Dona Antonieta Penteado Médici.

Aos 17 anos alistou-se voluntariamente no Batalhão 14 de Julho, esta unidade com destino ao Exército Constitucionalista do Setor Sul, em Itapetininga/SP.

Por atos de bravura praticados a bordo do Trem Blindado de n.º 1 durante o combate de Buri nas jornadas de 25 a 26 de Julho de 1932 foi promovido à graduação de 3º sargento.

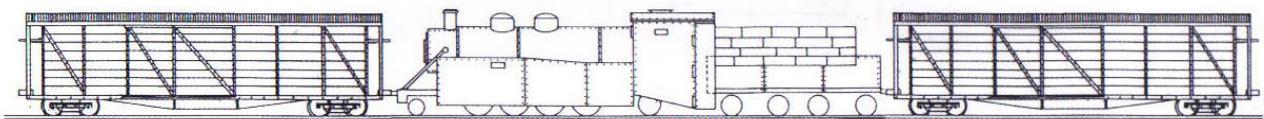
Em 1932, encontrava-se na penúltima série do Ginário Paulistano quando a revolução constitucionalista foi deflagrada a 9 de Julho.

Findo o conflito, retorna à vida civil, conclui a última série de seu curso ginásial e a 5 de março de 1934 presta os exames vestibulares da Universidade de São Paulo, ingressando no primeiro ano do curso superior de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, colando grau a 22 de dezembro de 1938 (Turma n.º 106).

Por vários anos atuou em escritório de advocacia que teve com o irmão mais velho, o desembargador Atugasmin Médici Filho, seu companheiro de guarnição do Trem Blindado n.º 1 cuja *alma mater* também fora as arcadas do Largo de São Francisco (Turma 1936).

Fernando Penteado Médici pertenceu à Sociedade Veteranos de 32-MMDC, tendo atuado como orador do batalhão 14 de Julho em diversas ocasiões. Seu prematuro falecimento, aos 32 anos, ocorreu em 3 de Junho de 1947, em São Paulo.

Em 20 de Março de 2019, Fernando Penteado Médici foi agraciado *post mortem* com a Medalha M.M.D.C. da Sociedade Veteranos de 32-MMDC pelos relevantes serviços prestados durante o movimento constitucionalista, cuja participação que teve de fio a pavio no setor sul de nosso Estado de São Paulo, soube ele relatar para as gerações presentes e futuras na sua obra magistral



TREM BLINDADO



MEDALHA



M. M. D. C.

Oficializada pelo Decreto N.º 48.087 de 14 de Maio de 1962 do Governo do Estado de São Paulo

FERNANDO PENTEADO MÉDICI nasceu em São Paulo/SP a 15 de Fevereiro de 1915, filho de Atugasmin Médici e D. Antonieta Penteado Médici.

Estudante do Ginásio Paulistano, alistou-se no Batalhão 14 de Julho aos 17 anos, voluntariamente, na graduação de soldado, tendo seu batismo de fogo em 18 de Julho de 1932, em defesa de Itararé/SP.

A 23 de Julho de 1932, voluntariou-se para integrar a guarnição do **TREM BLINDADO (TB-1)**, participando do Combate de Buri em 25 a 26 de Julho. A 6 de Setembro, foi promovido por merecimento à graduação de 3º sargento em reconhecimento aos atos de bravura prestados a bordo do **TB-1**.

Participa da ofensiva de 15 e 25 de Setembro, agora como integrante da guarnição de escolta do **AUTO BLINDADO** 14 de Julho.

Ao final da revolução, retorna a São Paulo capital, conclui o curso ginásial e, em 1934, ingressa no curso de Direito da Universidade de São Paulo, concluindo-o em 1938. Seu prematuro falecimento ocorreu a 3 de Junho de 1947, aos trinta e dois anos de idade, em São Paulo.

Não obstante, sua participação de fio a pavio na epopeia de 32 foi registrada no único livro que publicou acerca do tema, a raríssima obra **TREM BLINDADO**, trazida a lume em 1933 e por meio da qual ele oferece às gerações presentes e futuras seu relato sobre o heroísmo e o sacrifício praticados pelos constitucionalistas do Setor Sul, em particular pelos soldados de batalhões diversos que atuaram neste setor, assim como pelas guarnições do **TREM BLINDADO** e do **AUTO BLINDADO** 14 de Julho.

Em face de seus relevantes serviços prestados à causa da Revolução de 1932, em especial pela publicação da citada obra que constitui um valioso testemunho da luta empreendida pela Constituição, pela Liberdade e pela Democracia no Setor Sul de São Paulo, a Sociedade Veteranos de 32-MMDC concedeu-lhe, a 20 de Março de 2019, *post mortem*, a **Medalha M.M.D.C.** oficializada pelo Decreto N.º 48.087 de 14 de Maio de 1962 do Governo do Estado de São Paulo.



Em pé, da esquerda para a direita: sargentos Clóvis dos Santos Aguiar, Tomas Nunes da Fonseca e Atugasmin Médici Filho. Sentados: capitão Affonso Negrão e sargento Fernando Penteado Médici. Foto tirada em Itapetininga no mês de Setembro de 1932.

1ª Nota de Introdução à Trem Blindado (2019)

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Sérgio Médici de Eston (*)

Soube das proezas de meu tio Fernando Penteado Médici quando era bem criança, tinha uns 10 anos, através da irmã dele, minha mãe, Maria Aparecida Médici de Eston, a Cidinha.

Um dia ela chamou-me na biblioteca e contou a história de seu irmão, Fernando Penteado Médici. Quando eclodiu a Revolução de 32, ele não tinha nem 18 anos mas fez questão de dar sua contribuição e alistou-se. Embarcou no trem que entraria para a história da revolução, o **TREM BLINDADO**.

Minha memória não está muito boa e se ela não me falha, ele completou 18 anos de idade dentro do **TREM BLINDADO** e foi muito valente. Quando acabou o movimento e ele voltou, resolveu escrever um livro para contar sua aventura, dando-lhe o título de **TREM BLINDADO**.

Não li a obra na íntegra, apesar da minha mãe ter um orgulho imenso do Fernando, que infelizmente faleceu aos 32 anos.

Três pessoas com as quais minha mãe tinha muita afinidade e admiração eram seu outro irmão, o desembargador Atugasmin Médici Filho, que também morreu muito cedo com sessenta e poucos anos; a irmã, Maria Antonia, mãe de Otávio, sobrinho que ela adorava.

Maria Antonia morreu no parto. Minha mãe gritava para os médicos que ela estava com hemorragia, mas eles não acreditavam. Ela descia à sala de médicos e implorava e eles não acreditavam. Quando finalmente acreditaram, subiram, mas não havia mais o que fazer e ela morreu.

O terceiro ente queridíssimo era Fernando Penteado Médici, que ela adorava pelo caráter, pela bravura, por ter escrito o **TREM BLINDADO**. Ela sempre me falava com muito carinho dele pelas coisas que tinha feito.

E aí, por curiosidade, por coisas estranhas e misteriosas da vida, fui contatado recentemente por esse grupo da Revolução de 32 para homenagear justamente o Fernando Penteado Médici, de quem eu tenho orgulho de ser sobrinho. E era para redigir este prefácio do **TREM BLINDADO**, o que me deixou muito feliz.

Acho que minha mãe está muito feliz no Céu por vocês manterem o acesso a essa obra, digitalizando-a e colocando-a à disposição de quem quiser ler. Agradeço muito aos que contataram Yolandinha (Yolanda Barbosa Dias), minha prima, e que através dela chegaram a mim e aos meus irmãos Jorge e Pedro. Este é o prefácio que me pediram e eu, com muito orgulho, agradeço de coração, em nome da família, esta homenagem ao meu tio Fernando Penteado Médici e ao seu **TREM BLINDADO**.

(*) Sobrinho de Fernando Penteado Médici e representante de seus familiares.

2ª Nota de Introdução à Trem Blindado (2019)

Epopéia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Jefferson Biajone (*)

A primeira vez que ouvi falar do **TREM BLINDADO** foi em agosto de 2011, quando tive a oportunidade de pesquisar sobre a participação do Sr. Durvalino de Toledo¹, ex-combatente itapetiningano da Revolução de 32 que atuou no Setor Sul² do Estado de São Paulo ao lado de Maria Soldado³ e tantos outros companheiros afrodescendentes da Legião Negra.

De sua destacada participação em combate ocorrido a 27 de agosto de 1932 nas cercanias do município de Capão Bonito, foi o soldado Durvalino promovido à graduação de cabo, por atos de bravura ao ter tomado a baioneta um ninho de metralhadora adversária junto à na Capela de Santo Antonio desde o dia 23 de agosto.

Segundo o pesquisador Carlos Fidêncio que o entrevistou em 1986, a inacreditável progressão de Durvalino em meio a disparos de dezenas armas automáticas lhe granjeou, além da promoção por bravura, a autonomasia de “blindado”, daí ter sido ele doravante denominado e por todos conhecido de Durvalino, o “Cabo Blindado”.

Esclareceu-me seu filho Eugenio de Carmo Toledo, contudo, que “blindado” fazia também alusão ao **TREM BLINDADO**, máquina bélica paulista que tivera seu batismo de fogo dois dias antes do combate da Capela de Santo Antonio, mas a 40 km dali, mais precisamente entre as estações ferroviárias de Buri e Rondinha, na tarde de 25 de agosto de 1932.

O primeiro modelo do **TREM BLINDADO**, ou ainda, o TB-1, havia sido finalizado dias antes nas oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana em Sorocaba por engenheiros da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). De acordo com Figueiredo (1981), a ideia de se empregar trem blindados na revolução foi do coronel Palimércio de Resende, conhecedor que era da eficiência bélica destes trens na Rússia.

Segundo Monteiro (2004), a Escola Politécnica da USP produziu um total de seis modelos do **TREM BLINDADO**, os denominados **TB-1, TB-2, TB-3, TB-4, TB-5** e **TB-6**, todos com orifícios nas suas laterais e frentes pelos quais seria possível se atirar em planos diversos.

O modelo original **TB-1** atuou no Setor Sul a pedido do coronel Brasília Taborda⁴, comandante do Exército Constitucionalista daquele setor que atribuiu àquele trem a missão de cortar o avanço das forças inimigas advindas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pela linha férrea.

¹ Vide: <https://tinyurl.com/mrzxv3c7>.

² Vide: <https://globoplay.globo.com/v/7751340/>.

³ Vide: <https://tinyurl.com/bddmfa78>.

⁴ Vide: <https://tinyurl.com/2tsrzwxr>.

Mês depois da entrevista com Eugenio de Carmo Toledo sobre seu pai Durvalino, fui procurado pelo Sr. Amaury Garcia Porto, o qual desejou me relatar sobre as participações de seu pai João Garcia Porto⁵ e seu tio Pedro Garcia Porto na revolução de 32.

De fato, o pai João Garcia Porto havia se alistado emergencialmente no 8º Batalhão de Caçadores Paulistas (atual 8º BPM/I) na época sediado no atual prédio da 2ª Diretoria do Departamento de Estradas de Rodagem⁶ (DER.2) em Itapetininga e na condição de soldado daquele batalhão participou de combates na região do Rio das Almas (Capão Bonito), vindo a ser ferido em ação no dia 9 de setembro de 1932.

Já Pedro Garcia Porto, seu irmão (e tio de Amaury), foi incorporado no Exército Constitucionalista do Setor Sul na condição de maquinista, profissão que já exercia antes da revolução e que, segundo nos relatou o próprio Amaury, lhe ensinou atuar como um dos dois maquinistas do **TB-1**.

Aproximadamente dois anos depois desta entrevista, estive em São Paulo capital onde conheci Marinho Monteiro, autor do livro **1932 - São Paulo: a Máquina de Guerra** (Editora Redação Final, 2004).

Foi neste fortuito encontro com Marinho, destacado entusiasta de 32, que pude conhecer o **TREM BLINDADO** em profundidade, pois em seu livro ele apresenta em detalhes desenhos que elaborou sobre a estrutura do trem e de seus seis modelos, suas especificações técnicas, além de informações acerca do **AUTO BLINDADO** e de outras curiosas armas bélicas criadas para a revolução, a citar a **LANCHA BLINDADA**, para atuação no litoral paulista.

Também foi nesta época que estive em visita ao Arquivo Histórico do Exército Brasileiro⁷ (AHEx), na cidade do Rio de Janeiro, onde em resposta a solicitação do Sr. Eduardo Negrão, busquei levantar maiores informações a respeito de seu pai, o Sr. Affonso Negrão, 1º tenente da reserva de 2º linha do Exército Brasileiro e que durante a revolução de 1932 fora o comandante do **TB-1** e, posteriormente, do **AUTO BLINDADO** 14 de Julho.

Tive a oportunidade de conhecer Eduardo Negrão pessoalmente quando a Sociedade Veteranos de 32-MMDC inaugurou a Praça Campina de Heróis⁸ em Campina do Monte Alegre/SP, a 27 de maio de 2014, outro destacado palco de combate no setor sul. Mas meu contato com Eduardo já havia ocorrido por correio eletrônico tempos antes, dado meu interesse em saber mais acerca da participação de seu pai Affonso na epopeia de 32, o que Eduardo procurou atender, compartilhando o que sabia comigo, a citar livros fotos e documentos relacionados que pertenceram ao seu pai.

Apesar de nada ter sido encontrado no Arquivo Histórico do Exército acerca de Affonso Negrão, o mesmo não poderia ser dito acerca dos jornais e livros publicados nos idos da revolução, em particular na obra **TREM**

⁵ Vide: <https://tinyurl.com/3cby467x>.

⁶ Vide: <https://tinyurl.com/bd5ryv2f>.

⁷ Vide: <https://www.ahex.eb.mil.br/>.

⁸ Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=FXWWiySFGRw>.

BLINDADO (1933) escrita pelo voluntário 3º sargento Fernando Penteado Médici, do Batalhão 14 de Julho e integrante da guarnição do **TB-1** a comando do capitão Affonso Negrão.

No entanto, ter acesso ao anunciado livro foi tarefa nada fácil. Raríssimo para se adquirir, um exemplar seu, conseguimos encontrar apenas um em biblioteca da Universidade de São Paulo. Graças ao inestimável concurso do amigo Euclides Cachioli de Lima, um dos prefaciadores desta edição digital comemorativa de **TREM BLINDADO** (Regional, 2019), foi possível obter uma cópia deste exemplar. Mais tarde, quando encontrei Eduardo Negrão em Campina do Monte Alegre, outra cópia da obra me foi doada por este. Mas foi apenas em 2018, mais precisamente a 28 de Agosto, dia do Soldado, que pude ter em mãos um exemplar original da obra, doado que me foi por Dráusio Roberto Vieira, filho de Durvalino Vieira, outro ex-combatente itapetiningano de 32 e que também pertenceu ao Batalhão 14 de Julho.

Dráusio e Afrânio Franco de Oliveira Mello⁹, vice presidente do Portal Paulistas de Itapetininga¹⁰, eram amigos de décadas e quando da visita do primeiro ao segundo, na data supramencionada, tive também a oportunidade de conhecer fatos sobre a participação de seu pai Durvalino na revolução que inclusive, ao final desta, teve a oportunidade de acompanhar os familiares de Ari Carneiro Fernandes, Paulo Bifano Alves, Argemiro Silvestre, Clineu Braga de Magalhães e César Pena Ramos, todos companheiros seus do Batalhão 14 de julho, falecidos em combate, à Capão Bonito/SP. para a exumação de seus restos mortais com destino à cemitérios da capital de São Paulo, fato que inclusive é citado na página 140 de **TREM BLINDADO** (1933).

Foi neste mesmo dia que conversamos e pude folhear as octagenárias páginas **TREM BLINDADO** que me veio a ideia de lançar uma nova edição do livro, esta 100% digital, revista e ampliada com contribuições de prefaciadores reconhecidos pelas iniciativas que promovem em prol da preservação, valorização e difusão da epopeia de 32, ou seja, um trabalho similar a dois outros recentemente realizados em: 1) **1932 Diário de Campanh**¹¹ (Regional, 2016) do voluntário cabo Clineu Braga de Magalhães e 2) **Cruzes Paulistas**¹² (Regional, 2017).

Para tanto, foram convidados e aceitaram participar com seus prefácios as ilustres personalidades

Afrânio Franco de Oliveira Mello, genealogista
 Antonio Valdir Gonçalves Filho, coronel da Polícia Militar
 Camila Lourenço Giudice, artista plástica;
 Celso Rodrigues da Silva, tenente coronel da Polícia Militar
 Daniel Baron, professor universitário

⁹ Vide: <https://tinyurl.com/3cmxy7bk>.

¹⁰ Vide: <https://tinyurl.com/c3ash9y9>.

¹¹ Vide: <https://tinyurl.com/pdujmczv>.

¹² Vide: <https://tinyurl.com/4xvsj7xd>.

Draúcio Roberto Vieira, engenheiro
 Eduardo Negrão, jornalista e professor universitário
 Euclides Cachioli de Lima, cabo da Polícia Militar
 Maria Helena de Toledo Silveira Melo, entusiasta de 32
 Marinho Monteiro, psicólogo e sociólogo
 Mário Fonseca Ventura, coronel da Polícia Militar
 Rodrigo Gutenberg, historiador
 Sérgio Médici Eston, professor universitário

O Prof. Dr. Sérgio Médici Eston é sobrinho de Fernando Penteado Médici e em sua nota de introdução, a primeira desta edição digital, representa ele os familiares do autor de **TREM BLINDADO**.

O contato estabelecido com Sérgio e seu irmão Jorge Médici de Eston foi possível graças ao precioso concurso do professor Rodrigo Gutenberg, historiador da Sociedade Veteranos de 32-MMDC e do Sr. José Carlos Sobral, este responsável pelo túmulo de n.º 26, sito no lado esquerdo da rua n.º 15, onde Fernando Penteado Médici e familiares estão sepultados no Cemitério da Consolação, São Paulo capital.

Foi graças a fortuita visita que realizei a este cemitério na manhã do dia 6 de fevereiro de 2019 que fui apresentado ao Sr. José Carlos Sobral, para quem então relatei o propósito do lançamento de nova edição de **TREM BLINDADO**, bem como o de se afixar uma placa de PVC no túmulo de Fernando Penteado Médici, que ao conter um QR CODE nela impresso, daria acesso a nova edição anunciada na sua íntegra para gratuito *download* e irrestrita divulgação digital via leitura por dispositivo móvel (vide QR Code acima).



José Carlos entrou então em contato com a proprietária do túmulo, D. Yolanda Barbosa Dias, residente em Santos, litoral. Esta, uma vez ciente do ocorrido, compartilhou seu telefone, para o qual o amigo e professor Rodrigo Gutenberg ligou e logrou estabelecer o contato e a autorização necessária para o prosseguimento dos trabalhos, esta manifesta pelo Sr. Sérgio Médici Eston, familiar mais próximo de Fernando Penteado Médici. Sérgio e seu irmão Jorge, também contatado por Gutenberg, são sobrinhos de Fernando Penteado Médici e residem em São Paulo capital.

Outrossim, o trabalho de resgate editorial de **TREM BLINDADO** nos ensejou trazer a esta obra outras contribuições de relevo. Uma delas foi o relato escrito por Atugasmin Médici Filho, irmão de Fernando Penteado Médici, acerca do batismo de fogo que ambos tiveram a bordo do **TREM BLINDADO** em 25 de julho de 1932 entre as estações de Buri e Rondinha.

O relato encontrei originalmente publicado sob o título “O Combate de Buri pelo Trem Blindado” nas páginas 96 a 104 do livro **Chorando e Rindo... episódios e anedotas da guerra paulista** (Editora Ottoni, 2007) de autoria do ex-combatente de 32 Cornélio Pires.

Na época que li este relato pela primeira vez, compreendi pelo seu expressivo valor histórico que ele deveria fazer parte de **TREM BLINDADO**, mas creio que isso não ocorreu em 1933 por ter sido escrito após a publicação do livro. No entanto, anos depois, incorporado ele foi no livro de Cornélio Pires.

Entrementes, visualizei a possibilidade de trazê-lo para a edição digital de **TREM BLINDADO**. Para tanto, precisei contatar a Editora Ottoni, atual detentora dos direitos autorais da obra de Cornélio, o que fiz em busca da pessoa de seu proprietário-fundador, o Sr. Mylton Ottoni da Silveira, tendo em vista sua autorização para a reprodução do texto de Atugasmin.

Infelizmente, o professor Mylton Ottoni havia falecido em 4 de agosto de 2018, aos 82 anos, em Itu, São Paulo. Daí resultou que em contato com sua viúva, D. Maria Ignez Salvador da Silveira, intermediado que foi pela Sra. Ditinha Schanosi, jornalista e integrante da Academia de Letras Ituana, obtive a autorização necessária para que o texto de Atugasmin Médici Filho fosse publicado nesta nova edição de **TREM BLINDADO**.

Uma vez digitada, revista e ampliada com esta nota de introdução, os doze prefácios e os dois textos citados, todas as fotos do livro **TREM BLINDADO** publicado em 1933 foram digitalmente restauradas, tendo sua coleção acrescida com dois desenhos gentilmente elaborados a partir de uma daquelas fotos pela amiga e artista plástica paulistana Camila Lourenço Guidice.

Também foram inclusas nesta nova edição fotos pertencentes ao arquivo da família do Capitão Affonso Negrão, digitalizadas e doadas que foram pelo seu filho Eduardo Negrão; há também uma foto de Aureliano César do Nascimento e seu irmão Alcyr César do Nascimento, estando o primeiro em cadeira de rodas por conta de ferimento recebido na perna a bordo do **TB-1**. Trata-se de foto inédita e que digitalizada e doada foi pelo Dr. Uedney Junqueira do Amaral, cuja esposa D. Maria Augusta do Nascimento Amaral é irmã de Aureliano e Alcyr, ambos atualmente falecidos.

Por fim, há também fotos atuais de Buri e das Estações Ferroviárias de Buri, Aracassú, Engenheiro Hermillo, Ligiana e Victorino Carmilo, da Ponte da Ligiana e do Morro da Mandaçaia, localidades que Fernando Penteado Médici conheceu durante a revolução. Agradeço a Bárbara Regina Nacco e aos pesquisadores do Portal Paulistas de Itapetininga pelas fotos concedidas.

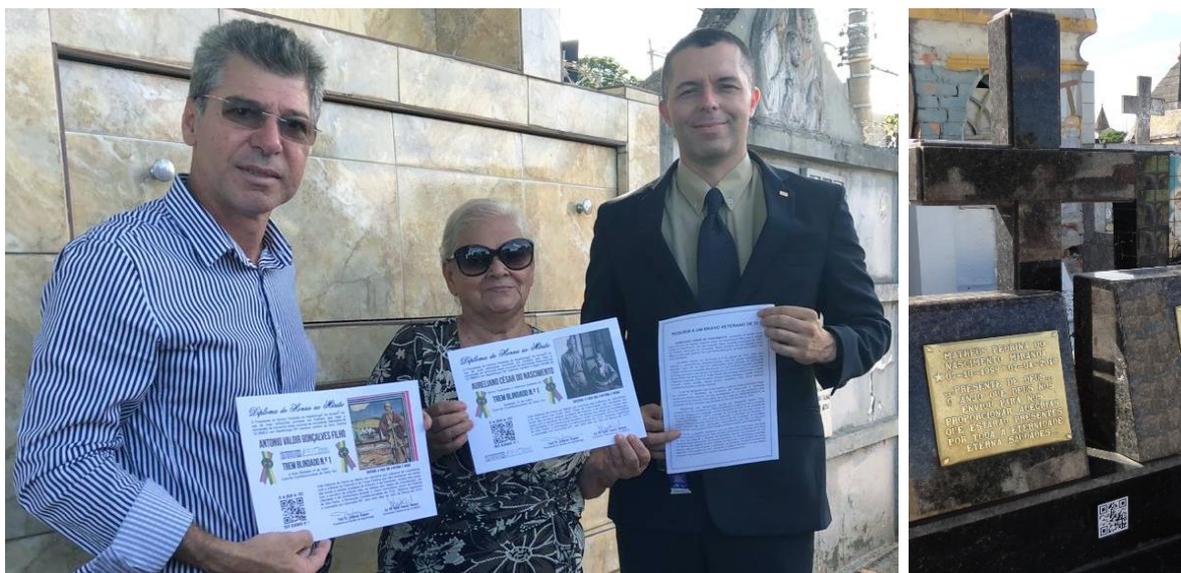
Isto posto, **TREM BLINDADO** (Regional, 2019), na sua edição digital e rememorativa da Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932, foi resultado de todo um trabalho de equipe iniciado em de 28 de agosto de 2018 e concluído a 20 de março de 2019, que foi quando a obra foi digitalmente disponibilizada ao público.

Por fim, na manhã da quarta feira do dia 20 de Março de 2019, tivemos uma singela, mas significativa solenidade de inauguração de uma placa contendo QR Code afixada no túmulo de Fernando Penteado Médici e que possibilita acesso à presente edição digital.



Além da colocação do QR Code no túmulo de Fernando no Cemitério da Consolação ocorrida neste mesmo dia 20 de Março de 2019, outras três placas contendo idêntico QR Code foram afixadas nos túmulos de Aureliano César do Nascimento, em Sorocaba/SP; de seu irmão Alcyr César do Nascimento, em Campinas/SP e de Affonso Negrão, em Palmital/SP.

Agradeço à D. Alice, filha de Aureliano César do Nascimento e ao amigo Coronel PM Antonio Valdir Gonçalves Filho, ilustre Secretário de Segurança Pública de Sorocaba, o qual esteve conosco no Cemitério da Saudade (imagens a seguir).



Agradeço à D. Yara, filha de Alcyr César do Nascimento e à Sra. Maria Helena Silveira Toledo Melo, presidente do Portal Trincheiras de Jaguariúna, as quais estiveram no Cemitério da Saudade em Campinas (imagens abaixo).



Agradeço a D. Carmen M. Negrão, viúva de Affonso Negrão, Eduardo Negrão Filho e Felipe Afonso Negrão, seus netos e filhos de Eduardo Negrão, filho de Affonso Negrão, por estarem no Cemitério da Saudade em Palmital (imagens a seguir).



Importa relatar que durante a afixação do QR Code no Cemitério da Consolação ocorreu também a outorga da Medalha M.M.D.C. à Fernando Penteadó Médiçi, honraria que lhe foi concedida *post mortem* pelo presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC, o Sr. Cel PM Mário Fonseca Ventura.



Recebeu a honraria em nome de Fernando Penteadó Médiçi o seu sobrinho, o Sr. Jorge Médiçi de Eston, o qual assim se expressou após a homenagem prestada ao saudoso tio e autor de **TREM BLINDADO**:

*Ilustríssimo Sr. Cel. PM Mário Fonseca Ventura
 Presidente da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC
 Caro Prof. Rodrigo Gutenberg
 Presidente do Conselho Fiscal da Sociedade Veteranos de 32-MMDC
 Caro Prof. Dr. Jefferson Biajone
 Presidente do Portal Paulistas de Itapetininga*

Ilustres autoridades, amigos e entusiastas presentes

Prezados Senhores e Senhoras

É com grande prazer e orgulho que aqui me encontro recebendo em nome da família Penteadó Médiçi esta honrosa homenagem ao meu tio Fernando Penteadó Médiçi. A meu ver não é dada em nossas escolas a devida relevância à Revolução Constitucionalista de 32. No entanto, a vida de minha família sempre tangenciou os fatos históricos envolvendo a citada revolução.

Juntamente com meus pais, sendo minha mãe, Aparecida, irmã de Fernando, eu e meus irmãos vivemos por muitos anos no bairro do Butantã,

nesta capital, trafegando pelas ruas Martins, Miragaia, Dráusio, Camargo e Alvarenga. Segundo a obra “Os Engenheiros de São Paulo em 32: pela lei e pela ordem”, de Arthur Morgan, editada em 1934, o projeto inicial do TB-1, ou trem blindado no. 1, foi concebido numa parceria entre a Cia Ferroviária Sorocabana, a Escola Politécnica de São Paulo, onde meu irmão Sergio é atualmente professor titular, e o IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas, onde meu pai teve grande atuação.

Abro aqui um parêntese para informar aos presentes que meu irmão, Sérgio Médici de Eston, igualmente honrado e grato com esta homenagem, infelizmente não está aqui presente, porque permanece hospitalizado.

*Assim, ao sermos procurados pelo professor Jefferson Biajone, solicitando a autorização para resgatar e trazer nova edição digital da obra **TREM BLINDADO** de meu tio Fernando, voltam nossas vidas novamente a entrelaçar-se com este importantíssimo fato histórico.*

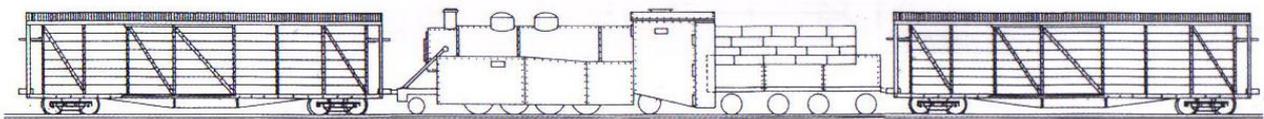
Só posso, portanto, agradecer a todos os envolvidos esta maravilhosa iniciativa, que a nosso ver contribuirá para a divulgação da Revolução, de seus personagens, e de seus heróis.

Muitíssimo obrigado.

Jorge Médici de Eston

Por fim, desejo encerrar esta nota de introdução agradecendo a todos que direta e indiretamente contribuíram para que **TREM BLINDADO: Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932** (Regional, 2019) viesse a lume e convidar o leitor a virtualmente folhear suas páginas, conhecendo assim um testemunho de fatos ocorridos há mais de oitenta anos, fatos estes que lhe propiciarão conhecer o desprendimento, a bravura, a pujança e o patriotismo de brasileiros que terçaram armas pela Constituição, pela Liberdade e pela Democracia durante aquele que considerado é o maior movimento cívico da História de Estado de São Paulo.

A todos uma excepcional leitura e um profícuo compartilhamento desta obra, propiciando, assim, que o



TREM BLINDADO

do Voluntário 3º Sargento Fernando Penteadó Médici continue sua marcha célere na linha férrea de nossa História.

(*) Professor. Presidente da Comissão Organizadora de **TREM BLINDADO: Edição Digital Rememorativa da Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932** (Regional, 2019).

Prefaciador Convidado

Epopéia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Afrânio Franco de Oliveira Mello (*)

Estava eu, Afrânio, na casa do Dr. Uedney Junqueira do Amaral, Juiz de Direito em Itapetininga aposentado tratando dos acertos para o lançamento do livro *Loja Firmeza – 164 anos de História* (Regional, 2018), pois ele era o Presidente da Comissão de História responsável pela obra e eu, membro encarregado de sua finalização junto a Gráfica Regional.

Acertos feitos, vem a senhora do Dr. Uedney Junqueira do Amaral, D. Maria Augusta do Nascimento Amaral, com uma bandeja e um bule de café e torradas. Que delícia.... Café forte, gostoso e, é claro, não fiquei sem repetir.

Vem a baila o assunto da Revolução de 1932, falamos então sobre o livro **CRUZES PAULISTAS** (Regional, 2017) e outras obras comemorativas recentemente publicadas pela Gráfica Regional quando D. Maria Augusta nos diz: Meus dois irmãos Aureliano e Alcyr lutaram na Revolução de 1932, um no Batalhão 14 de Julho e o outro no **TREM BLINDADO!**

Entusiasmado pela revelação, uma vez que já me era conhecida a lendária atuação daquele batalhão universitário e do referido **TREM BLINDADO**, solicitei a ela os nomes completos, datas de nascimento, filiação e outras informações pertinentes de seus irmãos, consignando assim uma justa homenagem aos irmãos combatentes, sua irmã e cunhado, meus amigos de longa data.

Aureliano César do Nascimento, conhecido na família como Lano era filho do capitão Augusto César do Nascimento Filho e de D. Adolfa Cesar do Nascimento. Seu pai Augusto César, durante a revolução de 1932, foi Prefeito Municipal de Sorocaba. Digna também foi sua atuação como Maçom junto aos quadros da Loja Perseverança III, da qual veio também ser seu presidente.

Aureliano nasceu em Sorocaba a 6 de agosto de 1910. Após uma infância e adolescência despreocupadas, mas de grande dedicação aos estudos, logra ele se licenciar Matemática com distinção no *Mackenzie College* (atual Universidade Mackenzie) e a ser professor ao longo de toda a vida adulta, coroada que foi com a criação e o cuidado dos trezes filhos que teve com D. Ester Bueno de Camargo Nascimento, a saber, Francisco Augusto, Alcyr Eduardo, Esther e Alice (Gêmeas), Cecília, Roberto, Franklin, Dulce, Amélia, Marco Aurélio, Aureliano Filho, Maria Macária, Guilherme Rodolfo e Adolfo Ricardo. Contou-me D. Maria Augusta que todas as suas seis filhas tinham “Elisabeth” como segundo nome.

A par da felicidade que muito marcou a vida do casal Aureliano e Ester, há também a felicidade de Aureliano ter sobrevivido a revolução constitucionalista quando da sua participação em um dos episódios mais extraordinários daquele movimento que foi a ação do **TREM BLINDADO** no Combate de Buri ocorrido nas jornadas de 25 a 26 de julho de 1932.

Registrado em testemunho escrito por Atugasmin Médici Filho, companheiro de Aureliano no **TREM BLINDADO** na época e que a posteriori teve seu testemunho publicado no livro *Chorando e Rindo* do ex-combatente Cornélio Pires (Ottoni, 2007), a porção do Combate de Buri que coube ao **TREM BLINDADO** e sua corajosa guarnição a comando do intrépido 1º tenente Affonso Negrão colocou em relevo não só a coragem de Aureliano como também de seus camaradas, possibilitando com que os paulistas suplantados pela superioridade inimiga pudessem retirar para Itapetininga.

Conta o soldado Atugasmin que ao redor das duas horas da tarde encontrava-se o trem pouco mais de dois quilômetros da estação ferroviária de Buri em direção à estação de Rondinha quando surpreendido foi por massiva força adversária. No choque inevitável, as metralhadoras existentes no interior dos vagões do trem ceifaram muitas vidas, mas atingido em vários pontos, alguns dos projéteis e estilhaços de granadas inimigas conseguiram adentrar a blindagem do trem, atingindo o soldado Aureliano na coxa direita enquanto alimentava com munição uma das metralhadoras.



Com o ferimento de Aureliano e a crescente avaria do **TREM BLINDADO**, agora alvo de tiros de granadas e até de peça de artilharia, o tenente Affonso Negrão ordena ao maquinista que retorne a estação de Buri, onde então Aureliano é atendido e encaminhado à Santa Casa de Itapetininga.

Naquela ação da tarde de 25 de julho de 1932, Aureliano e cinco outros companheiros seus, todos do lendário batalhão universitário 14 de Julho, voluntariamente integraram a guarnição do **TREM BLINDADO** que composta foi também de soldados da Força Pública (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo). Com o ferimento em combate, a revolução para o soldado Aureliano assim se encerrava, mas não para seu irmão Alcyr César do Nascimento, que também como ele, pertencia ao Batalhão 14 de

Julho. A foto acima mostra os dois irmãos fardados em momento de convalescência de Aureliano em Sorocaba, o qual precisou ficar de cadeira de rodas por algum tempo em face do ferimento por tiro de fuzil que trespassou sua coxa direita quando em ação no **TREM BLINDADO**.

Alcyr César do Nascimento nasceu em Sorocaba no dia 22 de setembro de 1912. Formou-se engenheiro químico pela Universidade de São Paulo, tendo trabalhado por muitos anos no Instituto Agrônomo em

Campinas. Foi casado com a Senhora Iná Simões Aguiar do Nascimento e com ela teve uma filha, Lara Aguiar do Nascimento Frenhani.

Alcyr não integrou a guarnição militar do **TREM BLINDADO**, mas participou de fio a pavio na revolução no Batalhão 14 de Julho, tendo sobrevivido ao formidável Combate do Cerrado ocorrido a 17 de setembro de 1932 em Capão Bonito, próximo às margens do Rio das Almas, episódio cuja ferocidade nos faz lembrar do cerco sofrido por 300 espartanos em Termópilas perante milhares de soldados do Rei Xerxes em 480 A.C.

A última atuação combatente do soldado Alcyr por São Paulo foi na defesa do bairro Taquaral Abaixo, também em Capão Bonito, com o findar da revolução nas jornadas de 2 a 4 de outubro de 1932.

Como eu disse anteriormente, o testemunho do soldado Atugasmin Médici Filho acerca da participação de Aureliano junto ao **TREM BLINDADO** foi transcrito na íntegra do livro *Chorando e Rindo de Cornélio Pires* (Ottoni Editora, 2007) e nesta edição digital se encontra publicado. Nele, o leitor poderá também se emocionar como eu me emocionei ao ler sobre a ação de combate e o ferimento recebido por Aureliano.

Agradeço ao prof. Jefferson Biajone, ao Sr. Luis Roberto de Francisco (presidente da Academia Ituana de Letras) e em especial à jornalista Ditinha Schanoski (também desta ínclita academia), cunhada de meu amigo e radialista Vicente Schanoski, funcionário da agência do Unibanco de Itu que fui gerente em 1977, ano que também lecionei no Colégio Junqueira Ortiz daquela cidade na matéria de Contabilidade de Custos.

Jefferson, Luis Roberto e Ditinha estiveram em contato com a senhora Maria Inês da Silveira, viúva do Sr. **Mylton Ottoni da Silveira**, professor e proprietário da editora Ottoni, de quem em vida fui muito amigo e que nos deixou saudade com seu falecimento em 6 de agosto de 2018.

Com a autorização de D. Maria Inês foi possível resgatar o testemunho do soldado Atugasmin e ao tê-lo publicado na sua íntegra nesta edição digital rememorativa de **TREM BLINDADO** (Regional, 2019) possível foi resgatar também a memória dos irmãos Aureliano e Alcyr sobre quem muito me sinto emocionado e honrado em poder lembrar, falar e escrever a respeito.

(*) Genealogista e vice presidente do Portal Paulistas de Itapetininga.

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Antonio Valdir Gonçalves Filho (*)

Fiquei muito honrado com o convite do meu amigo Prof. Dr. Jefferson Biajone para ser um dos prefaciadores desta edição digital rememorativa de **TREM BLINDADO** (Regional, 2019), obra raríssima que relata a epopeia dessa máquina mortífera no Setor Sul de nosso Estado de São Paulo, guarnecida por bravos do Batalhão 14 de Julho e da Força Pública de São Paulo sob comando do intrépido Capitão Afonso Negrão.

Honrado também por justamente ter essa oportunidade num momento que este sorocabano está comandando o Comando de Policiamento do Interior 7, responsável pelo policiamento preventivo ostensivo em 78 municípios da nossa região e que boa parte da história esta relacionada a municípios da região, com destaque para Buri e Itararé, cujos trilhos cruzavam algumas cidades guiando o temido **TREM BLINDADO** nas suas missões, deixando suas marcas por onde passava.

Já ouvi muitas histórias, mas ter agora, a oportunidade de termos tudo isso revelado com exatidão numa obra prima, realmente é algo marcante, pois sempre que passo por Buri e Itararé, vem à lembrança as velhas histórias contadas pelos mais antigos, em especial aquela em que supostamente o trem veio a afundar, após um combate, em Itararé, bem próximo da divisa com o Estado do Paraná, uma das portas de entrada das tropas vindas do sul.

TREM BLINDADO traz à memória mais uma arma ou ferramenta de guerra, assim como a matraca, inventada pelos paulistas, guarnecida pelas tropas da Força Pública, atual Polícia Militar, que se mobilizavam junto com voluntários para defender os ideais de 1932, buscando de forma criativa surpreender o inimigo, dado a inferioridade numérica que por aqui tínhamos.

Vem ainda enobrecer o valente, corajoso e astuto Tenente Afonso Negrão, grande líder, que mobilizava suas tropas no terreno paulista conquistando batalhas.

Enfim, mais uma grande obra para enaltecermos os grandes feitos dos “heróis de 32” e valorizarmos nossa história, servindo de exemplo para as futuras gerações.

(*) Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo e Secretário de Segurança Pública de Sorocaba/SP.

Prefaciadora Convidada

Epopéia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Camila Lourenço Giudice (*)

Quando o trem fantasma se aproxima e avista o soldado na linha inimiga, adentra os trilhos de forma sorrateira e sinistra. Camuflado em aço a que deve se temer, abriga soldados com sorriso perene, pois a vitória nos trilhos é certa!

Blindagem contra os inimigos da terra paulista, cujas trincheiras vertem em sangue as lágrimas das mães que um dia deixaram seus filhos partir.

Campos em fuzis armados de esperanças, bornais nutridos com o amor de quem um dia fez aliança com a morte em batalha.

Os grandes fachos de luz estão a surgir, em um embalo desenfreado sedento de conquista.

A terra treme, o gosto metálico do sangue é o do banquete servido em trilhos onde a morte é certa.

A noite é uma profecia de rajadas das metralhadoras, que formarão um céu de estrelas cadentes.

Chapas intransponíveis, como o brio daquele que luta pelo ideal maior! O fervor de quem acredita, que enfrenta todas as temeridades, daqueles que tem a sorte grande de atravessar o Vale do Paraíba, abrindo caminhos nas trincheiras, mostrando uma São Paulo forte, inabalável, em cores de guerra. Uma São Paulo que não desiste, que não se rende.

Blindagem de amor, em grande arma constitucionalista!

TREM BLINDADO, segue seu trilho na corrida da história! Dispare seu canhão em salvação à uma terra que não pode ser perdida.

Herói de aço, em seu caminho destemido percorra levando a bandeira das treze listras em sua incursão patriótica.

Represente todos os que levantaram em sua resistência incontestável, faça a terra tremer, a cada incursão, deixe seu rastro, seu passo de soldado.

(*) Artista Plástica, produtora cultural e entusiasta de 32.

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Celso Rodrigues da Silva (*)

Não pretendo falar só do trem, mas do tempo, do tempo passado, do tempo presente, do tempo futuro. O tempo de Fernando um tempo de desesperança, de agonias, de incertezas, de mazelas, arrastava multidões se acotovelando nos famosos comícios da Praça da Sé, mas de sonhos, de imortais, afinal, eram jovens.

O tempo passou, a desesperança voltou, com ela a agonia, a incerteza, as mazelas, a corrupção, metástase do Estado, com seu pai, mãe e padrinho, aquele, hóspede por doze anos em Curitiba. Parece que tudo está se repetindo, com personagens diferentes, motivos diferentes, mas agora, não temos para onde recuar ou sucumbimos junto à Nação.

Eis que desponta uma figura enigmática, daquelas que não se esconde nos momentos difíceis, não abandona as trincheiras, não se corrompe - por ideias ou dinheiro, nunca deixa de reconhecer quem merece e de dar nomes aos que não, acendeu-se novamente a esperança e como vocês, entendemos e não aceitamos o que está por vir, sabemos que temos que lutar, não só pelas nossas, mas pelas vidas das gerações seguintes.

Como no tempo passado, a multidão voltou: seguindo, gritando seu nome, seus slogans, acotovelando-se nos mais diferentes rincões desse país, a carregá-lo nos ombros, um ídolo das multidões, a luz no fim do túnel, afinal. E só quando o tempo passado alcançou o tempo presente, conseguimos entender os penosos anos de 1924, 1930 e 1932 que viveram. O desespero de ver sua terra arrasada, seu Estado aos poucos consumido, o inimigo da trincheira nas Instituições, vilipendiando, menosprezando, destruindo, humilhando, diminuindo, era pela Constituição, também, mas mais pela dor, pela vergonha de ver nossas cidades e nossa Capital sob um comando “estrangeiro”.

E Fernando, como você, ainda pagamos por aqueles que retrocederam. O Estado era forte e resistiu, mas nossa cidade, a terra de Júlio Prestes, foi aos poucos desmontando, desfalecendo, estagnando, autofagiando-se, não por maldade, mas por necessidade, e as brincadeiras do trem de Ramal da Fome incorporando-se como sinônimo de atraso social, de pobreza, de miséria.

E numa região tão rica? Sim. Perdemos nossas boas escolas, nosso imponente Quartel do 8º Batalhão de Caçadores Paulistas (atual 8º BPM/I), investimentos, representação, o futuro, não só o vagão restaurante, também o trem, perdemos quase tudo, mas como vocês, não o orgulho da terra que nascemos ou vivemos. Não foi por acaso esse

desmonte, foi vingança, foi pobreza de espírito, foi mesquinhez política, e só recentemente começa a reverter, mas ainda timidamente.

Como no tempo passado, no tempo presente o manto da escuridão ameaça se desfraldar novamente, agora não só sobre São Paulo, mas sobre toda a Nação, nossas armas são outras, mas o inimigo agora vem de todos os lados, não usam mais farda, não obedecem ao comando de homens de bem, mas a uma ideologia vermelha, ultrapassada, importada, que tanto mal fez e faz ao mundo e ao nosso país.

Rechaçada num passado recente, sucumbiu, mas por benevolência ou descuido, renasceu e está nos ferindo de morte no que temos de mais sagrado: nossa família. Infiltrou-se nas nossas casas, escolas, meios de comunicação, trabalho, justiça, governo, igreja e avança para infiltrar em nossa alma.

Nossa batalha não será nos gélidos meses de julho e nos campos abertos de Capão Bonito e Buri, mas em outubro, ou o sangue daqueles do tempo passado e de muitos outros até o tempo presente terá sido em vão.

Não cavamos trincheiras, nem usamos fuzis, baionetas, equipamentos de sapa, ou o **TREM BLINDADO**, mas usamos o legado deixado pelos corajosos, honrados e sonhadores guerreiros do tempo passado: a democracia, a constituição, a eleição, o voto, por isso o teu livro é mais que um tratado acadêmico, é a verdade de uma época que ainda estudamos e pouco entendemos.

Transcrevo, Fernando, três estrofes da música “A ordem do inverso”, de Juliana Franco, interpretada pela jovem cantora Lusseff Leitão, no Festival de Música Popular Paraense, em 2015, ela resume, em poucos versos, o tempo presente, um tempo que te daria calafrios e aqueles que abandonaram a trincheira, teriam o seu perdão.

*Roubaram meu amor pelo Brasil
Tiraram minha paz e ninguém viu
Levaram do meu bolso a carteira
A Ordem e o Progresso da bandeira
Roubaram o remédio do hospital
A verdade do espaço eleitoral
Roubaram a galinha do quintal
Compraram a manchete do jornal
Roubaram as grades da prisão
Colocaram nas janelas, no portão
Do hino roubaram a Pátria Amada
E a futilidade é idolatrada...*

E assim ela vai descrevendo, como Guilherme de Almeida brilhantemente o fez na canção do Expedicionário, enaltecendo um Brasil

que já não existe mais, o tempo presente, com tristeza, indignação, melancolia, mas com grande precisão e dá um parâmetro da nossa enorme missão, enfrentar um inimigo praticamente invisível, organicamente nas Instituições, que não nos ataca de frente, que rouba o remédio do hospital, as grades da prisão, a paixão do futebol, a imagem da igreja, do casal a paciência, da criança a inocência, dos pais a autoridade, pois o exemplo não tem mais, do museu a velha tela, incendiando-o com sua incompetência, comprando o juiz e o tribunal.

Mesmo ferido à traição, sob o comando de um capitão, reverter tal situação, eis nossa missão.

(*) Tenente-Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo, formado pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito, Mestrado pelo Centro de Aperfeiçoamento e Estudos Superiores da Polícia Militar de São Paulo e pesquisador da história paulista.

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Daniel Baron (*)

É com muito orgulho e imensa alegria que recebi o convite para compor a honrada lista de prefaciadores desta magnífica obra literária de nossa terra bandeirante: **TREM BLINDADO**.

Considero-me um jovem entusiasta daquele que foi, e é até hoje, o Movimento Cívico mais relevante de toda a imaculada e riquíssima História do nosso maravilhoso Estado de São Paulo. Honrado me sinto por ser filho desta terra e por caminhar neste mesmo solo sagrado, que permitiu correr, sob trilhos de ferro, majestosos artefatos mecânicos, legítimos carregadores de bravos paulistas à causa de São Paulo.

TREM BLINDADO, que participou e defendeu estoicamente nossa terra, repeliu tropas inimigas sob a coordenação de verdadeiros Heróis paulistas da mais distinta e cristalina coragem, total abnegação, brio e, acima de tudo, caráter inexpugnável. Ao adentrar um pouco mais nossa memorável História bandeirante, percebo o quanto estes valentes Heróis, bravos paulistas de bem, tiveram o privilégio e justo merecimento de conduzir estas que foram, e sempre serão, maravilhas da engenharia paulista: os "*Fantasmas do Sul*".

Panteão de bravos Heróis, **TREM BLINDADO** lança luz sobre as atuais e próximas gerações, a ousadia e superação de um povo que, em sua totalidade, mesmo diante de todas as mazelas impostas por um governo central ditatorial, polariza seus esforços em prol de um ideal comum a toda nação.

Tudo por São Paulo! Leais e combativos Guerreiros Constitucionalistas, com o firme propósito de defender os mais legítimos anseios de uma jovem república, ouse afirmar que vós sois nossos dignos Heróis.

Paulistas pelos Paulistas... Paulistas pelo Brasil! Sem dúvida, não existiu brasileira ou brasileiro mais patriota que o povo paulista!

"*Os trilhos da Sorocabana tremeram ao deslizar do **TREM BLINDADO**...*" Os trilhos pagam tributos a nossos bravos guerreiros. O solo desta pátria, irrigado pelo seu sangue paulista, fecunda uma nação com a égide da mais pura, digna galhardia e amor por este povo...

"*Avança o blindado até a estação...*" Salve, nosso memorável **TREM BLINDADO**. Que a pujança de seus feitos, somados ao bravos feitos paulistas, jamais serão olvidados por outrem. Saudações Constitucionalistas, nossos bravos Heróis! *Pro Brasilia Fiant Eximia*. Para sempre o lema de todos os paulistas! São Paulo vence! Em frente para a vitória!

(*) Cidadão paulista de Piraju/SP, professor da UFSCar *campus* Lagoa do Sino e entusiasta da Revolução Constitucionalista de 32

Prefaciador Convidado

Epopéia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Drausio Roberto Vieira (*)

Entre a surpresa e a admiração, no segundo semestre de 2017 fui brindado com o contato telefônico de um conterrâneo itapetiningano, Afrânio Franco de Oliveira Mello, reconhecido genealogista e vice presidente do Portal Paulistas de Itapetininga.

O inusitado ganhou melhores contornos tão logo o ilustre genealogista deslindou seu propósito: tendo em vista a participação ativa de meu finado genitor, Durvalino Vieira, na Revolução Constitucionalista de 1932, como combatente, indagava acerca da possível manutenção em minha residência de objetos ou documentos relacionados ao marco histórico.

Embora privado do convívio com meu genitor em tenra idade, por precoce óbito, cresci embalado por sua honra e orgulho de ter feito parte de inolvidável período de nossa história pátria – não foi ao acaso a escolha de meu nome ter coincidido com o do jovem paulista de inicial “D”, ceifado conjuntamente com outros três na manifestação oposicionista de 23 de maio de 1932 – e que impulsionou a criação do movimento contra o governo varguista.

Meus parcos conhecimentos sobre a complexidade de todo o ocorrido limitaram-se aos bancos escolares – ainda assim, mantive acesa em meu íntimo a chama idealista que um dia iluminou meu pai, nutrindo-me com os ensinamentos docentes: a criação da sigla M.M.D.C. em homenagem àqueles adolescentes desejosos pela democracia do país no estado de São Paulo; a decisão de pegar nas armas e sair à luta, mesmo cientes que sua força militar e armamentos bélicos eram menores que os do governo; a esperança de se alcançar uma vida mais justa e igualitária. Em que pese a derrota do conflito armado, a insurreição paulista foi primordial para o panorama constitucional brasileiro.

Daquele momento interlocutório em diante, laborei com esmero à procura de materiais e arquivos de meu pai que pudessem, de alguma forma, contribuir com o já grandioso acervo acumulado pelos pesquisadores.

Em uma dessas buscas, encontrei extratos da obra **TREM BLINDADO**, da lavra de Fernando Penteadó Médici.

Na página 140, deparei-me com citação nominal de meu estimado progenitor, em passagem de retorno ao campo de batalha, juntamente com outros companheiros, para retomar os corpos de combatentes mortos (cadáveres conduzidos para Itapetininga, onde foram devidamente velados e entregues às respectivas famílias).

A breve leitura alargou minha ânsia investigativa; ampliou-se meu empenho coletor; os ânimos estimulados conduziram as buscas

subsequentes. Finalmente, em um sebo central, alcancei um original editado no ano de 1933 (com capa da célebre pintora modernista Anita Malfati), o qual degustei com avidez, porém saboreando cada palavra do autor que participou das operações do transporte que deu nome ao livro.

Por derradeiro, encontrei nos arquivos pessoais um quepe do Batalhão 14 de Julho. De posse dos materiais referidos, no dia 25 de agosto de 2018, viajei de São Paulo para Itapetininga na exclusiva missão de entregá-los pessoalmente ao Ilustre Professor Jefferson Biajone e ao notável Afranio Franco de Oliveira Melo, para engrandecer os arquivos e viabilizar novas consultas do Portal Paulistas de Itapetininga.

A ambos, externo meus sinceros agradecimentos pelo impulso provocado, o que me permitiu reavivar a memória de meu pai, partilhando princípios e ideais de uma época específica, mas que certamente foram força motriz para o resto de sua existência.

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Eduardo Negrão (*)

Sempre que alguma notícia ou algum informe da Revolução de 1932 chega ao meu conhecimento pela mídia, recordo-me saudosamente de meu falecido pai, Affonso Negrão, veterano dessa revolução que no setor sul do Estado de São Paulo teve por missão comandar o **TREM BLINDADO** e, posteriormente, o auto blindado 14 de Julho, duas armas da genealidade bélica paulista que naquele setor foram primeira vez empregadas durante o todo o conflito.

Meu pai não tinha muito o costume de contar episódios sobre sua participação na revolução e eu também, muito menino, pouca importância liguei na época em que poderíamos ter conversado mais a respeito. No entanto, durante minha adolescência pude tomar contato com muitas das histórias por ele vivenciadas em combate, em especial por intermédio de livros escritos por ex-combatentes que com ele lutaram no Setor Sul.

Em um destes livros, o intitulado **TREM BLINDADO** (1933) de autoria de Fernando Penteado Médici, meu pai foi citado nominalmente por diversas vezes por conta dele ter sido designado comandante da guarnição do Trem Blindado, a frente de dezenas de homens que dentro de uma composição ferroviária completamente blindada por uma combinação de chapas de aço, madeira e areia, tiveram seu batismo de fogo a 26 de Julho de 1932 no confronto contra forças adversárias na Estação de Rondinha, a alguns quilômetros da cidade de Buri onde estava em andamento uma grande combate naquela mesma data.

Ao ser designado comandante do **TREM BLINDADO**, meu pai se encontrava na condição de 1º tenente de 2º linha do Exército Brasileiro, posto que atingiu a 19 de outubro de 1926, após ter sido 2º tenente no 4º Batalhão de Caçadores daquela Força Armada.

Em um de seus documentos que ficaram de posse de nossa família, há uma carteira sua de membro efetivo da Legião Paulista, entidade que ele ingressou em 1926 e que na qual consta esses seus dados militares do Exército. Em busca de maiores informações, solicitei ao meu amigo prof. Jefferson Biajone que quando da sua visita ao Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro em julho de 2013, buscasse elucidar esses dados e datas, mas infelizmente nada foi encontrado, restando apenas os informes constantes em sua carteira, hoje uma importante relíquia em nossa família.

Não obstante, uma vez a frente do **TREM BLINDADO** meu pai teve sob seu comando militares da Força Pública do Estado de São Paulo e também voluntários do Batalhão 14 de Julho, estes últimos, jovens universitários paulistanos que foram seus amigos para o resto da vida.

Da vitória obtida no combate contra as forças adversárias em Buri e Victorino Carmillo, teve o **TREM BLINDADO** outras missões, pelas quais meu pai foi elogiado pelo comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul, o coronel Brasílio Taborda, que a 2 de setembro de 1932 o promoveu ao posto de Capitão por ato de bravura, tendo publicado em boletim interno do Setor Sul que meu pai era “a coragem em pessoa”.

O **TREM BLINDADO**, contudo, foi substituído pelo Auto Blindado 14 de Julho, que por não estar atrelado a uma linha férrea, tinha a vantagem de poder se mover pelos capões e estradas no Setor Sul.

Este automóvel blindado, que mais parecia um tanque de guerra por estar blindado até os pneus, teve meu pai e seus jovens companheiros daquele batalhão como guarnição, tendo entrado em vários outros confrontos com o inimigo, a citar os combates do Morro do Alemão (22 de agosto de 1932) e do Fundão (ambas localidades próximas a atual Floresta Nacional de Capão Bonito) ocorrido entre 31 de agosto e 1 de setembro de 1932.

Foi no combate do Fundão que o Auto Blindado encalhou e foi alvejado pelo inimigo que não poupou munição de fuzil e de granada para tê-lo destruído. Por sorte, soldados da Legião Negra e da Força Pública resgataram seus integrantes, salvaguardando a retirada deles, dentre os quais meu pai ferido por vários tiros de fuzil que ricochetearam dentro do veículo e o deixaram vacilando entre a vida e a morte.

Do que resultou desse épico episódio, os livros que anos depois foram publicados por seus companheiros de revolução não registraram, mas é conhecimento de nossa família que meu pai seriamente ferido foi na realidade socorrido pelo próprio inimigo, sendo que um irmão seu, também oficial da reserva do Exército Brasileiro mas servindo junto às forças contrárias, foi quem salvou a vida de meu pai, garantido o tratamento necessário à sua recuperação. No entanto, um dos projetis que o atingiu nunca fora removido de seu corpo, o que lhe incomodava sempre que precisava fazer longas viagens, em especial de avião.

No restante de sua vida entre nós, meu pai Affonso Negrão, soube continuar sendo o herói que a revolução conheceu, fosse nos pequenos ou grandes gestos, sempre resoluto, abnegado e dedicado ao próximo e ao bem comum.

Foi com misto de saudade e ao mesmo tempo de orgulho, portanto, que recebi do amigo Biajone o convite para ser um dos prefaciadores desta nova edição de **TREM BLINDADO**, que a meu ver, trata-se do maior testemunho escrito e relegado para as gerações presentes e futuras dos atos de bravura, despreendimento, idealismo e sacrifício realizados por meu pai e seus companheiros do Trem e do Auto Blindado na luta pela Constituição durante o maior movimento cívico da história do Estado de São Paulo.

(*) Paulistano, Jornalista e Professor Universitário

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Euclides Cachioli de Lima (*)

“...eles sobrevoavam próximo da ferrovia, ao avistarem o trem metralhavam os vagões com os soldados paulistas. Eu vi isso, meu pai dizia, abaixa, se esconde para eles não nos verem, eles são contra paulistas...”¹³

Com esse relato, a mim contado pelo meu saudoso *avôhai*¹⁴ Euclides Cachioli, passo a explicar sobre relíquias dos séculos XIX e XX, as quais durante seu avanço em apoio as tropas de infantaria levaram o temor a seus oponentes; porém suas glórias passaram e ficaram no esquecimento. Falo dos famigerados Trens Blindados.

Tais temidas máquinas de guerra começaram seu serviço épico na Guerra Civil Americana, cujo objetivo era a defesa de Filadélfia, Wilmington e Baltimore Railroad.

Se fizeram presentes ainda na Guerra franco-prussiana de 1870, e na Primeira e Segunda Guerras. Usados ainda na Guerra Russo-Japonesa.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a confiança das tropas recaia nos trens, vez que os veículos terrestres *tanques blindados* enfrentavam suas fases de testes. Equipados com canhões e abraçados por uma espessa armadura, os bons e velhos trens eram máquinas de combate perfeitas.

Na Polônia, durante a campanha de setembro combateram contra os alemães invasores. Outras tantas foram as façanhas com trens blindados ao redor do mundo, mas sem dúvida a mais marcante guerra se deu em solo Pátrio e Paulista.

TREM BLINDADO a obra de Fernando Penteado Médici, cuja a capa original foi desenhada e pintada por Anita Malfatti, traz em seu bojo os relatos das batalhas épicas da Frente Sul, guarnecida por Brasílio Taborda, o General, Affonso Negrão, o Capitão e seus desacreditados soldados do 14 de Julho, Batalhão Universitário Paulista, que no decorrer dos combates se mostraram valorosos, altaneiros e bravios combatentes.

Ler, entender, estudar a Obra de Fernando Penteado Médici é sem dúvida viajar aos rincões de Itapetininga, Capão Bonito, Itapeva, Victorino Carmilo e outras cidades do Interior Paulista.

¹³ Palavras do Ten PM Euclides Cachioli (*in memoriam*) quando discorreu sobre sua experiência, junto a seu pai José Guicholi (Cachioli), próximo a Guaxinduva, Município de Atibaia/SP, ao ver uma tropa de soldados paulistas sendo metralhada por aviões nacionalistas de Vargas.

¹⁴ **Avohai** é um neologismo criado pelo cantor e compositor brasileiro Zé Ramalho, e **consiste na aglutinação das palavras “avô” e “pai”**.

É ainda poder vivenciar a emoção de ter combatido em um magnífico engenho de guerra, que só por sua presença causava temor nos oponentes. Engenho este paulista na essência, desenvolvido e construído sob os auspícios da Engenharia da Escola Politécnica de São Paulo.

É poder entender o desespero dos Soldados Paulistas que passavam por Atibaia e foram alvejados por aviões Getulistas, pois ainda não corriam pelos trilhos da Bragantina os temíveis trens blindados.

O livro ainda relata os feitos do Nobre e Verdadeiro Comandante Affonso Negrão, o qual jamais permitiu que um soldado seu fosse chamado a atenção por outro comandante de tropa; pois confiava em seus soldados, afinal em um primeiro momento foram desacreditados por todos, mas mantiveram-se aguerridos, unidos ombro-a-ombro, fazendo com que o Batalhão de Estudantes se tornasse uma verdadeira fraternidade.

Lógico que todo brilho pode um dia ser ofuscado, e assim, foi também com o **TREM BLINDADO**.

A razão foi claramente a mudança dos métodos da guerra; porém o 14 de Julho não podia se render, ciente do brio de seus comandados o General Taborda entrega a Affonso Negrão uma nova “máquina da morte”, surge então a evolução, iniciam-se os combates junto ao AUTO BLINDADO, manteve-se o fogo, pois a vitória de um jeito ou de outro seria nossa. A vitória política seria Paulista.

Encerram-se as batalhas e as memórias se mantiveram graças aos que vivenciaram trechos de uma Epopeia, repassando tais memórias ao contarem suas lembranças ou como fez o Herói e Escriba Fernando Penteado Médici, ao debruçar-se aos papeis empunhando sua pena e gerando essa rara e importantíssima obra sobre o movimento Constitucionalista de 1932, a qual não se pode furtar a leitura, aqueles que amam São Paulo e glorificam seus Heróis.

Irmãos, às Armas! Sustentai o fogo, pois a vitória é nossa!

(*) Cabo da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Comendador da Ordem do Mérito Cívico e Cultural.

Prefaciadora Convidada

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Maria Helena de Toledo Silveira Melo (*)

Ao ser convidada para prefaciar esta nova edição de **TREM BLINDADO** de Fernando Penteadó Médici, eu me senti muito honrada e um tanto temerosa, se seria capaz de cumprir tal missão, pois falar sobre uma narrativa de um participante da Revolução Constitucionalista me pareceu uma tarefa difícil, mas ao discorrer da leitura, tomada por uma grande emoção, senti o dever de aqui deixar algo, mesmo que singelo, registrado para tão importante documento.

São tantos detalhes que chegamos a sentir os anseios, as esperanças, os medos e as realizações como se estivéssemos vivenciando junto aos soldados naqueles campos de batalhas.

O autor foi muito feliz e verdadeiro nos seus relatos e soube enaltecer os verdadeiros heróis. Com astúcia, sabedoria e coragem souberam, os Comandantes, enfrentar as dificuldades, que eram muitas, conduzindo seus batalhões de modo que as fatalidades fossem minimizadas.

A marca de coragem, solidariedade, civismo e amor à Pátria é a herança que o Soldado Constitucionalista nos deixa e ficará gravada para sempre na História de São Paulo e do Brasil.

Como disse o tenente Dr. José Maria de Azevedo certa feita, “Um paulista morre, mas não chora, nem geme”.

Com certeza será, para o leitor, emocionante sentir a paixão dos paulistas.

TREM BLINDADO é uma obra preciosa, rica em detalhes que enriquece as informações históricas paulistas, é um brilhante documento de como se desenvolveu, naqueles campos de guerra, a temível máquina de guerra criada pela engenharia paulista.

(*) Presidente-fundadora do Portal Trincheiras Paulistas de Jaguariúna/SP.

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Marinho Monteiro (*)

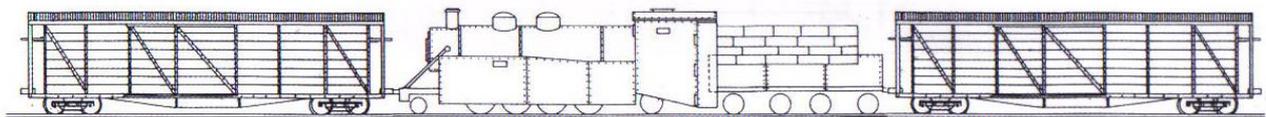
Gostaria de poder contribuir com a presente edição digital rememorativa de **TREM BLINDADO** (Regional, 2019) trazendo à luz fatos envolvendo esta máquina de guerra que se fizeram marcantes na História do nosso Estado de São Paulo durante a epopeia de 1932.

Quando eclodiu o movimento constitucionalista, São Paulo estava sem o necessário armamento, uma vez que Getúlio Vargas, em 1931, já havia retirado grande parte do arsenal bélico de nosso estado.

Mas a genialidade do povo Paulista, aliada à ideia do coronel Palimércio de Resende resultou na construção de máquinas de guerra para a revolução deflagrada em 9 de Julho de 1932. Uma dessas máquinas foi o **TREM BLINDADO** que muito honrou São Paulo nos campos de batalha.

Para que isso fosse possível, houve a cooperação decisiva dos Engenheiros da Faculdade Politécnica de São Paulo e do Laboratório de Ensaio de Materiais, tendo ficado a frente dos projetos os engenheiros Francisco Sales Vicente de Azevedo e Carlos Gavião Monteiro.

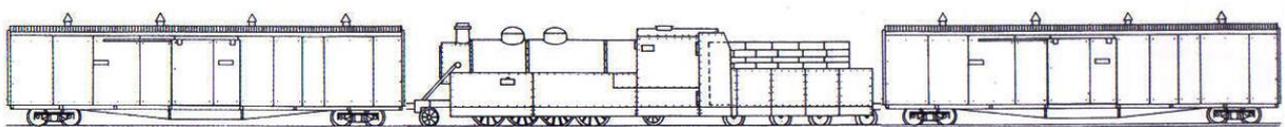
Logo ficou pronto o **TREM BLINDADO** de n.º 1, ou ainda, o TB-1. máquina de guerra cujo comando foi confiado ao intrépido 1º Tenente do Exército Brasileiro Affonso Negrão a fim de enfrentar tropa adversária no combate de Buri ocorrido em 25 de agosto de 1932..



tb-1

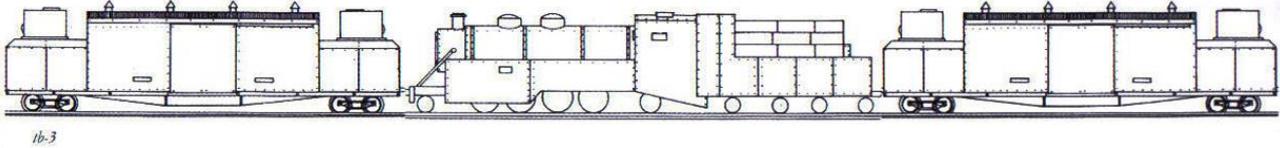
Durante esse combate que correspondeu ao batismo de fogo do **TREM BLINDADO** e de sua guarnição composta por militares da Força Pública paulista e voluntários do Batalhão 14 de Julho, dezenas de projetis da metralha inimiga trespassaram as paredes laterais dos vagões, ferindo o soldado Aureliano César do Nascimento, voluntário daquele batalhão.

As chapas internas de proteção das paredes laterais se mostraram insuficientes para o poder de fogo adversário. Como resultado, o TB-1 foi submetido a reparos e sua nova atualização, o TB-2 veio dotado com o reforço necessário nas paredes laterais e seteiras ampliadas para um maior alcance de seu poderio de fogo.



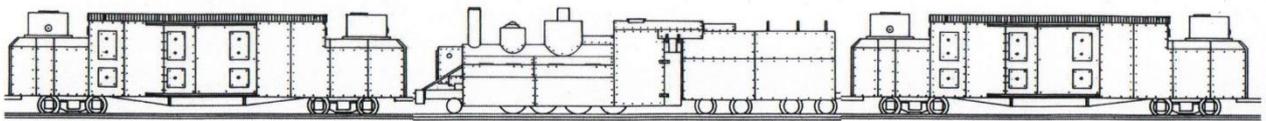
tb-2

Não muito depois, veio o TB-3, este além da reforçadíssima blindagem, contou com torres giratórias, tendo por destino o ramal de Ourinhos.

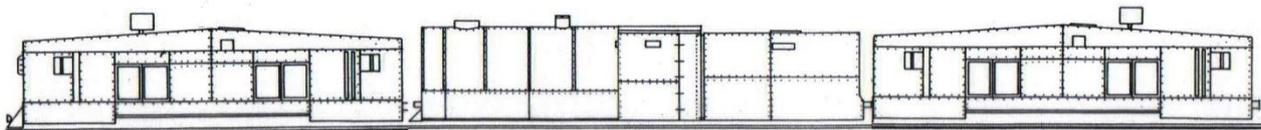


tb-3

Posteriormente, seguiram-se as versões TB-4/TB-5 e TB-6, esta última já no findar da revolução em outubro de 1932, ocasião em que vencido militarmente São Paulo, ordem emanada por Getúlio Vargas resultou no desmanche de todos os Trens Blindados, mas do TB-1 que lutou bravamente no Setor Sul algo persistiu para a posteridade.

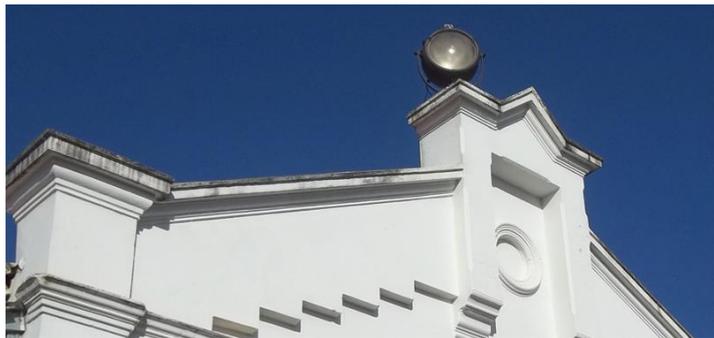


tb-5 / composições da Mogiana/Paulista. TB-4/5



tb-6 / composição da Central do Brasil

Atualmente em Buri, mesma cidade que o **TREM BLINDADO** teve seu batismo de fogo em 25 de julho de 1932, encontram-se cada um dos dois faróis do TB-1 em cada ponta da telhado de sua Estação de Trem. Quem os colocou lá a história não registrou, mas lá estão como testemunho do TB-1.



Outrossim, em meu livro, *1932 - São Paulo: a Máquina de Guerra* (Editora Redação Final, 2004), relato com profundidade a construção não só do **TREM BLINDADO**, como também de outras máquinas fabricadas na época, a citar o Auto Blindado e a Lancha Blindada, idealizada para operações militares no litoral de nosso Estado.

(*) Psicólogo e sociólogo. Diretor da ONG Makanudos de Jahvé. Colaborador Emérito do Portal Paulistas de Itapetininga.

Prefaciador Convidado

Epopeia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Mário Fonseca Ventura (*)

Desde que cheguei à Sociedade Veteranos de 32-MMDC, em 17 de maio de 1996, uma das perguntas mais frequentes nos eventos que se sucederam, era sobre o **TREM BLINDADO**.

Em princípio, minha primeira impressão era que apenas um desses mecanismos de guerra da revolução existia. Mas como? Um deles estava no Setor Sul e outro nas proximidades do Túnel da Mantiqueira? Nas leituras dos livros ficou a ideia de que eram dois trens blindados.

Em 1999, apresentava-se à Sociedade Veteranos de 32-MMDC, o Pastor Marinho Monteiro.

Ele tinha em mente a vontade de escrever um livro sobre os artefatos de guerra da revolução constitucionalista de 1932. Passou a trabalhar diretamente no arquivo da Sociedade. Artesanalmente, construiu uma miniatura do **TREM BLINDADO**, que encantou os visitantes do MMDC. Somente em 7 de maio de 2003 apresentou a obra concluída: *1932 – A Máquina de Guerra de São Paulo* (precisava, então, de patrocínio, para editar seu livro).

As dúvidas que tínhamos sobre o número exato de trens blindados no Movimento Constitucionalista de 1932 estavam sanadas. Ele explicava, em seu livro, com provas irrefutáveis, que eram 6 trens blindados que rodaram nos trilhos das estradas de ferro do estado: 3 na Sorocabana, 2 na Mogiana e 1, pertencente à Central do Brasil.

Hernâni Donato, em seu livro *A Revolução de 32*, cita Samuel Bacccarat que descreveu o **TREM BLINDADO**: “era uma verdadeira máquina infernal; instrumento inventado pelo Diabo. Dois carros: um de cada lado da máquina, tudo de aço e com pinturas futuristas, destinadas a confundir-lo com o terreno. À frente, um canhão 75, pelos flancos, metralhadoras pesadas. Ao alto, dois potentes holofotes. Quando o trem entrava nas posições inimigas, fazia funcionar os holofotes, iluminando as trincheiras adversárias. O caboclo nortista, desafeito dessas coisas, tomava-se de pânico, desabando pelos morros, inteiramente descoberto. Era o momento infernal das metralhadoras. Um rapaz da guarnição do blindado enlouqueceu ante o morticínio”.

Fernando Penteado Médici escreveu **TREM BLINDADO**, mas, no livro de Hernâni Donato vamos encontrar este trecho de Penteado Médici: “O **TREM BLINDADO** abriu a série de suas inesquecíveis façanhas. Sereno, como um gigante avançou... eles nunca creram na existência de um **TREM BLINDADO**, nas forças constitucionalistas. Ignoravam, talvez, a magnificência da engenharia paulista. Dois quilômetros e o inimigo à vista. Os homens avançavam, certos de que era um trem de mercadoria, ou de víveres

(realmente, como estava disfarçado) e, em posição de atirar, ajoelhavam pelos trilhos. As nossas metralhadoras picotaram os inconscientes. O despertar da solidariedade surgiu nos companheiros, que, rápidos, vieram buscar os feridos; e, como os outros sucumbiram. O espanto... a cólera... o medo... fez com que eles, correndo, fossem zigzagueando, no estertor da agonia. A nossa primeira impressão foi dolorosa. Pungente mesmo. Presenciar umas cenas destas”.

Paulo Duarte, comandante entusiasta de um blindado, autor do livro *Palmares às Avestas*, lembrando os dramas com os blindados, erros, mortes, onde, numa guerra tudo é possível, tudo se sucede, à página 56 narra:

Acordou-nos o Barbieri, anunciando a chegada dos mortos. “Que mortos: pois esta noite o **TREM BLINDADO** matou uma trincheira inteirinha nossa!” Corremos à estação. Sobre uma gôndola recém-chegada, oito feridos. Dois em coma. Uns gemiam. Outros sofriam em silêncio. Soldados em torno, assistindo à remoção para uma ambulância. “Está vendo, seu capitão! Em vez de acabar com o inimigo, acaba com os nossos!” “Como?”, interroguei de cara fechada. “O blindado que fez esse estrago!”. E à página 61: “O **TREM BLINDADO** semeara mais pavor aquela madrugada do que uma legião de fantasmas, dando uma carga”. “É incrível”, concluiu, “que uns patetas abrigados, garantidos dentro de um reduto de aço, não tenham calma para distinguir uma linha amiga de uma inimiga. A própria conformação da trincheira mostrava a impossibilidade de ser inimiga, pois, de costas para a nossa frente, só faltava uma tabuleta na beirada. Mas despejaram as metralhadoras, com uma volúpia negra!”

Em suas inúmeras palestras, o Coronel PM Luiz Eduardo Pesce de Arruda, é um entusiasta do **TREM BLINDADO** e, sempre ao violão, apresenta a marchinha de carnaval sobre o tema: Meu bem, pra me livrar da matraca; Da língua de uma sogra infernal; Eu comprei um **TREM BLINDADO**; Pra poder sair no Carnaval.

Os próprios combatentes apelidaram o **TREM BLINDADO** de “O Fantasma da Morte”.

O próprio Coronel Euclides Figueiredo, comandante da Divisão de Infantaria Operacional da Revolução de 32 disse o seguinte sobre os trens blindados, no dia 4 de agosto de 1932: “Causou pavor entre os ditadores que abandonaram suas posições”.

(*) Coronel reformado da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC.

Prefaciador Convidado

Epopéia da Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932

Rodrigo Gutenberg (*)

“Governar é abrir estradas”. Esta célebre frase do eterno e último presidente da República Velha, Washington Luís, desde seus tempos como executivo municipal e estadual era seu lema. E de fato construiu, para o progresso e para o veículo automotivo.

O projeto Plano de Avenidas, concebido pelo Engenheiro Francisco Prestes Maia e Ulhôa Cintra (participantes da Revolução de 32) em 1924 e depois ampliado em 1930, contemplava a expansão urbana e a criação de avenidas em torno de um sistema radial concêntrico. O complexo projeto também pensava, sobremaneira, no veículo automotivo. Era embasado na urbanização das grandes cidades europeias, mas, sem que contemplasse primordialmente a hidrovia e a ferrovia, tal como aquelas cidades fizeram.

Então, estes dois sistemas, ainda pequenos para o então tamanho de São Paulo que é o tamanho do Brasil, foram deixado de lado. Alexandre Delijaicov, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, explicou: *Moscou tem um sistema radial concêntrico. Lyon tem um sistema radial concêntrico. Viena também tem, a famosa Ringstrasse. Paris também tem. Só que o Prestes Maia, de modo maroto, sonegou a informação que antes de fazer o sistema radial concêntrico de avenidas, Viena já tinha o anel ferroviário, e antes do anel ferroviário, que é mãe da ferrovia, a hidrovia, Viena já tinha o anel hidroviário do rio... do Novo Danúbio. Paris também tinha o anel hidroviário formado pelo Sena, Saint-Denis e Saint-Martin. Moscú também tinha o anel hidroviário para depois fazer o anel ferroviário. Ele sonegou, como se estivesse queimando etapas. Ainda segundo Alexandre, o pensamento de Prestes Maia era o seguinte - eu vou queimar etapas, eu não vou passar pela hidrovia nem pela ferrovia, vou fazer uma única modalidade para o cara não ter alternativa, para poder realmente vender os carros senão eu vou dividir, vou vender trem, vou vender barco"*

De tantos projetos que viabilizavam as grandes avenidas e as estradas de rodagem o sistema ferroviário brasileiro findou sua ascensão que se iniciou na administração de D. Pedro II sob o fomento do Barão de Mauá.

Tanto a filosofia da ferrovia do Barão de Mauá como o projeto de Prestes Maia não se efetivaram, por conta de uma nova leitura de Brasil e os descartes das obras vigentes do PRP (Partido Republicano Paulista), pela Revolução de 1930. Mas, os projetos de estradas de rodagem foram largamente aplicados.

Em 32, o Estado de São Paulo, contra a ditadura tenentista-varguista, efetiva a Revolução Constitucionalista para a defesa do Brasil e sua liberdade.

Criou tudo que foi necessário para a manutenção da complexa guerra. Produziu-se de tudo. Desde um simples pacote de lanche até o **TREM BLINDADO** nas suas seis versões, verdadeiros fantasmas da Morte.

E foi justamente a malha ferroviária paulista, que até então transportara ouro verde, o café, passaria a deslocar a maior máquina de guerra constitucionalista, os trens blindados. Granadas de mão, morteiros, capacetes de aço, aviões e carros blindados e até lanchas blindadas.

O poderio bélico de São Paulo na revolução assustava o então comandante do Exército da 1ª Região Militar, General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, ainda mais depois que seu irmão, o então Capitão Cícero Augusto de Góes Monteiro, ter sido morto pelas forças constitucionalistas.

Rememorar os operosos trens blindados é rememorar a História de São Paulo anterior à Revolução Constitucionalista. Fazendas de Café, Escola Politécnica, Estradas de Ferro. Quando nos debruçamos sobre a História de São Paulo, seja pela literatura ou pela historiografia, surge um turbilhão de emoções.

A grandeza de São Paulo não se fixa exclusivamente aos desenvolvimentos materiais. Os prodigiosos inventos que tem posto à disposição de homens inteligentíssimos e persistentes seriam um corpo inerte, se a robusta vitalidade da civilização bandeirante não progredisse culturalmente. A matemática é a real inteligência do desenvolvimento de tudo que se tem em São Paulo e a virtude do amor é sua substância.

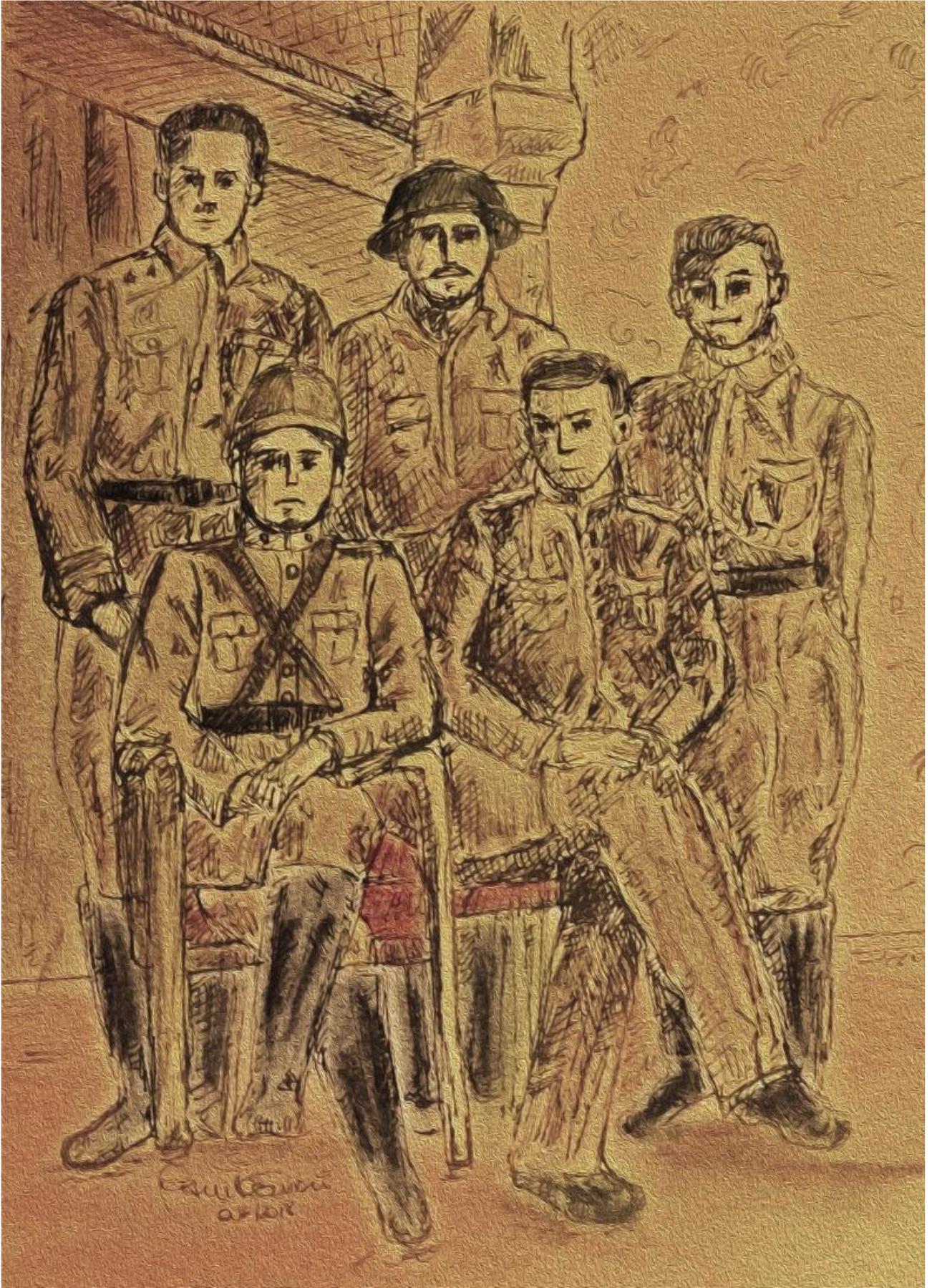
Paulo Duarte, Samuel Bacarrat, General Euclides Figueiredo, General Justino Alves Bastos, entre outros participantes do movimento constitucionalista relataram a participação dos trens blindados.

A cidade de Cachoeira Paulista, localizada no Setor Norte da guerra, tinha como prefeito em 1932 o Dr. Agostinho Ramos, e em seu livro – Recordações de 32 em Cachoeira e Sectores – a partir da página 165, relatou várias atuações gloriosas e os espectros fantasmagóricos. Ante a visão dos ditatoriais, sobre os trens blindados.

Uma das passagens no referido livro é a do Batalhão de Índios que retomou posição no Morro Verde, subsetor de Queluz, com o apoio do **TREM BLINDADO**, embora tenham perdido a posição, posteriormente.

O **TREM BLINDADO** que atuou na região até o dia 1 de outubro de 1932 dizimou muitas tropas ditatoriais e retornou para São Paulo, não incólume, pois sempre era metralhado e bombardeado. Porém, retornou vivo, resistiu aos mais severos ataques e não foi vencido, resistiu aos seus maiores inimigos, a destruição dos trilhos, das pontes e dos bombardeios aéreos. Resistiu à ditadura. São Paulo foi mesmo vencido?

(*) Professor e escritor, formado em História pela Universidade de São Paulo e Presidente do Conselho Fiscal da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC.



Dedicatória

*A mamãe Antonieta Penteado Médici;
e a papai Atugasmin Médici, voluntário do 1.º Batalhão da Liga de Defesa Paulista, com carinho e gratidão, o meu primeiro e talvez único livro.*

Em memória de José Maria de Azevedo, advogado, tenente do 14 de julho, morto, ao lado do Auto Blindado, no dia 26 de agosto de 1932, comandando vinte homens em seu pelotão.

A Aureliano César do Nascimento, estudante do Mackenzie, soldado do 14 de julho, ferido, gravemente, no combate de Buri, de 26 de julho de 1932, dentro do trem blindado...

A Thomaz Nunes da Fonseca e Atugasmin Médici Filho, este meu irmão, acadêmicos de Direito, meus companheiros de Companhia no 14 de julho; de carro, no Trem Blindado; de escolta, no Auto Blindado.

Um esboço de prefácio

Este livro!...

O que direi, ao leitor, para fingir de prefácio?

É um livro surgido, naturalmente, das lutas no Setor Sul: um zunir de balas de fuzil, numa tempestade de schrapnels.

Livro que procura relatar assunto novo:

Retiradas de Itararé e Itapeva. O 14 de Julho. Trechos do Diário do Major Arlindo. Depois, alguma coisa blindada: Trem Blindado, Auto Blindado e o que eles fizeram no célebre setor do coronel Taborda.

Um pequeno lance de vista, no Setor, tudo numa literatura de principiante.

Serve!...

E agora, meu leitor, “blinde” sua crítica com um tom de condescendência e perdão, a que fazem jus os autores, aos dezoito anos.

Podemos confiar?

Sinfonia de Abertura

*Ano e meio: a terra que chora, indefesa, invadida, injuriada, cavalgada de bota e de espora. E o paulista o que fez até agora? **NADA!***

IBRAHIM NOBRE

Nada?

Janeiro de 1932:

Comício monstro na Praça da Sé.

São Paulo, espantado, ouve os oradores, e sente a sua psique revolucionada com as frases arrojadas. E o paulista o que fez até agora?



Fevereiro de 1932:

São Paulo, contente diz: “Mais um comício na praça da Sé?”

“Muito bem! Precisamos preparar o espírito do povo”

O comício realiza-se: falam Valdemar Ferreira, Fonseca Teles, Roberto Moreira, Lourenção...

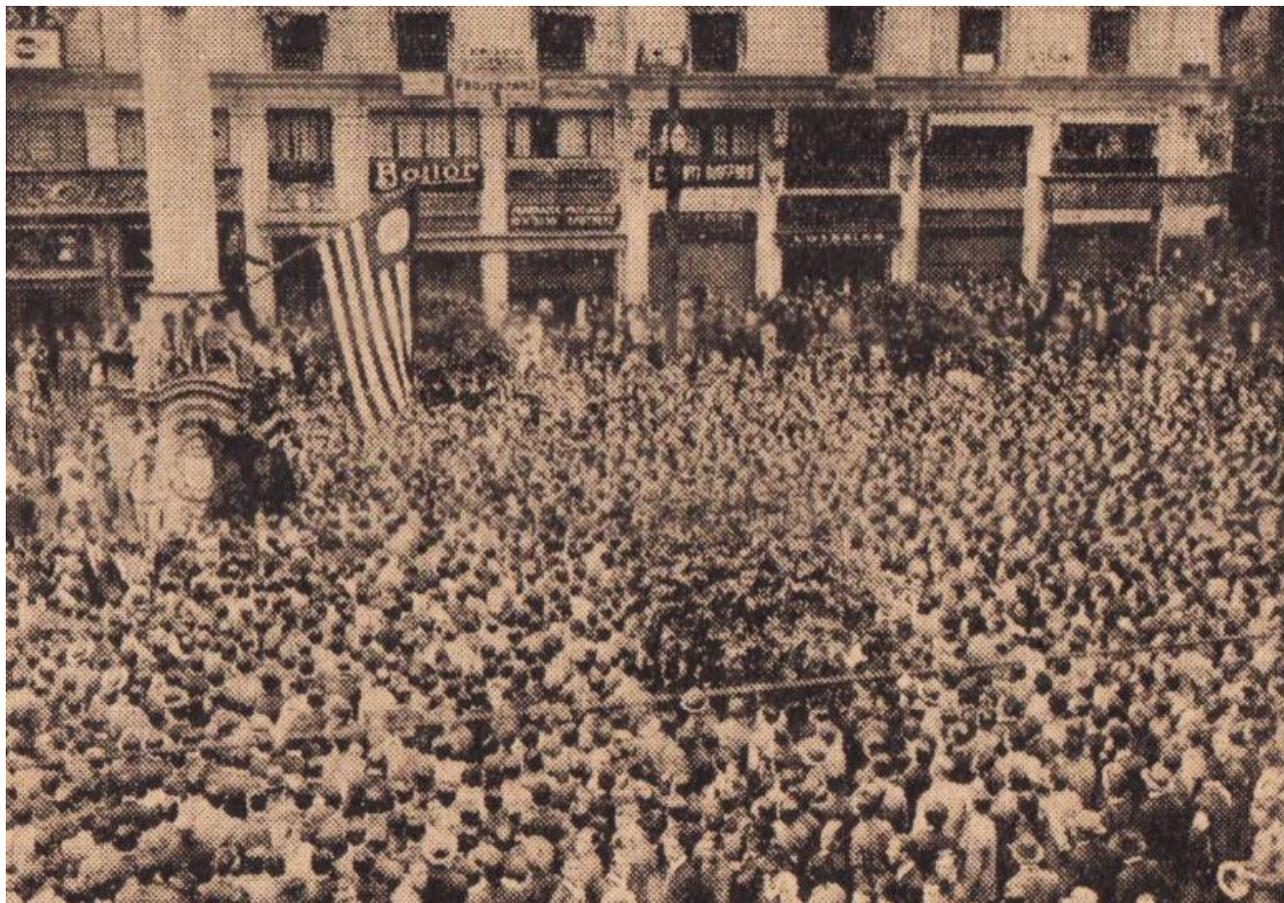
O operariado quer falar também. Que fale! E falou mesmo.

“Quanta gente, santo Deus! São Paulo é o milagre do Brasil”

Maio de 1932:

13 de maio. São Paulo, rejubilando-se, pede mais um comício:
 “Mais um! Mais um!...” E o paulista o que fez até agora?

A Praça da Sé fica sendo o centro da dignidade de um povo.

**Maio de 1932 ainda:**

São Paulo está caminhando da mesma forma.

O seu dinamismo não se perturba: o mesmo comércio formidável.

A mesma indústria fantástica.

São Paulo caminha... caminha... e não descansa nos seus anseios:

“Para frente, pelo Brasil!”

Maio de 1932 ainda:

Vejamos a cidade:

pedestres apressados tem na lapela o distintivo “Tudo por São Paulo”.

As garotas, de vozes aveludadas, estão radiantes com o sucesso dos comícios.

Na Academia há um intenso entusiasmo.

Ao lado, aquele prédio e aquele dístico:

“Liga Paulista Pró Constituinte”.

*Os moços, sempre organizando comícios,
“Num júbilo sadio de titãs adolescentes.”*

*A estrutura de José Bonifácio, o Moço, guia a voz de um orador imberbe.
Parece um movimento de regeneração do Brasil.*

*E é mesmo.
E o paulista o que faz até agora?*

Numa alucinação crescente faz o 22 de Maio!



São homens que seguem, em delírio, guiados pelo farol de uma dignidade, “a hora física” de São Paulo.

Fala Ibraim... e a fogueira se alastra.

E depois, e depois?...

Depois!

23 de Maio de 1932:

Uma multidão de coincidências que se desabafam.

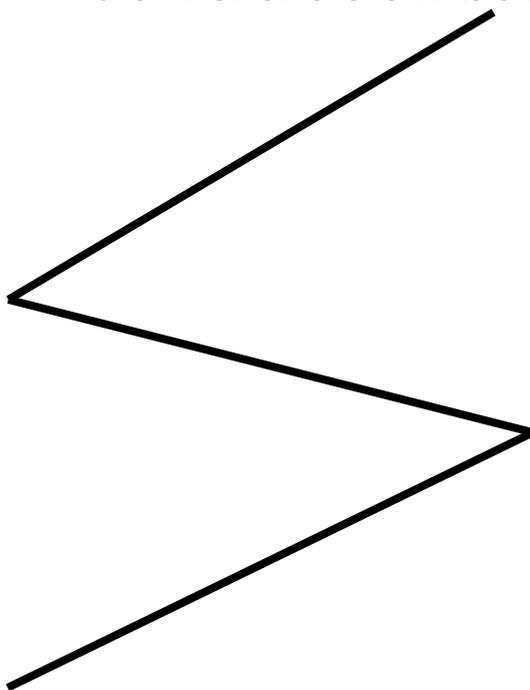
E nesse dia... alguém quis transformar a Praça da República, em campo de combate. Construimos as trincheiras do nosso pudor e dignidade.

Quatro que tombam. E um tumulto grandioso que se levanta: M. M. D. C.

Passa o 23 de Maio.



Há um silêncio em tudo!



Estava feito o 9 de Julho de 1932!

O FRONT

O 14 de Julho em Itararé. Seu povo. A retirada. Ligeiras considerações sobre o livro Carne para Canhão, de Clovis Gonçalves.

Estamos em guerra.

O trem se aproxima de Itararé.

Havia, em todos, uma ânsia de desembarcar. Realmente, aquela viagem de dezoito horas, mal agasalhados, enfrentando as rudezas de um inverno, em sua plenitude, num dormir intermitente, por baixo dos bancos, impulsionava-nos um desejo de libertação daqueles vagões sujos e dos corpos cansados para uma união com o sol, que banhava a cidade, numa radiante alegria...

Itararé!...

Foi a 15 de julho de 1932, às 8:30 da manhã, que essa palavra lendária da retaguarda, soava nos nossos corações.

Quantos meninos entre aquela mocidade, estuaste de entusiasmo!

Quantos homens naquela comunhão primaveril!...

A estação está, cá em baixo, no quilômetro 408 da estrada..., mas, a cidade está, lá em cima, namorando mais de perto aquele reinado azul.

Subimos. As horas se sucederam.

E o sinal de admiração gravado, momentos antes, no nosso primeiro olhar a Itararé, transformava-se horrivelmente numa reticência cruel...

Estamos numa cidade de corpo paulista e alma de outro estado. Foi, verdadeiramente, assim, que sentimos a última romântica da Aliança Liberal: embebida, ainda, das poesias de liberdade e das reivindicações daqueles que, em 30, passaram por suas ruas.

Quantos de nós não acompanhamos em 30 o diapásão gaúcho; e no entanto, lá estávamos...

O comércio, julgando-nos devastadores de propriedades, cerra suas portas.

A atmosfera da cidade sofre uma reação de constrangimento. Com a lanterna das necessidades, procuramos, em vão, naquela estrada escura de coincidências, um viajador desassombrado que comungasse com os nossos ideais.

Pobres e belas exceções!

Verdadeiramente, Itararé estava predestinada a cair¹⁵. E caiu.

A 18 de Julho, às 16 horas, a ordem de retirada foi transmitida.

Passou tanto tempo. E hoje, com serenidade, mas com o coração sangrando de revolta, eu vejo correr essas linhas sobre Itararé.

¹⁵ Itararé, a invicta, caía, num passe de magia; e o Adversário mesmo, esbarrava perplexo ante a facilidade do triunfo. Vide p.30 de BASTOS, Justino Alves. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932.

As anotações, as circunstâncias, fazem-me parar, Instintivamente. E as mesmas lágrimas derramadas, em Itararé, por aquela mocidade, dominam-me; e o mesmo espetáculo doloroso vibra nas minhas entranhas e impressiona a minha retina...

Acabou-se a história lendária do “Cavaleiro de Itararé”. Acabaram-se as lendas romanescas daquela cidade.

Caiu, para todos, a máscara da ilusão.

Realidade cruel!!!



Estação de Trem da cidade de Itararé, São Paulo. Local de desembarque das tropas paulistas durante a revolução. O Batalhão 14 de Julho aqui desembarcou na manhã do dia 15 de Julho de 1932. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Foram nossos comandantes em Itararé, primeiro, o major Mario Rangel; e, depois, o major José Garcia, ambos da Força Pública.

A cidade abrigava, além do 14 de Julho, o 8.º batalhão da Força, com sede em Itapetininga, e dois esquadrões de cavalaria.

Reclamamos, desde o dia 16, que nos mandassem para as trincheiras: todo soldado que ter, o mais depressa possível, o seu batismo de fogo. Sempre se negaram a isso.

A 17, enviam o 3.º pelotão da 3ª Companhia, enquadrado por elementos da Força Pública.

A 18, dia da retirada, mandam o resto da 3ª Companhia, deixando, inerte no alojamento, uma grande parte do batalhão.

Na tarde de 17, deu-se um fato assim:

Ouvimos gritos de: “As armas!... às armas!... Grande perigo! ...”

A corneta vibrou pelos pulmões do corneteiro reunindo toda 3.ª Companhia, armada e equipada.

Finalmente, ia ser satisfeito o imenso desejo de guerrear.

O entusiasmo foi indescritível!

As horas passaram: o perigo era tão iminente, que o reforço podia ser enviado a qualquer hora!...

O Dr. Albuquerque Maranhão, advogado em São Paulo, aproveitando os rapazes reunidos, tira diversas chapas.

A situação era tão periclitante que havia tempo de tirarmos fotografias... antes de combater.

Já era noite e nada!...

Afinal, a chepa: comemos, como sempre, arroz sólido, para enfeitá-lo com bolas de ferro, simulando feijão.

A 3ª Companhia passa, nesse dia, a ocupar o prédio do ex - Ginásio Rio Branco. Diz o Major Mario Rangel, numa carta, publicada no livro do coronel Herculano, que estava desprovido de mantimentos o batalhão que comandava.

Não o acusamos por isso: lamentamos, somente, que o sr. Mario Rangel não seja um oficial de fibra, capaz de improvisar, com os recursos do momento e da cidade, um melhor abastecimento... como tantos oficiais que, no decorrer da campanha, encontramos.

Um dia chamaram o batalhão, às 5 horas da manhã, para o café. Somente às 14 horas nos serviram, mas não café, mas um pedaço de carne para cada soldado.

Como soldados, não lamentamos passar fome e infortúnios. Achamos até honra nisso. Lamentamos, apenas, a desorganização e a incúria, por que, si de balas precisam de armas, os soldados precisam de boa e metódica alimentação.

Diversos membros da unidade 14 de Julho, escreveram e telegrafaram a São Paulo pedindo a mudança do comando...

É, agora, nosso comandante o major José Garcia.

A 18 estava o restante da 3ª Companhia no fogo, fazendo trincheiras, ou melhor, abrigos individuais com o auxílio do prato de alumínio e do sabre...

Recebemos uma ordem: – Oitavo à direita, naquele morro, descarregar toda a munição.

E lá se foi tudo, num morro sem gente...

Com recrutas acontece cada ingenuidade!

Na ala direita, verdade seja dita, um pelotão da Força Pública, comportou-se com denodo e estoicismo, num combate de minutos.

E foi só.

Quanto a nós, chegaram até a nos mandar procurar trincheiras construídas na Revolução de 1930, fazendo-nos passear por aqueles descampados, numa exposição imprudente ao inimigo ...

Bala porém, não veio, felizmente!

Às 14 horas, mais ou menos, soldados do esquadrão de cavalaria da Força Pública, simulando espanto e confusão, entram na cidade, a gritar: – Tudo perdido! ... tudo perdido! ...

Ao longo da estrada, soldados da Força Pública marchavam em retirada, alegando situação insustentável.

Era necessário que a nossa mocidade desse um exemplo de honra e dignidade a esses desanimados.

Reúne, então, Bento Lacerda de Oliveira, o seu pelotão, unicamente os que tivessem armas.

Uma boa parte teria que ficar.

Mas, como ficar, si todos queriam ir?

Ernani Lacerda de Oliveira, que não tinha fuzil, dirige-se a um soldado pobre e diz-lhe: – Tome 100\$000 e dê-me o seu fuzil. Eu quero ir para as trincheiras! ... – O soldado responde: – Nem por 500!

É assim a vida uns fogem do perigo; outros vão procura-lo.

Uns têm caráter. E outros?

Quem ficando, visse aquela debandada e gritaria, estava certo de que se partisse, iria morrer fatalmente.

Eis porque os rapazes do 14 foram quase todos confessar-se.

Que gesto bonito! Queriam partir, embora sabendo que poderiam para morrer!

Tinham certeza de ir para um matadouro. Precisavam, porém, dar um exemplo dignificante de amor á causa pela qual combatiam.

Em marcha, pelo caminho, encontram soldados, que desertam seus postos.

Um dos nossos, chega a um oficial deles: – Os senhores representam a honra de São Paulo e no entanto! ...

Quando chegou a ordem de retirada, esse pelotão do 14 de Julho, que estava certo de nunca mais voltar, nem sequer precisou dar um tiro ...

Honra seja feita aos dois oficiais da Força: Capitão Bio e Major Rodrigues Alves, que se portaram como HOMENS.

Sofremos um ridículo batismo de fogo.

E porque batemos em franca retirada?

O soldado não sabe geralmente das razões soberanas que levam os oficiais a dar certas ordens. Estas ordens igualmente nunca foram explicadas, na campanha toda.

Consideremos com as circunstâncias do momento.

Faltam homens?

Havia necessidade de tropas?

E porque razão, então, deixaram, até o último momento, inerte, no alojamento, todo batalhão?

O perigo era muito grande, pois, a ordem de retirada foi transmitida, às 16 horas. Entretanto, às 20 horas, ainda estava a 3ª Companhia na estação abandonamos a situação como covardes, sem oferecer resistência.

Houvesse só voluntários na cidade, e nunca Itararé cairia.

O soldado de tropa regular não é melhor do que o voluntário.

O melhor soldado é o digno, é o que ama a causa pela qual combate. E não é melhor só por que tem dois ou três anos de quartel.

Coragem, dignidade, amor próprio, honrabilidade, não se aprende com marchas imponentes na Avenida Paulista, em uniforme novo.



Ponte sobre a lendária barreira do Rio Itararé. Aqui tropas paulistas, fazendo uso do entricheiramento natural do terreno lutaram em defesa da cidade nas jornadas de 15 a 18 de Julho de 1932. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

A retirada foi um choque e um desaponto. Que corrente de desespero percorreu o sangue idealista daquela mocidade!

Interrogamos oficiais e estes se calavam. Injuriamos-los, no auge da indignação. E que cúmulo, calavam-se, também!

Seguramos oficiais... que e acovardavam.

Não, não podia ser! Precisávamos ficar. Custasse o que custasse!
Gritamos. Imploramos. Em vão!

Por fim ... havia quem chorasse.

Quantos não queriam, a todo transe, ficar sozinhos na cidade.

Seriam assassinados estupidamente, mas achavam mais digno do que uma retirada incompreensível.

Clóvis Gonçalves, oficial ditatorial, no seu livro apaixonado, porém com passagens vivas e emocionantes, *Carne para canhão*¹⁶, pela voz de Itararé, conclui palavras do povo de Itararé, afirmando:

Nas trincheiras reacionárias, segundo o testemunho dos itararenses, havia em parte voluntários das academias de São Paulo, enquadrados pelos soldados da Força Pública. Assim ficaram vários dias nas trincheiras alardeando, aos quatro ventos, que ninguém passaria a barreira do Rio Itararé. Ao se iniciar, porém, o bombardeio, a valentia de muitos eclipsou-se, completamente. Logo aos primeiros tiros, estabeleceu-se, de modo incrível, o pânico nas trincheiras reacionárias. Os cultos soldados das escolas superiores passaram a gritar, uns aos outros: “Sauve qui peut” utilizando-se de língua estrangeira, para garantir a retirada, à custa do sacrifício dos soldados da Força Pública. Que contraste imenso entre as bravatas da véspera e subsequente traição, dizem-nos agora os itararenses. Um oficial da Força Pública afirma que ainda, nas trincheiras, os soldados bem compreenderam o significado daquelas palavras, mas, ao medo, “embora lhes falecessem os recursos morais da inteligência culta, sabiam sobrepor o sentimento da honra e do dever” (GONÇALVES, 1933, p.24).



Oficialidade do Batalhão 14 de Julho em Itararé. Vemos os civis: Dr. Bento Lacerda de Oliveira, Dr. Talboux Quintéia, Dr. José Maria de Azevedo e Dr. Miguel Coutinho. José Maria de Azevedo, que morreu no combate do Fundão (atual Floresta Nacional de Capão Bonito), é o quinto da esquerda para a direita, em pé.

¹⁶ GONÇALVES, Clóvis. *Carne para Canhão! o front em 1932*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

Do povo de Itararé só podíamos esperar isso. Se ao menos tivesse trocado os papéis! O próprio Clóvis Gonçalves, à página 182 de seu livro, referindo-se a uma mocidade, diz:

Aqui – faça-se justiça – os soldados paulistas resistindo à metralhadora e às bombas dos aviões; resistindo à artilharia que martelou, durante dois dias, com cinco baterias; resistindo até ao fim, sendo presos de armas na mão, os soldados paulistas do Rio das Almas, criaram jus indefectível a elogios dos próprios atacantes ... e termina: Honra aos trinta e cinco prisioneiros do Rio das Almas (GONÇALVES, 1933, p.182).

Itapeva

A retirada. Itapetininga.

Itararé, lá atrás, a 68 quilômetros de Itapeva, recebe as tropas ditatoriais que se vangloriam de uma bela vitória: – Povo de Itararé!, diz o diapasão ditatorial, – Tomamos Itararé no mais ridículo dos combates da América do Sul.

Itapeva¹⁷, importante cidade dos rincões meridionais paulistas, recebe, em apoteose, os soldados da lei e da liberdade... pois, ela compreendia que a nossa retirada era tão estratégica ... quanto fruto da traição.

E nós vimos essa cidade de gente boa, querer abrigar, na fonte de onde corria o nosso inextinguível manancial de entusiasmo, toda a sua tristeza, pela queda de Itararé.

E foram grandes, no expandir de sua generosidade.

Cada família queria abrigar uma esquadra. E a cidade toda nos abraçou num complexo de solidariedade.

Isso começou, ao meio-dia, 19 de julho.

A 20, o povo pede uma missa campal. E depois, transformação da missa, em comício pró – Constituição. Discursos de Manoel Carlos Ferraz de Almeida, Djalma Forjaz Junior...

Ouvindo apelos para que falassem Sampaio Doria e Rafael Sampaio, soube da estadia daqueles professores da Faculdade de Direito, em Itapeva.

O Dr. Sampaio Doria, num tom entusiasmado e um tanto bombástico, longe do seu estilo, disse que, ao regressar a São Paulo, denunciaria aos chefes da Revolução, os traidores de Itararé.

Damos a palavra ao professor Sampaio Doria, para o relatório do que fez.

Partimos, nesse mesmo dia, para o lugar destinado a fazer trincheiras ao lado da estação, isto é, a três quilômetros da cidade.

Quando chegou à noite, felizmente, as trincheiras estavam prontas.

¹⁷ Em 1933, a cidade paulista de Itapeva era denominada de Faxina.

Queremos dormir e não podemos.” ao longo das trincheiras o vento sibila, chora como um desgraçado, raspando a pele dos soldados – um vento frio, tão frio, como a lâmina das baionetas”



Estação de Trem de Itapeva, São Paulo. Em retirada de Itararé, o Batalhão 14 de Julho aqui desembarcou a 19 de Julho de 1932. Foi ao lado desta estação que foram construídas as trincheiras relatadas pelo autor. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

O soldado cisma. Conversa baixo. Conta “papo”; e, depois, cai numa nostalgia terrível: saudade ... coisas, enfim que não sei contar neste livro.

Na minha trincheira, está uma rapaziada boa e valente: todos acadêmicos, menos o célebre Agostinho, herói das três campanhas.

Uns, estão contentíssimos por encontrar, na estrada, pouco abaixo, o Dr. Albano de Souza que, em sua fazenda, lhes dispensou um trato carinhoso, com cativante amizade.

Ao lado dessa mocidade, a gente até fica supondo que o medo é coisa que não existe, tal o contagiante entusiasmo que a todos liga.

O dia 21 entra triunfante, trazendo, um sol gostoso...

Chega o batalhão Borba Gato, unidade que, em toda a campanha constitucionalista, evidenciou uma atuação belíssima, destacando-se a companhia sob o comando do bravo Ernani de Oliveira. São moços do mundo intelectual de São Paulo.

Corre o dia, sem novidade: o inimigo, conforme reconhecimentos, está muito longe de Itapeva. Não há perigo algum.

No entanto, tramava-se...

E à noite, a estação de Itapeva é ponto para um montão de oficiais desanimados.

É provável que a lembrança dos bravos do Corpo de Bombeiros, que num comboio, garantiam a destruição de uma ponte em Engenheiro Maia, sob a metralha inimiga, os inquietasse.

Quanta miséria! E, ainda, há quem envenene a comida destinada ao batalhão “Borba Gato”!

Um oficial e um graduado se passam para as hostes ditatoriais.

E, às 11 horas da noite, como pintos corredores, retiramos - nos de Itapeva, sem dar um tiro e sem sombra do inimigo.

Itapeva é o maior mistério da Guerra no Setor Sul, dizem alguns. Como?

Si armarmos uma equação, a incógnita aparecerá na figura miserável de um novo Calabar.

Entregaram, assim, mais um pedaço do território paulista.

Nunca mais veremos Itapeva! ...

Muitas vezes veremos Itapetininga.

Quando partimos, a 14, de São Paulo, o nosso destino era Itapetininga: havia muita gente na estação, apesar da hora.

Passava, na ocasião, a Cavalaria de Castro, única tropa paranaense que se solidarizou com a causa constitucionalista.

– Viva a Cavalaria de Castro! Viva São Paulo! O Brasil! O Paraná!

Um pelotão chegou a descer, ao mesmo passo que, por ordem do Tenente Coronel Moraes Pinto, em contrário, somos enviados para Itararé.

Itapetininga ficou tão longe da gente. Ali, na estação, nós vimos marcado o quilômetro 201. O trem deslizou ... deslizou pelos trilhos e nos levou para o quilômetro 408. Itararé.

O nosso “destino”, porém, era mesmo Itapetininga ... e o trem voltou; deslizou ... deslizou pelos trilhos e veio do quilômetro 408 ao 201, com uma facilidade espantosa: Itapetininga!

Quanta miséria! ...

Três dias em Itapetininga: alojados no bonito prédio da Escola Normal, na Praça Peixoto Gomide.

Nós vimos Itapetininga assim:

Cidade para moços ...

Muita escola. Muita papelaria, sorveteria ... tudo, numas ruas estreitas e plainas. Dois jardins bonitos e uma praça majestosa: a Peixoto Gomide.

Povo “paulistaníssimo” e gentil.

Itapetininga, “a cidade faceira dos domingos”, é verdadeiramente uma cidade para moços.

Respiramos mocidade, numa hospitalidade dignificante.

A 25, pela manhã, por falta de caminhões, parte só a 1º e 2º companhias para Capão Bonito.

A 3º companhia iria para Buri.

CORONEL BRASÍLIO TABORDA



Assume, então, o comando do Exército Constitucionalista do Setor Sul, o coronel de Artilharia Brasília Taborda, do Exército Brasileiro. Oficial competentíssimo¹⁸. Amando ardentemente a causa pela qual combatia, o coronel Taborda inicia, com a sua chegada, uma nova era para as nossas armas. Não se retirava, tão estupidamente, como de antes.

Começaram as nossas tropas com estoicismo e desprendimento até o sacrifício, a defender com bravura suas posições. Os traidores, felizmente, iam rareando. Preparou o coronel Taborda a manobra defensiva de Buri, para o dia 26 de julho de 1932. Envia toda a tropa, que estava em Itapetininga, para as trincheiras,

afim de enfrentar firmemente o inimigo.

Em Buri seria feita a manobra defensiva; e pelo lado de Capão Bonito, sob o comando do Tenente Coronel Moraes Pinto, a manobra ofensiva. Essa realização dependia, porém, de dois elementos indispensáveis, que falharam lamentavelmente: - uma sólida resistência, na posição de Buri; e boa execução do movimento contornante.

Este, entregue à direção de um Tenente Coronel de polícia, nem sequer foi esboçado. No dia seguinte, de ponto inteiramente diverso do de seu destino, sobre direção diversa da que lhe fora prescrita, o comandante “pelas ordens!”! ...

Aquela pulverizou-se numa tarde, minada pelos desfalecimentos e pela traição de muitos. Houve, entretanto, elementos de notável firmeza, aos quais se devera as pesadas baixas sofridas pelo adversário”¹⁹.

Partia a 3.^a Companhia para Buri. Na estação, o Tenente Dorival Monteiro, certamente, com ordens superiores, indica seis homens do batalhão, para irem servir na guarnição do Trem Blindado.

Lá foram os seis: um, porém, se assustou com a blindagem ... Imaginou coisas horrorosas, e nem por nada quis fazer parte do “Comboio Fantasma”.

Chamou-se outro ...

Nunca mais voltaríamos para o batalhão. Do Trem Blindado iríamos para o Auto Blindado.

Vamos, pois falar de coisas blindadas.

¹⁸ Vide sua biografia na íntegra em http://rc32.itapetininga.com.br/pdf/ensaio_Brasilio.pdf.

¹⁹ Vide p.36 de BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932.

Um pouco de retaguarda

Como são construídos os trens blindados. Ação da Escola Politécnica. Como são construídos os autos blindados.

A Escola Politécnica de São Paulo foi, sem favor, um dos sustentáculos das magníficas realizações paulistas, no movimento de 9 de julho.

Quando a guerra tomou o vulto espantoso de maior movimento armado do país; quando a lamentável ingenuidade da maioria de São Paulo, confiando na fidelidade e apoio de Minas e Rio Grande feneceu, a nossa guerra tomou outro aspecto.

Muitos homens para partir: nenhum armamento para lhes dar.

Pouca tropa na linha de frente. Nem artilharia; e, muito menos, armas automáticas, sabidamente indispensáveis na guerra.

O Comando Geral das Forças em operações pede à Escola Politécnica para preparar o material bélico e construir armas de guerra, de tal forma que cobrissem as quase falta da artilharia e das armas automáticas, tais como explosivos diversos, material de sinalização, trens blindados, automóveis blindados, lanchas blindadas, prescrições para organização de terreno e defesas fixas, que cobrissem, em parte, a deficiência do nosso ridículo armamento bélico.

A Escola Politécnica, cuja Congregação é formada dos mais rutilantes espíritos da engenharia nacional, e de uma plêiade de paulistas ilustres, não foge a esse trabalho, ao contrário, desenvolve-o de uma maneira superior a todas as expectativas!

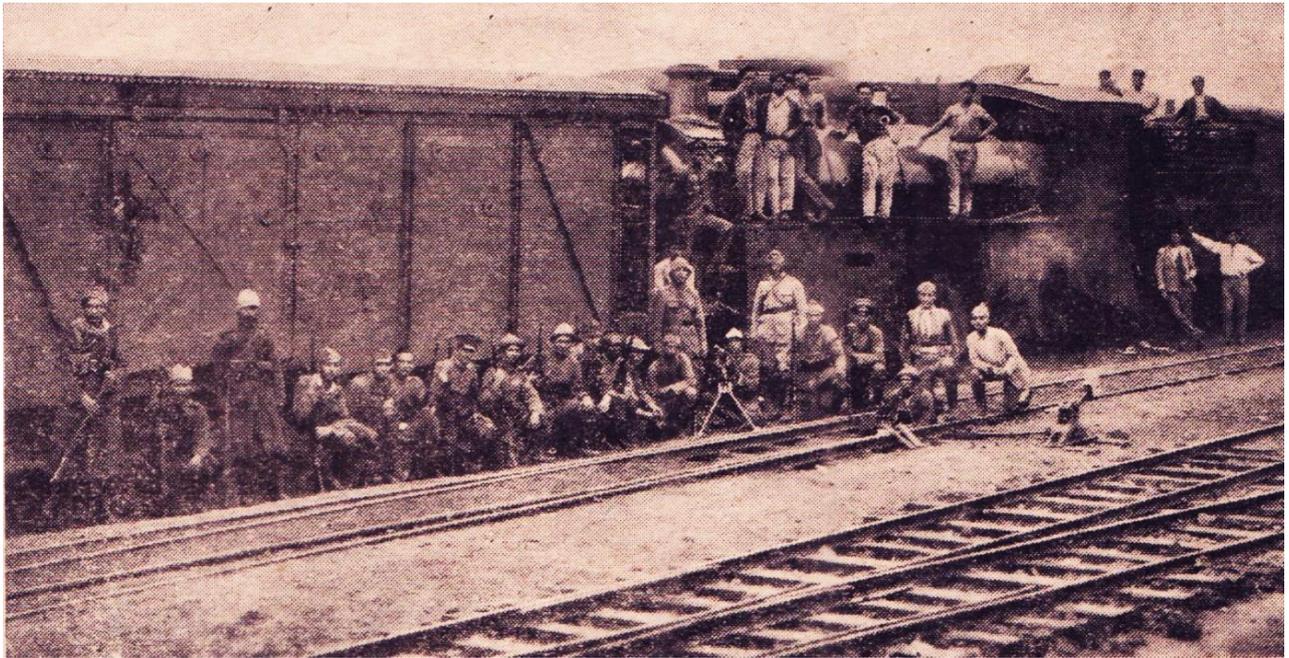
Honra a esses bravos soldados da retaguarda que se chamam Gaspar Ricardo, Mario Whately e Francisco Antônio Cardoso.

Os trens blindados, que trabalhavam no Setor Sul e que sucessivamente aperfeiçoados nos modelos T. B. 3, com as suas torres giratórias e seu cobertura perfeita; os autos blindados, que constituíam uma secção empregada na região do Rio das Almas, sendo que, desde o combate da “Balsa”, já havia entrado em cena um deles, o blindado 14 de Julho, eram todas realizações extraordinárias pela rapidez com que se apresentavam à utilização dos combatentes e pela expressão de cooperação constante dos elementos técnicos mais exponenciais do Estado, na campanha que se desenrolava (BASTOS, 1933, p. 163 e 164).

Como se compunham esses trens blindados?

O trem blindado se compunha de uma locomotiva seguida e precedida de dois carros de mercadorias convenientemente preparados.

São construídos da seguinte maneira: internamente, revestidos por uma parede de dormentes de faveiros, duplamente dispostos, isto é, com as juntas desencontradas.



O Trem Blindado n.º 1 (T.B. 1) que estreou no célebre combate de Buri em 26 de julho de 1932, tendo suas chapas varadas por balas. Vemos na fotografia parte de sua guarnição.

Da esquerda para a direita: Antonio Ramos, Arlindo Azevedo, João Paulo, Junqueira Franco, Tomaz Fonseca, Serapião de Moraes, Serafim Leoni, Atugasmin Médici Filho, Fernando Penteado Médici, Homero Silveira, José Soares, Nelson Lorena, Josué Charaba, Julio Monteiro, Bueno da Silva, José Prates, Clóvis Aguiar e Jaci dos Santos.

Em pé: capitão Affonso Negrão e tenente Romão.

Sobre esta parede de dormentes, vai uma chapa fina de aço: e, extremamente, é revestido por uma grossa chapa de aço de 3/4 de polegada.

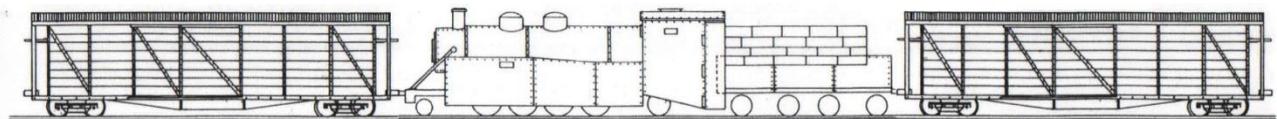
Nas duas extremidades, há um rebaixo onde se colocam duas torres giratórias. Estas torres são construídas de maneira a permitir que a metralhadora possa se deslocar num plano vertical, numa amplitude de 40 graus; e horizontalmente, de certa de 250 graus.

Nas paredes laterais do carro existem frestas apropriadas para a colocação de fuzis e fuzis metralhadores.

Para abrandar o calor excessivo, existem frestas de ventilação, na parte superior. Em cada um dos dois carros que compõem o comboio, existem duas linhas de telefone, uma direta para o maquinista, e outra ligando os dois carros.

A locomotiva recebe uma blindagem apropriada para proteger todas as partes vitais do maquinismo e da cabine do maquinista.

Esta proteção é feita com chapas de aço e farro de alfafa.



Trem Blindado de n.º 1.

Imagem. Marinho Monteiro (Redação Final, 2004)

O comandante do Trem Blindado é o 1.º Tenente da Reserva da 2º linha do Exército, Affonso Negrão. O subcomandante é o Aspirante a Oficial Romão Leite de Campos, da Força Pública do Estado de São Paulo.

Sua guarnição é composta dos voluntários:

Dr. Homero Correia da Silveira, do 2.º B. E. e os acadêmicos do batalhão 14 de Julho, João Junqueira Franco, Serafim Leoni, Auleriano Nascimento, Atugasmin Médici Filho, Fernando Penteado Médic, Tomás Nunes da Fonseca, e as praças da Força Pública, cabos Serapião de Moraes, Julio Carmelo Monteiro e José Prates, soldados Arlindo de Azevedo, Josué Charaba, Paulo Fernandes, Lucindo Mamede da Silva, João Bueno da Silva, José Soares, Nelson Sacramento Lorena, João Paulo Filho, Antonio Benedito Ramos e Oscar Bueno da Silva²⁰.

A 29 de Julho de 1932 fica fazendo parte da guarnição, o voluntário do batalhão 9 de Julho, Clovis dos Santos Aguiar, e o cabo da Força Pública, Silvino Faria Lopes.

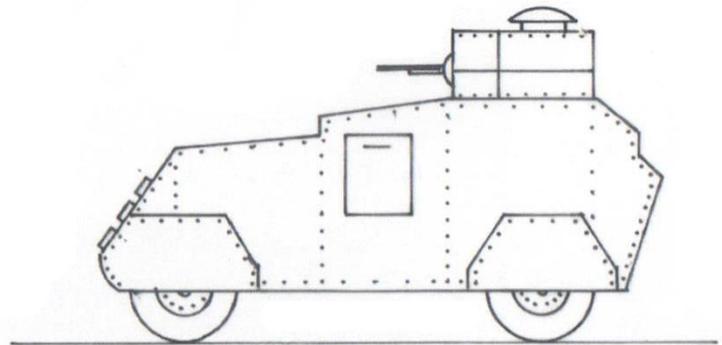
AUTOMÓVEL BLINDADO 14 DE JULHO

É um chassi-Ford caminhão, com molas de Lincoln.

A blindagem é construída por diversas chapas de aço especial e invulneráveis a balas de fuzil, atiradas de cerca de 200 metros, isto é, poder máximo de penetração.

Cada carro é encimado por uma torre idêntica aos dos três blindados.

As rodas são maciças (coxins paulistas), de modo que as balas que a varassem, nenhum efeito prejudicial produziriam.

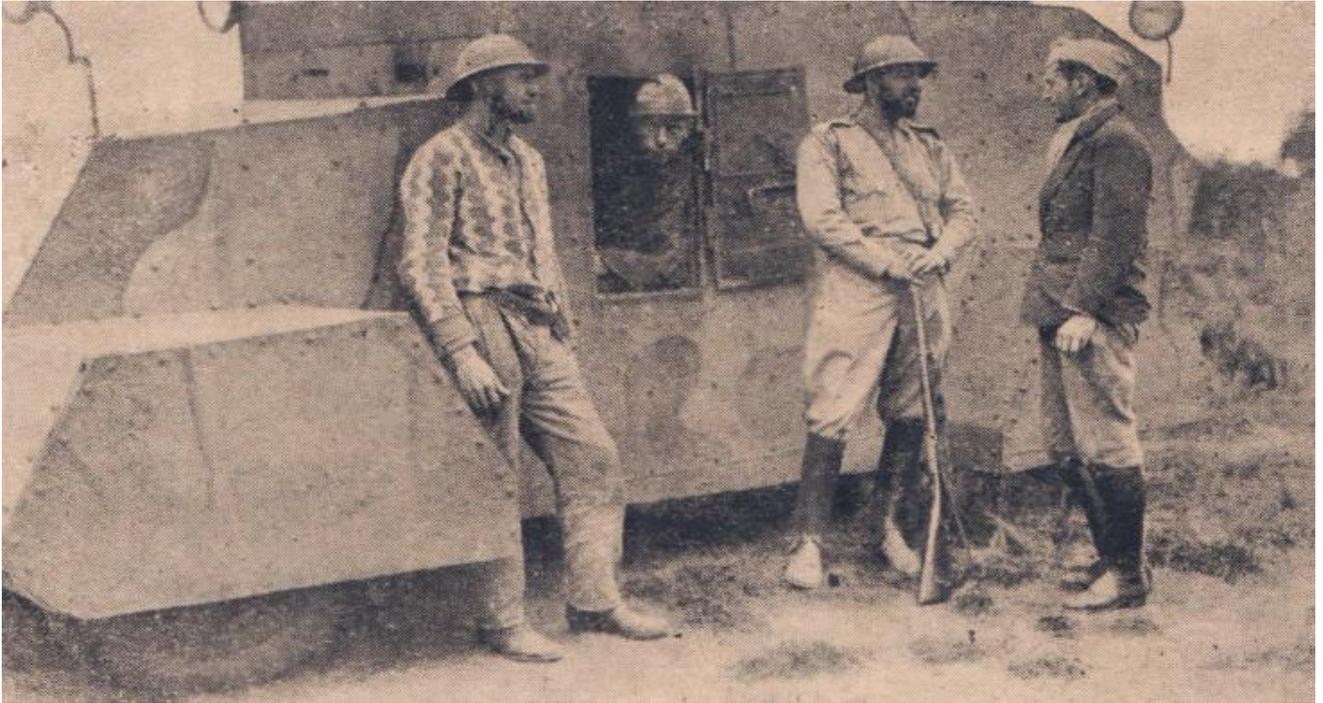


Auto Blindado 14 de Julho

Imagem. Marinho Monteiro (Redação Final, 2004)

Enquanto isso a situação, em Buri, tomava um vulto espantoso.
Partimos para Buri ...

²⁰ Segundo o senhor Amaury Garcia Porto (vide <http://rc32.itapetininga.com.br/porto.htm>), seu tio, o senhor **Pedro Garcia Porto** foi um dos dois maquinistas do Trem Blindado de n.º 1. Pedro Garcia Porto era irmão de João Garcia Porto, pai de Amaury e também veterano da Revolução de 1932 no Setor Sul.



O Capitão Affonso Negrão e integrantes da guarnição do Auto Blindado 14 de Julho ao serem entrevistados em Gramadinho pelo redator da “A Gazeta”, Armando Brussolo, autor dos livros Tudo pelo Brasil²¹ e Basta de Mentiras²².

Buri

O combate de 25 e 26 de Julho de 1932.

Buri! ... Buri! ...

Essa cidadezinha da Sorocabana roubou de Itararé o halo do Setor Sul ... porque foi lá que se escreveu uma página de bravura e de civismo.

Itararé quase morreu pagã na Revolução Constitucionalista, tal o rápido e ridículo batismo que sofreu: um tirotear sem nexos, sobre um morro sem gente; uma artilharia tísica, tossindo, de hora em hora.

A 18 de Julho de 1932, a alma de Iscariotes associava-se à de Itararé ... e Itararé, a inexpugnável, desaparecia do cenário da Revolução, caindo “num passe de magia” em poder do adversário.

Buri! ... Buri! ...

Buri se reuniu aos meus conhecimentos geográficos, há tempos, numa leitura de Cornélio Pires que, sondando as características do seu caipira, desvendou-me um conhecimento: uma cidadezinha lá, ao longe, no quilômetro 291 dos trilhos da Sorocabana: era Buri.

Na tarde de 26 de julho, Buri se eternizou no meu espírito, pelos arrojos de um voluntariado digno, que derramou, naquele solo longínquo, o sangue de uma geração idealista ... Estava terminada a hegemonia de Itararé ...

²¹ BRUSSOLO, A. S. Tudo pelo Brasil: diário de um reporter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo: Paulista, 1932.

²² BRUSSOLO, A. S. Basta de Mentiras: considerações em torno do livro do Cel. Herculano. São Paulo: scp, 1933.

Ontem dizíamos, enfáticos: Itararé! ... Itararé! ... – mesmo sem lá ter estado – (não é alusão ao Honório de Silos).

Amanhã, não diremos nada; mas, naquele quarto que a noite derrama reflexos de luz, pela janela, alguém escreve: - Quem? ... Os Rocha Pombo, Veiga Cabral, João Ribeiro ... gravando frases de ouro, nas “Histórias do Brasil”: Foi em Buri que se escreveu uma página de bravura e de civismo ...



Face interna de monumento à entrada da município de Buri.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Nessa noite havíamos de partir, em retirada: Buri se transformava em importante praça de guerra, pondo, na balança das experiências, as condições psíquicas dos recrutas para as grandes emoções de uma campanha. Viria a vitória? Certamente. Mas, teremos o aprisionamento, o ferimento, a morte? Que importa, se São Paulo vencer?

No caos de Buri.

Seis jovens conversam.

Lemos nos seus bibis, o nome de sua unidade: 14 de Julho.

O confucionismo revoltante das vozes desencontradas e de ideais fúteis dos soldados da nossa Milícia (Força Pública do Estado de São Paulo), punha, em evidência, os sons suaves e cheios de idealismo daqueles jovens, que, num diapasão simpático, ritmavam o concerto maravilhoso da música paulista.

Eram seis voluntários e estudantes: Atugasmin Médici Filho; a sensibilidade impressionante de Tomás Nunes da Fonseca; o espírito de disciplina de Serafin Leoni; J. Junqueira Franco, numa elegância de gestos e de atitudes; o sentimento delicado de Auleriano Nascimento; refugiando-se na sombra dessas luzes, eu ...

Há um silêncio, em tudo: eles se olham e o olhar fala com mais eloquência que as palavras.

Uma sensação estranha se apodera: vem o primeiro morto, carregado numa padiola ensanguentada. Um morto é coisa tão comum; no entanto, esse espetáculo era inédito para nós.

Em Itararé e Itapeva não chegamos a ver mortos; vimos, apenas, traições.

– Vamos rapazes! Era a voz simpática do comandante Negrão. Com ele iríamos até o sacrifício da morte. Ficou tão amigo! ...

A situação de Buri comove o olhar do mais ingênuo dos recrutas: todos mandam e ninguém se entende.

O inimigo, julgando entrar em Itararé ou Itapeva, faz investidas de peito aberto às nossas trincheiras (Eles estavam acostumados a tomar cidades à sua simples aproximação).

Chegam voluntários de Itapetininga, sem nunca terem manejado um fuzil, ou sequer ouvido um bombardeio, e logo eram mandados para as trincheiras, que ninguém sabia aonde eram. É triste ter um batismo de fogo assim.

Soldados mal chegados logo eram confundidos no caos tumultuoso de Buri. Voluntários do Floriano Peixoto atiram nos do Marcílio Franco, sem saber. Este perde uma boa parte dos seus homens, e aquele é quase todo aprisionado.

A 3ª Companhia do 14 de Julho comandada pelo oficial de fibra e coração amigo, Saturnino Moreira Dias, sofre as agruras de uma caminhada inglória. As enfermeiras são abandonadas. Soldados correm desfigurados. Outros desertam por culpa do comandante ou por falta de dignidade.

A maioria, porém, é impulsionada pelo terror.

O capitão Alves Bastos, no seu livro, *Palmo a palmo*, nos diz em sua página 36: O trem blindado abriu nesse dia a série de inesquecíveis façanhas. O batalhão 14 de Julho teve pelotões que só recuaram quando submergidos pelas sucessivas ondas assaltantes ... (BASTOS, 1933, p.36).

Realmente, a esperança de Buri, nesse dia, era o blindado ... Quanto a série de inesquecíveis façanhas, discordo, pois, o Trem Blindado é uma arma de guerra inútil na guerra atual, e formidável somente enquanto constitui uma novidade e uma surpresa.

QUEM É O COMANDANTE DO TREM BLINDADO?



Chama-se Affonso Negrão²³. A serenidade inalterável, que comanda os seus atos, nos momentos mais difíceis do combate, caracteriza a sua fibra de oficial.

Moço, pelos trinta e dois anos. Rosto cheio. Olhar firme. Impressiona, no primeiro relance de vista, não só porque traja uma farda do exército nacional, como se apresenta leal e transbordante de simpatia. Estando em combate, faz marchar a sua coragem modesta, em paralelo, com a sua empolgante qualidade de chefe: condutor de soldados. Não sendo culto, é inteligente. Iluminado por um espírito militar, afasta-se da estratégia para ser um tático do terreno.

Não é o organizador dos ataques nos postos de comando longínquos, ou nas retaguardas cômodas: é o delimitador entre o sibilo das balas; o organizador sob o explodir das granadas; o comandante inseparável dos seus comandados, nos momentos mais periclitantes da luta. Impõe-se por ação catalítica: a presença do Negrão é um agente condutor de energias morais na tropa.

No seu direito, é um leão: feroz e agressivo. E seja seu igual, ou não, major ou coronel, faz-se respeitar. Amando ardentemente sua guarnição

não permite que oficial algum chame a atenção de uma praça, sob seu comando: ela sempre tem razão.

Desse ciúme, surgia o prurido de ressaltar as proezas dos seus soldados. Afonso Negrão representa, nessa campanha, a expressão simpática de um oficial valoroso. Ferido a 25 de setembro, quando na região do Paranapanema-Almas, curte, até hoje, em São Paulo, as consequências desastrosas da bala que o atingiu.

“Dez oficiais como esse e estará virtualmente vencedora a Revolução” dizia o Coronel Taborda.

Os trilhos da Sorocabana tremeram ao deslizar do T. B. 1.

Os inimigos desconheciam-no. Até as nossas tropas. O inédito seria agora para eles.

²³ Agradecemos a Eduardo Negrão, seu filho, por nos ter enviado esta foto de seu pai, Affonso Negrão, quando promovido a 2º tenente de 2ª linha (atual R/2) do Exército Brasileiro. Em 19 de outubro de 1926 foi promovido a 1º tenente e na revolução de 1932, por atos de bravura, a capitão.

Sereno, como um gigante, avançou ... eles nunca creram na existência de um Trem Blindado, nas forças constitucionalistas. Ignoravam, talvez a magnificência da engenharia paulista.



Detalhe da linha de trem, entre as estações de Buri e Rondinha, por onde o Trem Blindado passou para o que veio a ser o seu batismo de fogo na tarde de 25 de Julho de 1932.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Dois quilômetros avançam, certos que era um trem de mercadorias, ou de viveres (realmente, como estava disfarçado), e, em posição de atirar, ajoelham pelos trilhos. As nossas metralhadoras picotaram os inconscientes.

O despertar da solidariedade surgiu nos companheiros, que rápidos, vieram buscar os feridos; e, como os outros, sucumbiram.

O espanto ... a cólera ... o medo ... fez com que eles, correndo, fossem rolando, ziguezagueando, estertor da agonia com que entregavam suas vidas à morte.

A nossa primeira impressão foi dolorosa. Pungente mesmo. Presenciar uma cena destas.

– São nossos inimigos. Fogo neles!

E as metralhadoras continuaram ... as deles, também.

Ficamos espantados, quando, subitamente, balas varam as chapas do Trem: o Negrão nos acalma.

Um soldado da Força Pública, que, dois dias depois, seria expulso da guarnição pela sua covardia, gritava como uma criança:

– Virgem Santíssima, está varando bala! – Seu Tenente volte, volte! e virou apavorado, que ingenuidade, dois caixões para lhe servir de trincheira.

O sub-comandante do Trem, oficial que, em toda a campanha, colocou à prova as suas péssimas qualidades de soldado, gritava ao telefone, num nervosismo hilariante:

– Máquina! Maquinista! Reta de Itapetininga! Voltar. Reta de Itapetininga! Assim não serve! A 100 quilômetros.

Precisamos voltar para a estação de Buri, e ele já pensava em Itapetininga. O maquinista, interpretando mal a sua ordem, toca o trem uns cem metros. Foi quando ele, pondo as mãos na cabeça, diz colérico: – Ai Teresa! Ai!... Ai!...”. Mais tarde soubemos que a sua esposa se chama Teresa.

Esses e outros espetáculos hilariantes, dentro da desgraça de um combate horroroso, era como um calmante é guarnição, aflita do calor insuportável, do barulho infernal que se produzia dentro do carro, quando em funcionamento a metralhadora.

Voltamos sorrindo.

Uma afirmação geral nos aguardava: – Como 16 balas vararam. Deus me livre! Eu nunca entraria nesse forno assassino!

Era o que ouvíamos.

Pobre T. B. 1 ... quiseram fazer experiência de suas chapas com o sacrifício de nossas vidas.

Logo veria o aperfeiçoamento T. B. 2; e, mais tarde, o magnífico T. B. 3, com torres giratórias e camuflado.

Magnificência da engenharia paulista!

– Quem? O Auleriano ferido e nem nos avisaram. Possuíamos as comunicações telefônicas. Mas, não disse nada, queria esperar o fim do combate e a ordem do Negrão para regressar. Que coração idealista.

– Eu voltarei logo, não fiquem tristes, dizia.

Abatimento geral. E nós, os do 14 de Julho víamos naquele companheiro, que partia, todo um pelotão.

À noite, tínhamos que voltar. Tenente Romão, que preferia conservar a vida a qualquer outro sentimento, exclamou espavorido: – É impossível, como podemos retornar o ataque, se tão facilmente penetram balas?

Eram palavras de um desanimado. Um homem, como o Negrão, sabia, mais do que ninguém da pouca segurança do Trem Blindado. Também sabia da necessidade do nosso ataque.

Um é Romão Leite ... Outro, é Afonso Negrão ...

As pessoas se definem pelos caracteres.

O Tenente Negrão nos chamou. Disse-nos algumas palavras, na simplicidade eloquente dos bravos; e, como que hipnotizados por suas expressões, encorajados, partimos confiantes e serenos.

Nesta vez, até o zunir de granadas acompanhou a marcha do Trem ... Uma que acertasse e estaríamos inutilizados.

Fomos mais felizes, garantimos a vida do Estado Maior, e salvaguardamos os que se abrigavam perto da estação. Quando nos

aproximávamos da estação, esta noite, o segundo carro que agora formava a vanguarda, nos avisa, pelo telefone que soldados estavam arrancando trilhos.

Não havia dúvida, o inimigo já estava em Buri, no meio da nossa tropa.

O Segundo carro dá, portanto, numa direção, mais ou menos alta, uma rajada na estação. O inimigo, em pequeno número, julgando-se cortado pela retaguarda, fugiu. A rajada de metralhadora colocou, no entanto, pânico na nossa tropa, que estava na estação. Pensou estar o inimigo “vis a vis”.

O próprio Estado Maior, lembrando os gostosos tempos de garoto, pulou as janelas do Posto de Comando. Creio, assim, explicar a tão falada rajada de metralhadora na estação de Buri, na noite de 26 de Julho de 1932.



Ponte da Estrada de Ferro que liga Itapetininga (margem direita) a Buri (margem esquerda) sobre o rio Apiaí Mirim. Há pouco mais de 400 metros do local onde era o cemitério antigo de Buri, às margens deste rio ocorreram combates de 25 a 26 de Julho de 1932.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Afinal, a retirada! ... Que tristeza!

Talvez haja sido a salvação. – Passam as composições de tropas, em retirada, na confusão de uma noite de derrota! Passa o trem sanitário, esquecendo, na sua pressa, os últimos feridos do combate.

Passa o trem do comando, que também leva feridos, e deixa depois, na estação, o próprio comandante, no desconforto de uma simples locomotiva!

E na cauda da coluna ferroviária, com uma serenidade de ancião destemido, o trem blindado – lento e inexpressivo, na sua cor escura, por cujas paredes as metralhadoras vibram no trotear, acionadas pelo heroísmo

sem limites desse incomparável Afonso Negrão, para cuja bravura singela a campanha seria uma sucessão de atos de desprendimento e de valor²⁴.

Pela manhã estávamos em Itapetininga, para, nas oficinas da Sorocabana, reforçar o T.B.1 e repará-lo.

Só se falava na façanha do Trem Blindado, o Comboio Fantasma; o Expresso de Shangai, do agora capitão Negrão, incitando a nossa vaidade de moços a escrever, ao lado da legenda 14 de Julho, na casquete do bibico a frase: Guarnição do Trem Blindado.

A imprensa sempre fantasista com as nossas vitórias, espalhava a escandalosa notícia: 800 mortos pelo blindado em Buri.

Vamos tirar um zero, leitor?

Este dia aproveitávamos para alimentar-nos bem e gozar o doce sorriso das moças itapetininganas.

– Olha, o Negrão vem aí!

– Não namorem muito, disse-nos ele, pois vocês não podem levar saudades para as trincheiras.

– A meia noite na estação?

– Just in time? Just in time.

... e o Aureliano no hospital de Sorocaba ia ser operado.

O Combate de Buri pelo Trem Blindado

Relato²⁵ do voluntário 3º Sargento Atugasmin Médici Filho, irmão de Fernando Penteadó Médici, sobre o batismo de fogo do Trem Blindado ocorrido na tarde de 25 de Julho de 1932, aproximadamente a 2 km da estação ferroviária de Buri em direção à estação ferroviária de Rondinha.

Naquela noite não dormimos. O 2º Pelotão da 3ª Companhia do Batalhão 14 de Julho, fez uma parte, a ronda da Cidade e guarda da Escola Normal de Itapetininga, o resto da turma fora dançar na casa do Dr. Carvalho (Rua Virgílio de Rezende, 140).

²⁴ BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. P. 37 e 38.

²⁵ Relato do voluntário Atugasmin Médici Filho publicado por Cornélio Pires nas páginas 96 a 104 de seu livro *Chorando e Rindo... episódios e anedotas da guerra paulista* (Editora Ottoni, 2007). Agradecemos à D. Maria Ignez Salvador da Silveira, viúva do Sr. Prof. Mylton Ottoni da Silveira, presidente-fundador da Editora Ottoni pela autorização concedida para aqui ser reproduzido o referido relato na sua íntegra.

Terminado o baile às 2h da manhã – ouvimos, às 2h30 o “toque de partida imediata”. – Sentenciaram o Batalhão inteiro, pelo crime de alguns terem dançado sem ordem!

Todos em forma, esperávamos, no pátio a partida imediata – que, afinal, se deu às 10h da manhã. Primeira e Segunda Companhias de caminhão, seguiram para capão Bonito; Terceira Companhia marcha para a Estação da Sorocabana.

Já no trem, ouve-se a voz do tenente Dorival, comandante da nossa Companhia:

– Você... você... você... esperem aí fora.

Éramos seis. Faculdade de Direito e Faculdade de Medicina.

Fomos apresentados ao aspirante Romão Leite de Campos.

– Aí estão os homens que você pediu para as metralhadoras – num instante eles aprendem:

– Que escola você é?

– 6º ano da Faculdade de Medicina.

– E você?

– 4º da Faculdade de Direito.

– É como eu digo, num instante eles aprendem. São rapazes que estudaram trigonometria, taquigrafia, astrologia... basta uma explicação.

Um soldado da Força nos explicou a engrenagem da metralhadora: alavanca da manobra, gatilho, pistola, caixa de municiamento... Pelo dito, estávamos cientes.

Sáímos. Comentários sobre o blindado. Éramos, agora, somente cinco, pois que um dos rapazes nem penetrou no trem blindado: passeou em volta dos carros e disse-me:

– Tá besta. Isto não tem segurança. Eu não vim aqui para morrer.

Arranjei para que ele não seguisse. Falei com o 2º tenente que nos indicara. Ele ficou e veio outro. Outra vez: meia dúzia.

Trem Blindado nº 1. Ideado, segundo me informaram, por um alemão residente em Sorocaba. Dirigida a construção pelos engenheiros, professores da Escola Politécnica da Capital, Cardoso e Whately.

Dois carros e uma máquina entre eles. Na frente, duas gôndolas.

A máquina era revestida de chapas de aço de um milímetro mais ou menos de espessura. O tender guarnecido com fardos de alfafa. O maquinista não divisava coisa alguma; sua vista era o ouvido: – o comando do 1º carro via por ele e transmitia as ordens por telefone ou por meio de uma companhia, cujas badaladas eram convencionadas. Havia mais um telefone com comunicação para o 2º carro.

Ambos os carros eram idênticos. Aproveitaram umas gôndolas de bagagem, para transformá-las em arma de guerra.

Por fora, o que se notava, de perto, era a pintura nova, cor de cinza e uns buraquinhos.

Por dentro: buracos laterais em três planos, quer serviam para se atirar com fuzil metralhadora: de pé, de joelhos e deitado. Em uma das extremidades um buraco paralelogramo, por onde se observava a frente e se atirava com a metralhadora, já colocada num tripé fixo. Esse paralelogramo possuía duas chapas móveis, duas portinhas corrediças, que fechavam o horizonte, quando o fogo era forte: então atirava-se à beça...

A segurança desses carros. As paredes laterais eram revestidas de camadas de areia, algodão e uma lâmina (pouca coisa mais espessa que as giletas) que afirmavam ser aço e que para mim: lata – no sentido “lato” da palavra...

O teto era coberto com as folhas primitivas de zinco, na parte superior; e na inferior, madeira; entre essas duas partes: uma forte camada de areia, para resistir um 75.

Um fio elétrico corria cada vagão, dele pendiam seis lâmpadas.

A guarnição do blindado era composta de 27 homens, inclusive os maquinistas (2) e foguistas (2).

Tínhamos recebido a explicação da metralhadora – sondávamos o movimento. – O soldado instrutor da metralhadora pesada, discutia e gesticulava como um ébrio, com amigos da Força Pública. Era ele, Lucindo Mamede da Silva:

– É isso, nós vamos morrer duma vez! Onde já se viu uns mocinhos que viram este brinquedo, somente agora, em suas vidas, querer atirar?... Isso não se aprende num dia. Eu estou há treze anos na Força e confesso, até nove anos de praça não sabia nada, daí por diante é que comecei a entender e assim mesmo ainda não “costuro” bem, porque, quanto mais se vê mais se aprende; quem é que sabe de cor todos os nomes das peças? – Ninguém. Isso não é distração para criança. – Eu não vou mais com a guarnição, eles que se arranjem.

– Nem eu – repetem os outros soldados.

Foi esta a primeira manifestação de “confiança” que a Força Pública me fez ouvir, claramente... pois que, quanto a ela, o voluntariado de muito a estava aquinhoando com a “des...confiança”.

Pensamos e, para evitar discórdias de início, no T.B. nº 1 e também, porque não tínhamos confiança total, na nossa perícia, falamos com quem de direito e passamos a arma para o apontador, que estava aprendendo há 13 anos... puxar com a mão esquerda a alavanca de manobra e com o indicador da mão direita, o gatilho. – Nós continuamos como municidores.

O soldado irradiou-se todo em alegria e felicidade: com a mão esquerda segurando a pistola e a direita mexendo-se no ar, com a palma para o céu, como quem está pedindo esmola, babando-se todo e cheirando horrivelmente a pinga, exclamava fora de si:

– Eu tenho uma sina; eu sei que eu não volto; Eu sei que eu morro; Eu sou burro; Eu sou estúpido... Eu mato, eu mato, eu mato... (segurava fortemente a pistola).

Veio o 1º Tenente Afonso Negrão, do Exército Brasileiro, comandar a nova arma da Revolução Constitucionalista.

Era 24 de Julho de 1932 – a natureza era azul – rósea, caía o sol: era o crepúsculo – a máquina pôs-se em movimento, o reflexo no chão era sua sombra... ficava a esperança de uma volta feliz: Itapetininga, Marabá, Juriti, Cesário, Rechan, Angatuba, Engº Hermillo, Ligiana, Aracassú, Vitorino Carmilo, Buri – 90 quilômetros de viagem. Itapetininga, 201.200 km; Buri, 291.600 km, 4 horas de viagem.

Amanhecemos calmamente. Circundando os trilhos, em linhas longas e altas, estendia-se um oceano de madeira. Buri, posto de lenha da Sorocabana meridional.

Buri, cidade célebre na revolução. – É uma valia com uma rua principal, três ou quatro ruas transversais, uma igreja, coreto, casas de negócio, farmácia, serraria e ninguém no lugarejo, a não ser um farmacêutico... que vendia pinga.

É o principal lugar situado entre Faxina e Itapetininga.

Muito cedo ainda, quando blindado, submeteu-se a uns rapazes: alargar os buracos para fuzis, pois que a massa de mira não permitia que a parte superior do cano passasse, para atirar.

Fiz a guarda que me competia e me aprontava para descobrir alhures a “xepa”, quando:

- O capitão Adonias precisa de 3 homens para uma ligação importante.
- Pronto! Eram os seis universitários.

Seguimos. Na Estação, um major nos diz que o capitão Adonias não precisava mais, mas íamos desempenhar uma missão de valor. Delega ao nosso companheiro Serafim Leoni, o comando.

– Vocês vão seguindo pelos trilhos e quando acabar a última composição, bem além, atirem sem cessar, para o flanco.

Achei comigo mesmo, que a ordem era absurda, segui com os companheiros: no meio do trajeto, 3 resolveram retroceder, as balas zuniam em quantidade sobre as nossas cabeças.

Chegamos ao ponto indicado. Descia um caminhão verde, com bandeira branca.

Serafim Leoni entrincheirou-se, num início de corte e apoiou a arma sobre uns ferros de material rodante.

- Não atire. Vamos observar!

Ele abre fogo. Aparece um sargento do exército; grande discussão: é gente nossa – não é – é – tenho ordem de atirar!...

Por fim, convido-os a voltarmos para o blindado e esperarmos lá o tal major.

Estávamos sossegados, perto do trem, quando o tal apareceu:

– Obedeceram a minha ordem?

– O senhor não nos informou para que flanco era para atirar, resolvemos voltar para o trem.

– Bem...

Eram 2 horas da tarde, 25 de julho.

O sol radiante e o céu límpido, azul claro. Admirávamos a beleza do dia e o fato de ainda não termos presenciado um só minuto de chuva ou leve sinal de borrascas futuras.

Um tiro ou outro desviava, às vezes, nossa atenção da pulcritude da natureza. Os beligerantes eram felizes; guerrear sob chuva não é agradável.

– Rapazes, tomem seus lugares – vamos fazer um reconhecimento.

Vagarosamente o comboio–sinistro deslizou até a caixa para “beber água”.

Saciada a sede da máquina e desimpedida a linha, para a frente, de todas as composições, mentalmente, marchamos aos compassos da “Malet”: chuque, chuque, chuque...

Cada um em seus lugares. A atenção presa, seguíamos nossa derrota.

Mais de dois quilômetros tínhamos distanciado da Estação de Buri.

O T.B. n.º 1 achava-se então, num corte, muito baixo, pois sua altura máxima era paralela à metralhadora, em posição normal.

– Lá vem gente. É nossa. Uniforme amarelo.

Calmamente, apareciam os soldados, uns equilibrando-se nos trilhos, outros brincando sobre os dormentes de eucaliptos, como se nada fosse com eles. Aproximavam-se despreocupados – avançávamos desconfiados.

Encontravam-se pertíssimos de nós.

– Dê uma rajada para o ar. Podem ser amigos

Imediatamente, nossos amigos tomaram posição nos flancos, ou melhor, em cada lado dos trilhos de ferro, no corte.

Um tiroteio imenso de fuzil colt e fuzis-metralhadoras nas paredes do blindado.

Nossos fuzis, de ambos os lados, respondiam, num entusiasmo de primeiro choque; a nossa metralhadora deu início à seção de “costura” – o corte, paralelo a ela, recebeu bem os seus pontos, os homens inimigos atiravam deitados e deitados ficaram. Pobres estavam no mesmo plano da metralhadora pesada!



Detalhe de uma das encostas ao lado da linha do trem, a aproximadamente dois quilômetros da estação de Buri em direção à estação de Rondinha. Aqui, acredita-se que tenha sido o plano descrito pelo voluntário Atugasmin, ou seja, um dos locais nos quais elementos da força adversária foram atingidos por disparos das metralhadoras pesadas e fuzis a bordo do Trem Blindado. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

O aspirante Romão Leite de Campos, do telefone, no fundo do primeiro carro, gesticulava para nós: estava lívido – era branco:

– Está varando bala, ouça: tchique tac, tchique, tac.

– Mandê afastar 10 m.

– Máquina, máquina, afaste 50 m.

– Agora mandê avançar 20 m.

– Maquinista avance 5 m. senhor tenente Negrão, não acha que estamos facilitando muito?

– Por enquanto não há perigo.

... e brincando de “faz que vai, mas não vai...” ficamos uma meia hora assistindo e tomando parte... em um belo programa sonoro!

... trim... trimm... trrrimmm...

– Alô, primeiro carro.

– Aqui, é o segundo. Há gente ferida.

O tenente Negrão dá ordem ao aspirante Romão (que ouvindo falar em gente ferida, tremia, mesmo diante de um telefone...) para ordenar ao maquinista que afaste devagar.

– Pronto, pronto, ai... ai... ai... Thereza, este telefone não quer funcionar. Máquina, afaste, afaste homem, não ouve, afaste a 90 por hora. Reta de Itapetininga!

Enquanto o carro retrocedia, nós, num canto, ríamos dos gritos alucinantes do aspirante Romão, no telefone – o medo se apossara dele por

completo –: “ai... ai... ai... Thereza”... “reta de Itapetininga...” “... 90 por hora”... Diabo! Este carro não anda”...

O ar já estava se tornando pesado, ali dentro. Precisávamos respirar. 4 horas da tarde. A máquina para em frente à Estação. Saímos.

Corremos ao segundo carro. Nosso colega do 14 de Julho, Aureliano Nascimento, levava um tiro na coxa, pouco abaixo da região cocidiana e... a bala, depois de varar a coxa de lado a lado, estava encravada na lâmina de aço em frente.

Carregamos o pobre rapaz para a enfermaria. Um grande abatimento se apossou de mim.

Examinamos os carros, verificamos que 12 balas vararam as chapas do primeiro carro e 6 do segundo.

Era noite cerrada. Tudo escuro. Os olhos fitos na seteira, procurando enxergar qualquer coisa do lado de fora: nem ao menos, um leve vestígio de luz.

O pipocar era imenso. Os batalhões procuravam manter o mesmo entusiasmo de eram possuídos ao abandonarem suas cidades originárias. – Marcílio Franco e 14 de Julho disputavam a primazia no heroísmo paulista. O Floriano Peixoto por falta de comando, debatia-se em agonia; 60 homens desse batalhão, caíram prisioneiros. – Oito cavalarianos inimigos, deram a voz de prisão:

– O comandante está chamando ali...

– Dá licença, comandante.

– Entre. Quem é você?

– A tropa do coronel Taborda (foi esse, se não me engano, o nome que disse) está cercada no cemitério; consegui vir de rastros, para avisar o blindado para chegar lá perto; a linha passa pertinho – não tem mais ninguém, todo o mundo já abandonou a cidade. Eu mostro onde fica.

– Apaguem todas as luzes do carro. Mande o maquinista avançar devagar.

– (Aspirante Romão) Mas, o senhor não acha perigoso ir assim à noite? A linha pode estar cortada; este carro não tem resistência alguma... É um perigo.

– (Tenente Negrão) – Não podemos deixar nossos companheiros à mercê de Deus. Mande avançar!

– (Aspirante Romão) – Máquina... máquina, avançar vagarosamente, qualquer coisa suspeita – retaguarda a toda velocidade!

– (Cabo S. Morais) – Eu mostro onde fica.

Não se ouvia o ruído da engrenagem da máquina, ela deslizava placidamente. O carro caminhava de “sutizinho” como dizia um cabróide, da guarnição.

O silêncio dentro do carro era enorme, era comovente; qualquer um procurava descobrir algo através das seteiras.

– Bem... Bem... bem...

– Que foi?

A máquina, não podendo ver nada no escuro, entrara num desvio errado, chocando-se com uma gôndola, que, na pressa e na balbúrdia que se encontravam todos, foi esquecida ali no caminho.

Na linha certa. Seguíamos nossa derrota.

– É aqui.

– Mande parar um pouco. Lucindo! Faça fogo naquela direção.

– Senhor tenente é bom afastar uns 10 ms. para a mira ficar melhor. Tá vendo aquele clarão? É de metralhadora. Eu já picoteio ele num instante.

– Mande afastar 10 m.



Detalhe de uma das ruas de Buri próxima à linha férrea, a 400 metros do Rio Apiaí Mirim, ou seja, próxima à entrada da cidade de Buri. A direita na foto encontram-se construções onde em 1932 existia o cemitério antigo da cidade. Na noite de 25 para 26 de Julho o Trem Blindado passou a esquerda da foto e realizou os disparos mencionados por Atugasmin.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Afinal voltamos.

A tropa estava salva. O fogo de nossa metralhadora pesada, coincidindo com o metralhadora pesada daquela que íamos salvar, originou um fogo cruzado, que desnorteou o inimigo. Não podendo divisar o blindado no escuro, mas sentindo um ataque por dois flancos, um atacado e outro inesperado, decerto imaginaram ser reforço que chegava e não escorando o entrelchoque, cederam para que essa parte de nossa tropa... batesse em retirada.



Estação Ferroviária de Buri, localizada no quilômetro 291 da Estrada de Ferro da Sorocaba. Na imagem é possível ver um dos faróis do Trem Blindado, ou seja, no topo da Estação. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Silenciosamente, fechado o vapor da máquina o mais possível – nos aproximávamos da Estação – grande choque do segundo carro com uma composição que se achava na linha.

– (Aspirante Romão) – Estamos perdidos. O inimigo já tomou a Estação. Eu não disse que era perigoso avançar assim à noite?

Enquanto o tenente chorava a sua sorte, colocávamos o fuzil metralhadora nas seteiras e abríamos fogo para os flancos – foi um desastre! Ainda havia gente nossa na Estação, debatendo-se na escuridão. A rajada alumiu um pouco e o comando de nossa tropa, como que tivesse sebo de onça nas canelas... foi em busca da composição estacionada na linha que fora causa de nosso choque! – Contam que devido ao inesperado de nossos tiros, os oficiais saíram pela janela e que o coronel Klinglhoeffler, comandante do setor, na pressa de sair enroscou o bigode no batente... e foi um caso sério para se desvencilhar.

Dois médicos pedem para entrar. Penetram.

– Viu que fogo agora? Quase matou o pessoal. Não tem mais ninguém aqui. A artilharia retirou-se pela tarde, parte de trem e parte a cavalo. O coronel também já foi.

Nada mais requeria a presença do blindado em Buri – para o inimigo éramos indesejáveis – e sós e sem alimento não poderíamos lutar.

– Máquina, reta de Itapetininga... assim não, 30 por hora é pouco – põe 90... ai... ai... ai... Thereza.

Após dezesseis horas de viagem, parando em diversos pontos, chegamos a Itapetininga.



Detalhe de placa indicativa da Estação Ferroviária de Itapetininga.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Desse modo, fizemos mais uma retirada. Era a terceira em que eu tomava parte. O motivo não sei. Contavam mil histórias sobre posição e armamento e tiros de canhão com alça a zero; todavia, pelo que eu vi e pude observar – deduzi que nossa debandada derivou-se unicamente de: falta de coragem? – traição? – falta de comando? – Buri jamais deveria ter caído nas mãos do inimigo, mas, de oficial para o soldado... tudo é estratégia.

De Buri a Victorino Carmillo

Uma ligeira narrativa do que se passou depois do combate de Buri, em 26 de julho até o maior combate da Guerra Paulista: o de 15 e 16 de agosto.

Como sempre nos retiramos de uma posição, para outra, quilômetros e quilômetros atrás.

De Itararé fomos para Itapeva. De Itapeva fomos para Buri; e, agora, de Buri, quilômetro 291, fomos para Itapetininga, quilômetro 201, deixando todo o caminho aberto ao inimigo...

Essas manobras fizeram com que o comando, no dia seguinte, já julgasse o inimigo senhor da Ligiana, estação que não foi tomada nesta Revolução.



Outro lado da Estação Ferroviária de Buri, no qual se pode ver, à direita, parte do monumento aos heróis de Buri que lutaram por São Paulo, o qual também possui placa alusiva ao cadete Ruytemberg Rocha²⁶, falecido no Combate de Buri.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Chega a 27 de julho, uma Companhia do 6^o B.C.P²⁷., uma do Corpo de Bombeiros e uma da Legião Negra, com a denominação de Batalhão Arlindo sob o comando do major Arlindo de Oliveira.

²⁶ Vide: <https://youtu.be/hl8fbQufkeE>.

²⁷ Sigla para Batalhão de Caçadores Paulistas, unidade da Força Pública do Estado de São Paulo.

Nós já tínhamos ouvido falar desse antigo revolucionário; e, cada vez mais aumentava o nosso desejo por conhecer essa estranha personalidade de militar.

– Na guerra, como na guerra. – E na guerra nos acostumamos a querer ver nos homens a sua lealdade e a sua coragem.

Quem quer que as tivesse, conquistava o extraordinário carinho com que lhe dávamos a nossa simpatia; e, mais do que esta, a nossa admiração.

O contrário disso... Meu Deus! Eram só adjetivos pouco agradáveis.

Mas, o que fazer? Na guerra, como na guerra.

Na guerra conhecem-se mais eloquentemente os verdadeiros valores, na coragem destemerosa e na lealdade enobrecente.

O major Arlindo é um guerrilheiro de fibra. Não pergunta onde está o inimigo: vai descobri-lo e buscá-lo com suas arremetidas furiosas de bom temerário.

Não tem nervos: é uma complexidade física apropriada para enfrentar, sorrindo, as saudações dos *shrapnels*.

Sua blusa simples não se cobre de talabarte, nem de galões, porém cobre um peito, que pulsa e palpita por lutas e combates.

Eis porque os seus soldados “impressionados pelo magnetismo-natural, que emana de todas as personalidades fortes, condutoras de massas, seguiam-se fascinados...”

O trem blindado e a tropa do major Arlindo iriam tomar Ligiana... Aracassú... Victorino. Carmilo.

Partimos de Itapetininga a 28 de Julho.

Paramos em Cesário, duas estações depois de Itapetininga; e, ali, com muito cuidado, fomos aproximando-nos do prédio ao lado da estação, que estava totalmente no escuro.

Ao cedermos à porta ouvimos, de dentro da estação, um movimento de pessoas, que procuravam esconder-se.

Acendemos uma vela: clareou-se a sala... e que espetáculo doloroso.

Inúmeros soldados nossos, que haviam recuado de Buri, e que, talvez, sem meios de locomoção, vieram de Buri até Cesário a pé!

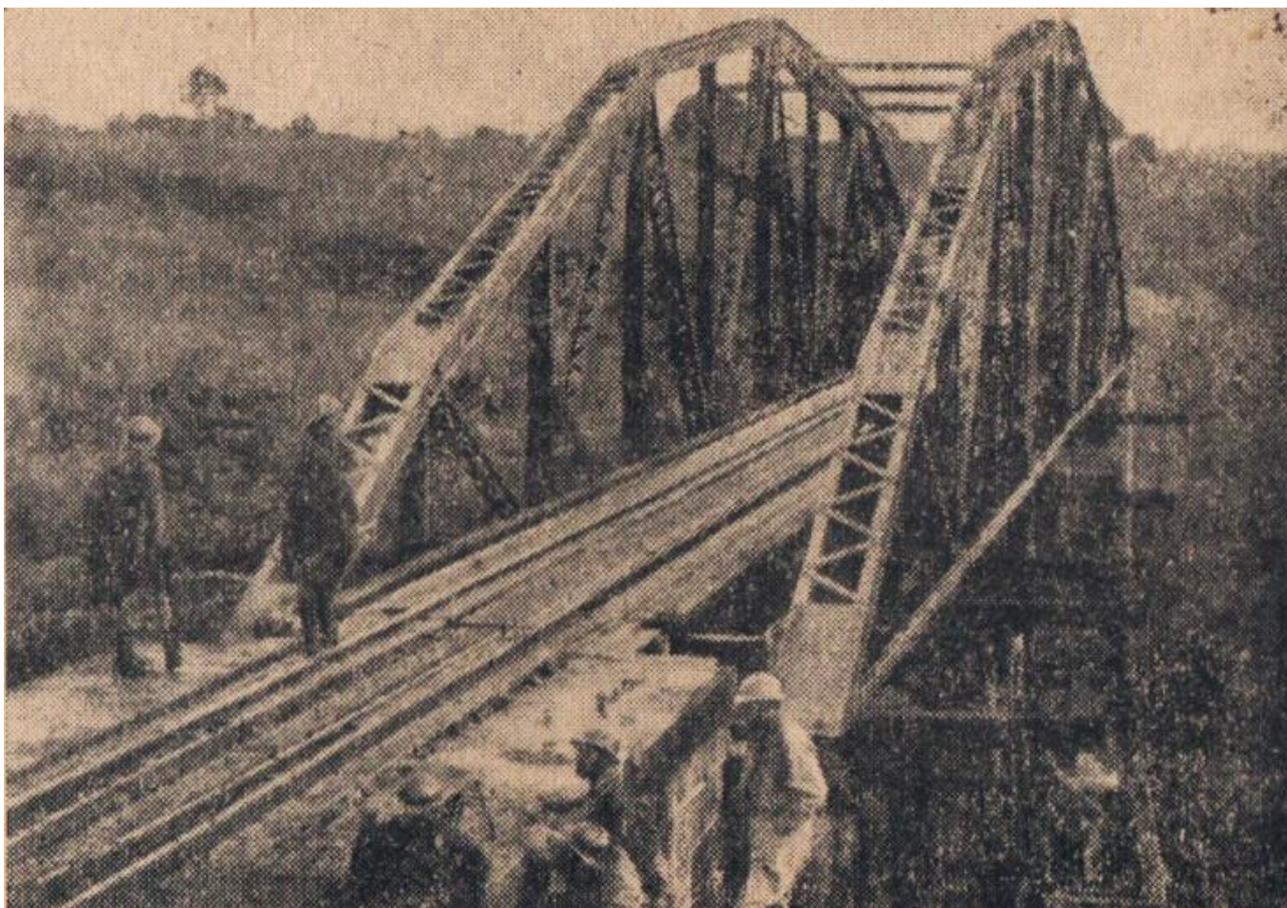
Que quadro triste!

Alguns feridos; outros estropiados e no meio desse descalabro, a vos arrastada do soldado faminto que sempre tem uma história bem triste e bem heroica para contar.

Também ali estava uma segundo tenente da Força Pública, em verdadeiro estado de estropiamento, confundido em meio à soldadesca.

O major Arlindo convida-o para agregar-se a sua tropa, no que ele, contente, aceita.

Chegamos à estação Ligiana sem indício da gauchada.



A ponte sobre o Rio Paranapanema, próximo a Estação Ligiana, em julho de 1932.

Fios telegráficos cortados; e, tudo, na mais lamentável desordem.

O certo, porém, é que o adversário, embora em pequeno número, esteve em Ligiana, pois vimos dezenas de cartuchos e muitos carregadores de fuzil metralhadora abandonados...

Mas, quem sabe, não fossem da nossa tropa, quando da retirada de Buri.... Talvez! ... A majestosa ponte sobre o rio Paranapanema, na mais perfeita ordem.

Chega uma composição conduzindo a engenharia e sapadores, sob o comando do doutor Antonio de Freitas, filho do saudoso Herculano, ex-diretor da Academia de Direito. *"Non confundertur"*.

O capitão Freitas, que é uma figura de irradiante simpatia, está desenvolvendo uma atividade espantosa, auxiliado pelo doutor Mauro Porto (tenente Porto), já transformou os abrigos ligeiros nas mais confortáveis trincheiras, que, por estarem ao lado do Paranapanema, podemos chamá-las, pela perfeição, tipo Verdun.

Fazem parte de sua companhia o acadêmico de engenharia Alfredo Giglio, Eduardo Mastrobiso e o incansável Minervino de Oliveira.

Volta o blindado para Itapetininga.

Na estação estão desembarcando os valentes rapazes do 2º batalhão 9 de julho, sob o comando de Tenorio de Brito.

Desce a cavalaria de Rio Pardo, trazendo como um dos seus organizadores essa figura de *gentleman*, que é o doutor Cid de Castro Prado, exemplo de proveitoso dinamismo vivaz, cheio de entusiástico civismo.

O 9 de julho cede-nos um voluntário, que honrou o nome do seu batalhão, no Trem Blindado: Clovis dos Santos Aguiar.

Voltamos no mesmo dia.

A 30 de julho tomamos Aracassú, espalhando, com as nossas metralhadoras, uma patrulha da cavalaria inimiga, que deixou a vila a todo galope, em direção de Victorino Carmilo.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ARACASSÚ

Aracassú: pequena vila. Umas dezenas de casas... um coreto... uma capelinha... e uma família de alemães, de bondade marcante: família Riedel.

Chega o B.C.R²⁸., comandada por Honorio de Castro, da polícia santa catarinense.

Não podemos esquecer do Toniquinho Pereira, estancieiro de Ligiana, cujo coração boníssimo e ações tão dignificantes formaram em torno de si uma verdadeira auréola de simpatia e gratidão.



Estação de Aracassú, entre Buri e Campina do Monte Alegre.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Pronto para tudo; e o que possui está à disposição da tropa.

²⁸ Sigla para Batalhão de Caçadores da Reserva.

Carneia diariamente vacas e porcos; e faz questão de enviar 150 a 200 litros de leite para os soldados do Batalhão Arlindo, e para os enfermos que ele abrigou em sua residência.



Residência de Toniquinho Pereira. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

A 3 de agosto de 1932 tomamos a estação Victorino Carmilo.

Primeiramente a artilharia advertiu, com quatro tiros, o nosso reconhecimento.

Nas proximidades de Victorino Carmilo, uma patrulha de cavalaria inimiga pretendeu defender-se.

Avança o blindado até a estação, quando é obrigado a parar, devido a dormentes que o inimigo tinha posto nos trilhos.

O inimigo mais adiante arrancava os fios telegráficos, quando a nossa metralhadora os fez fugir, até o corte onde desapareceram, certamente na direção de Buri.

Descemos para carregar uma carreta de artilharia abandonada, quando as granadas inimigas rebentaram ao nosso lado, num raio de 100 a 200 metros.

Os dormentes das linhas serviam de marcos para a artilharia inimiga... parasse o trem blindado e a sua artilharia funcionava.

Estávamos de posse de Victorino Carmilo.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE VICTORINO CARMILO

Victorino Carmilo é uma estação aquém de Buri, oito quilômetros.

Duas chácaras, com boas casas...

Depois, duas choupanas de caboclo... três é demais.

Aquela casa, ao lado da estação, dirigem-se os soldados:

– Deus olhai pela nossa casa; se nossos irmãos não a respeitar, quem vai te respeitar? Até a volta e breve nos encontraremos (sic).

Era a prece do nosso simpático caboclo.

Pobre família... naquele recanto distante do interlande paulista... longe do mundo e tão perto das coisas etéreas, criando o seu suíno e cultivando sua cana.

Um dia, a guerra arrebentou. Saquearam-lhe a casa. Mataram seu porco. Chuparam a sua cana... desfizeram seu lar.

E, no entanto, naquela casa saqueada, aquela gente pobre deixou escrito, caprichosamente, num quadro:

– Deus olhai pela nossa casa; se nossos irmãos não a respeitar que vai respeitar?

Até a volta e breve nos encontraremos.

Falhou por completo o apelo do pobre lavrador de Victorino Carmilo...

... e breve nos encontraremos.

E dizer que os roceiros não têm filosofia...

Aquela casa de caboclo voa para o ar.

Em casa de caboclo dois era bom: pois lá estavam Caetano de Silvio e seu irmão. Mas, logo deixou de ser: Caetano tem as costas atingidas por estilhaços, e morre... seu irmão – que ironia do destino – nem seque um arranhão teve.

Avança silencioso o blindado. O tenente Negrão tem ordem de comando para ir até o quilômetro 286: é curioso e é valente, não encontrando aí o inimigo, vai até o quilômetro 288.

Consegue afastá-lo de suas trincheiras, com o vigor das metralhadoras e do seu heroísmo.

Mas, o inimigo não é mais ingênuo. Assesta suas peças mais longe e dirige uma saudação de granadas ao blindado.

Consequência: uma arrebenta bem próximo da chapa e pela ação dos estilhaços maiores, danifica a frente do trem. Todos nós caímos devido ao choque. Três soldados da guarnição ficam feridos, obrigando o blindado a voltar depressa, como medida de defesa.

Começava a compreender o nosso comando a inutilidade bélica, ou melhor, a pequena eficiência, nas guerras atuais, dessa arma de guerra: o Trem Blindado.

Tenho visto em algumas revistas americanas que as máquinas de transporte (motocicletas, autos, etc.) *blindadas* são eficientes como armas de polícia, para a repressão do crime, na perseguição de criminosos.

Como arma de guerra, deixa muito a desejar.



O Trem Blindado n.º 1 em Itapetininga. Este trem teve, a 7 de agosto de 1932, o seu primeiro carro danificado por uma granada. Nesta fotografia aparecem os doutores Mario Whately e Cardozo que trabalharam na construção dos trens e alguns acadêmicos de engenharia.

Dois mil tiros de Artilharia

O combate de 15 e 16 de agosto de 1932 entre Victorino Carmilo e Buri.

Rompe o silêncio daquela manhã exuberante de luz e de alegria, o canhoneiro inimigo.

Corta a brisa suave daquele dia, a esquadrilha adversária.

Sibilam as granadas: uma horizontalmente; outras, verticalmente.

Trabalham, com uma constância assombrosa, as metralhadoras ditatoriais.

Evapora-se no ar, a fumaça da máquina, que conduz, a toda hora, tropas ditatoriais para Buri. Vai e volta... são homens que chegam da retaguarda, provavelmente de Itapeva, e vem aptos para avançar: descansados, alimentados e bem municiados.

Cortam os ares, nestes últimos minutos, trinta granadas inimigas... a nossa artilharia responde... com dois disparos, por meio de suas minguadas peças.

Utiliza-se o inimigo de dezenas e dezenas de metralhadoras... O paulista fica namorando sua metralhadora: não tem bastante munição para desperdiçar assim.

Chovem as granadas inimigas, quebrando a monotonia de uma tarde, que nós julgávamos calma. O soldado paulista corre e ligeiro deita. Põe-se em pé. Assovia outra granada, e logo é obrigado a deitar outra vez.



Provável localização da estação ferroviária de Victorino Carmillo (à esquerda da linha do trem) na revolução de 1932. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Chovem as granadas, atingindo e revolvendo terra nas trincheiras paulistas..., mas, o soldado paulista não arreda o pé. Começamos a nos apaixonar cada vez mais, então, pela beleza da causa que abraçamos. Os traidores, aos poucos, iam acabando.

E nós, agora, com o vigor de nossas convicções; com o esplendor do nosso idealismo; com o brilho de nossas atitudes e grandeza de nossa fé, provamos que não combatíamos por manobras perrepistas, ou pelos maquiavelismos democráticos.

Essa, a maior injúria que nos atiram, porque combatíamos por São Paulo que queria e quer a Constituição!

Moveu-nos o desejo de vingar a humilhação infligida a São Paulo de 1930 para cá; vingar os tiroteios em praça pública. O povo, na loucura dos comícios, foi passado por uma corrente de desespero que lhe eletrizou o civismo latente para explodir, fulmine-o, no estouro da revolução paulista.

O P.R.P²⁹. e o P.D³⁰. procuraram tirar proveito da situação, é verdade. Mas, nós partimos, porque nos sentíamos uma parcela da população humilhada e vilipendiada por aqueles que nós recebemos numa verdadeira apoteose, em 1930. E vá a gente acreditar em certos revolucionários. Agora serve-nos isso de advertência: *à quelque chose malheur est bon.*

²⁹ Sigla para Partido Republicano Paulista.

³⁰ Sigla para Partido Democrático.

Partimos e mostramos ao resto do Brasil, que ele precisa de São Paulo. Porque São Paulo é capaz de fazer uma guerra, mesmo sem prévia preparação. Fá-la-emos, de novo, com a experiência de agora, se preciso for...

Lutam esses heroicos 1.º B.R.E³¹., 6.º B.C.R., Batalhão Arlindo e uma companhia do batalhão Borba Gato.

Pobre solo paulista revolucionado pelas granadas inimigas.

A paciência de um soldado conta, nesse trágico dia 15, seiscentos tiros inimigos, contra vinte nossos.

Não nos esqueçamos da aviação e das metralhadoras inimigas, que trabalharam sem cessar.

Vem o dia 16 de agosto de 1932... chega o batalhão 9 de julho. Já uma ala nossa é obrigada a se retirar.

Era preciso defender, agora, a via férrea.

E ali, um bravo da polícia mato-grossense e gaúcho de nascimento, defende com estoicismo suas posições. Esse homem, esquecido de todos, é o tenente Lucio Gonçalves, comandante da 1ª Companhia. do 9.º B.C.R.

Honra a todos os soldados com esse, que, de tão humildes, a História esquece seus nomes: honra a eles, quando assim se sublimam no heroísmo.

Honra ao doutor Nogueira Martins que, acompanhando a tropa do major Arlindo, no seu movimento contornante, não se prevaleceu da sua qualidade de médico: infiltrava-se no perigo, para ver um ferido. Não ficava nos hospitais de sangue, porque assistia aos feridos no meio dos combates. Verdadeiro médico-soldado. Que orgulho eu tenho de gente assim!

Tem necessidade Lucio Gonçalves de munição... não há ninguém que leve.

Levar munições? Mas como, se ao longo do caminho, as granadas arrebetam? Como? Se o inimigo via quem as fosse levar?

– Ninguém leva? O meu pessoal leva, diz o tenente Negrão, naquela serena e convencida confiança nos seus comandados.

E é ainda essa figura simpática do engenheiro Homero Silveira, da nossa guarnição; o soldado da Força Pública, Bueno da Silva, e os voluntários Atugasmin Médici Filho e Serafin Leoni que socorrem Lucio. São esses bravos e heroicos, os destacados pelo corajoso e leal Negrão.

Voltam lívidos de espanto e com a terra pelo corpo, devido a uma granada que arrebetou perto deles.

É preciso guarnecer um flanco. O capitão Honorio de Castro não quer fazê-lo com um pelotão, que está sob seu comando.

Diz o capitão Negrão ao coronel Klinglhoefer:

– Eu vou com meus homens!

Retira as metralhadoras do blindado; e, acionado pelo heroísmo sem limites de Homero Silveira, parte para a linha de frente, deixando o blindado, na estação, sob o comando de Atugasmin Médici Filho.

³¹ Sigla para Batalhão da Reserva de Engenharia.

Roncam os aviões; e cortam os ares as granadas.

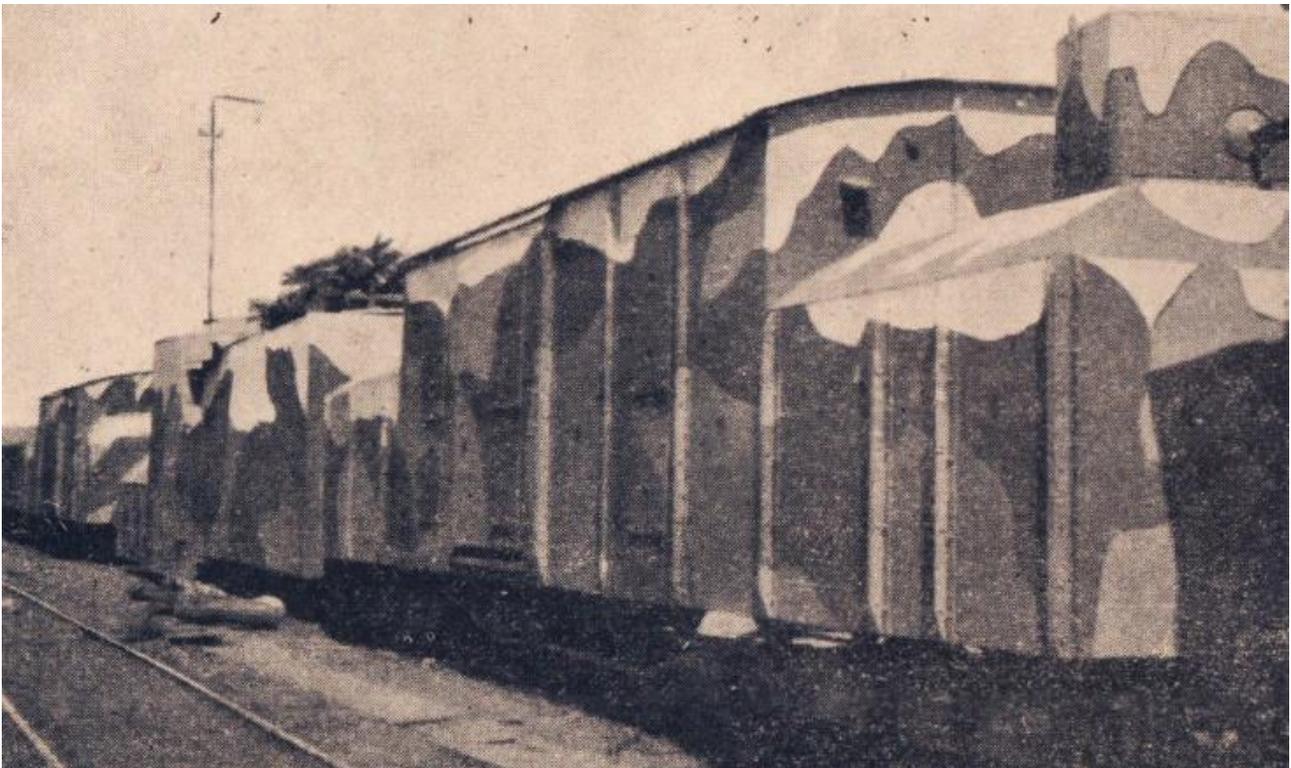
À tarde, devido ao flanco abandonado, na véspera, fomos obrigados a uma retirada, para evitar que tivéssemos a retaguarda cortada.

E, quando menos esperávamos, o blindado lento, atravessando toda aquela linha perigosa, é trazido, por seu comandante *ad-hoc*, meu irmão Atugasmin Médici Filho que o Negrão deixou nessa tarefa.

Sua deliberação foi providencial. Porque atenuou, em parte, o hercúleo esforço de Clovis Santos Aguiar e Tomaz Nunes da Fonseca, que, correndo três quilômetros, iam ao encontro do blindado, afim de fazê-lo vir depressa.

Maravilhosa telepatia de um e outros, que salvou com a vinda do blindado, a tropa do tenente Lucio, e pode trazer os últimos feridos do combate.

Maravilhoso heroísmo desse pugilo de moços.



O Trem Blindado n.º 3. Distingui-se, perfeitamente, a torre giratória do primeiro carro.

Correspondentes do general de brigada Valdomiro Castilho de Lima classificaram o combate de 15 e 16 de agosto de 1932, nessas paragens em que se deflagraram cerca de dois mil tiros de artilharia, como a maior batalha já havida na América do Sul.

Glória imperecível aos mortos e feridos em combate; honra a todos os combatentes paulistas. O assalto é o heroísmo máximo do soldado. Terrível bárbaro. Brutal.

Assim relata Afonso de Carvalho, no seu bonito livro *Capacete de Aço*³². Pois a defensiva nossa, nesse dia, foi o heroísmo máximo da fé paulista: Empolgante e Divina.

– Honra aos sofredores *pollus* de Victorino Carmilo, paulistas tombados nessas luminosas jornadas de 15 e 16 de agosto.

– Honra a esses heroicos batalhões de voluntários: 6.º, 7.º e 9.º B.C.R.; 9 de julho; Batalhão Arlindo; 1.º B.R.E. e Batalhão Borba Gato, que, assinalados, à distância, pela artilharia adversária, mantinham suas posições, como se o sentimento do dever os houvesse fixado ao solo por meio de profundas raízes crescidas num momento.

– Honra a todas as laboriosas formigas humanas que, vindas, de longe, de todos os rincões paulistas, traziam o cimento de seu esforço para a construção da muralha ciclópica, onde se iria quebrar o arremesso insolente dos invasores desse São Paulo meridional.

O Coronel Brasílio Taborda assim se expressou, no boletim de 24 de agosto, nº. 28, sob o combate de Victorino Carmilo:

As forças constitucionalistas do Setor Sul lavraram nos dias 15 e 16 de agosto uma página de bravura e de civismo. A maneira brilhante com que suportaram a preparação da artilharia inimiga, que durou das 6 até às 16 horas de 15, o denodo com que se mantiveram nas trincheiras, para deter as vagas sucessivas de assalto, que eram precedidas de numeroso fogo de acompanhamento, dizem bem alto do valor do soldado paulista e a justiça da causa pela qual se bate. Em consequência, cabe-me elogiar:

No Trem Blindado:

Capitão Afonso Negrão, a *coragem em pessoa*, marchando para frente a qualquer hora do dia, ou da noite, prestou os mais relevantes serviços desde o dia que assumiu o comando do Trem Blindado.

2º tenente Romão Campos, o companheiro inseparável do capitão Negrão.

2º sargentos: Tomaz Nunes da Fonseca, Fernando Penteado Médici e Atugasmin Médici Filho;

3º sargentos: Julio Carmelo Monteiro e Serapião de Moraes;

Cabos: Silvino Faria Lopes, Arlindo de Azevedo, Josué Charaba, Paulo Fernandes e Lucindo Mamede da Silva;

Soldados: João Bueno da Silva, José Soares, Nelson Sacramento Lorena, João Paulo Filho, Atonio Benedito Ramos, Oscar Bueno da Silva, Serafin Leoni, Clovis dos Santos Aguiar e Homero Silveira.

³² CARVALHO, F. A. de. *Capacete de Aço: cenas da lucta do exército de leste no Valle do Parayba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

É difícil dizer qual destes homens é o mais digno de louvor: todos foram admiráveis e merecem os maiores elogios³³.

Elias Karam fez parte da Caravana Acadêmica, do Paraná, que nos visitou dias antes da Revolução. Estalado o movimento, Karam, completamente integrado a nossa causa, alistou-se no 9.º B.C.R. que combateu no Sul.

Agora, ele nos manda de Curitiba, o seu livro: Um paranaense nas trincheiras da lei³⁴.

Da página 215 de seu livro, transcrevo as seguintes linhas sobre o Trem Blindado: O trem blindado foi de grande eficiência nas linhas do Sul.

Assim, no mais aceso da luta, lá ia o blindado atemorizar os adversários
(KARAM, 1933, p.215).

No combate do dia 16 de agosto, os homens do blindado puseram a prova toda a sua valentia. Dizia-se, por despeito, naturalmente, que os homens do blindado só lutavam abrigados pela couraça de aço de que era revestido o trem.

Engano e ignorância.

Porque os homens do blindado corriam dois perigos: o de ficarem isolados completamente, se lhes cortassem a retirada; com o de poderem sofrer o levantamento dos trilhos em sua retaguarda ou com lhes dinamitarem a linha, por onde passasse.

É verdade que para este último caso havia a segurança nas gondolas, por meio do desligamento automático que partia da locomotiva. Mas, também a carga de dinamite poderia suportar o peso das gondolas e só explodir na passagem da locomotiva.

Entretanto, para se desfazer a intriga, ainda estamos em tempo de citar um ato de grande heroísmo dos homens do blindado.

Nesse dia 16 de agosto de 1932, uma de nossas linhas estava fraca. Pois o tenente Negrão, bravo comandante do blindado, levou consigo dezoito homens do trem e com eles foi guarnecer o ponto fraco e batalharam valentemente o dia todo.

Eram bravos os homens do blindado.

O Médiçi (refere-se a Atugasmin Médiçi Filho) ficará tomando a responsabilidade da composição blindada. No momento da retirada geral, não abandonou os seus.

³³ Nesta citação em boletim interno do Exército Constitucionalista do Setor Sul, a começar pelo 1º tenente Negrão, que ainda não tinha sido promovido a capitão, quase todos são citados com os postos/graduações alterados.

³⁴ KARAM, E. Um Paranaense nas Trincheiras da Lei: subsídios para a história da revolução paulista. Curitiba: A Cruzada, 1933.

Deu ordem para o blindado prosseguir e chegar bem junto das nossas trincheiras; e, aí, não só recolheu os dezoito bravos, mas também todos os nossos companheiros do 9.º B.C.R. de outras unidades.

Se não fora o blindado, teriam eles que fazer longa e penosa marcha de recuo, senão caíssem muito deles em mãos inimigas.

Diário do Major Arlindo de Oliveira

O ataque na retaguarda de Buri, pelo Batalhão Arlindo, visto do próprio diário do seu comandante, Major Arlindo de Oliveira, hoje comandante interino da cavalaria da Força Pública de São Paulo.

Do seu diário:

N.B. – Apanhado e impressões rústicas colhidas no momento em que o cérebro e os nervos estavam debaixo da ação causticante da metralha e do canhão. Despido de gramática e de literatura.

Transcrito tal qual o original, cedido gentilmente pelo Major Arlindo, ao autor deste livro.

Dia 12 de Agosto de 1932.

Chegou a valente companhia do Borba Gato, comandada pelo tenente Ernani, depois de fazer uma boa dezena de quilômetros a pé.

Coloquei-a na boca da picada que liga Buri a Capão Bonito.

É uma posição dominante, no flanco esquerdo da nossa tropa.

Às dezessete horas chegou um batalhão, com efetivo de 400 homens, com fim de substituir o meu que já recebeu ordem de atacar o adversário pela retaguarda, entre Buri e Rondina.

É uma missão arriscadíssima, com probabilidade de ser o meu batalhão totalmente esfacelado, ou aprisionado. Ponderei ao capitão Djalma e coronel Klinglhoefer que iria apenas para não passar por covarde, mas o sacrifício que exigiam de mim era superior às minhas forças.

– Sou soldado cumpro com o meu dever: único lema que me arrasta a essa luta de irmãos contra irmãos.

Dia 13 de Agosto de 1932.

Iniciamos a marcha desde ontem às 22 horas, tendo atingido a barranca do rio Apiai Mirim, ao meio dia, e só lhe atravessado depois das cinco horas da tarde, devido ao atoleiro existente, em ambas as margens.

Além de 220 homens de infantaria, levo 70 cavalarianos, sob o comando do tenente Feijó.

A infantaria passou o rio sobre uma pinguela, mas a cavalaria teve que passar a nado e com grande sacrifício devido o terreno mole.

Pernoitamos numa fazenda, distante de Apiai Guassú 10 km.

Dado ao adiantado da hora não pude alimentar a tropa, estando apenas com o jantar de ontem.

Dia 14 de Agosto de 1932.

Às 4 horas iniciamos novamente a marcha, tendo chegado às margens do Apiai Guassú.

Às 10 horas, determinei que o tenente Feijó reconstruísse a ponte e esperasse a noite, para fazermos o ataque na retaguarda inimiga. Enquanto o tenente Feijó reconstruía a ponte, fui pessoalmente carnear dois novilhos para minha tropa, que está desde a noite de 11 sem alimentação alguma.

Às 12 horas recebi um recado verbal do tenente Feijó, que eu enviasse com toda a urgência o meu batalhão para apoiar a cavalaria que já havia cortado a linha telefônica e já estava empenhada em luta com a cavalaria adversária.

Fiquei surpreendido com tal recado, pois havia ordenado ao tenente Feijó, que só atacaríamos alta hora da noite.

Diante da situação criada pelo Feijó, fui obrigado a lançar uma companhia no flanco esquerdo, apoiando a cavalaria Feijó; e outra atirei sobre o flanco direito, afim de impedir que avançasse a tropa de Buri; que àquela hora já era sabedora que estava sendo atacada na sua retaguarda, por um caminhão deixado escapar pelo Feijó.

A terceira companhia ficou de reserva, sendo mais tarde lançada para a frente com o fim de impedir um avanço de uma tropa que procurava envolver pelo lado direito a companhia que apoiava a cavalaria na esquerda.

A luta prossegue e quanto mais tempo passa, mais aumenta a potência do fogo adversário, com novos reforços vindos de Buri e Itapeva.

Com a imprudência do Feijó vejo que o nosso plano está totalmente fracassado, pois encontro-me entre dois fogos e sem probabilidade de avançar, visto a superioridade numérica e material do adversário.

As 16 horas, com surpresa, vejo que a cavalaria deslocava do meu flanco esquerdo para a retaguarda, procurando a direção da ponte do rio Apiaí-Guassu.

Não tendo eu ordenado manobra alguma à cavalaria, fui pessoalmente ao seu encontro e com surpresa ouvi do tenente Feijó que não lutaria mais e com a sua cavalaria recolheria a São Paulo, não obedecendo daquela hora em diante ordem do coronel Taborda e de ninguém.

Fiz-lhe ver que não podia deixar-me naquela situação, pois tinha minhas companhias dentro do inimigo provavelmente sem o seu apoio no flanco esquerdo, seria minha companhia envolvida pela cavalaria adversária.

O tenente Feijó responde que estava firme no seu propósito e seguiria imediatamente.

Diante da situação crítica em que de um momento para o outro, fui colocado resolvi determinar as minhas companhias que procurassem resistir

até a noite sem avançar; e logo que escurecesse, fossem retirando as tropas mais avançadas por pelotões e aumentassem a potência do fogo na proporção da retirada.

Com uma bravura única, a companhia Aranda, do flanco esquerdo, pude reter o adversário até a noite e iniciou o recuo determinado, retirando todo o seu pessoal em perfeita ordem e sem que o inimigo percebesse.

Às 20 horas, o tenente Aranda comunica que o primeiro e o segundo pelotão já haviam retirado, concentrando-se além da ponte, e o terceiro se retiraria depois que a companhia do flanco direito retirasse a metade do seu efetivo.

Às 21 horas já havia recuado toda a tropa com exceção de 15 homens que comigo ficaram, inclusive uma metralhadora pesada, afim de garantir a retirada da tropa. Tendo determinado ao capitão Ribeiro que conduzisse o batalhão e os feridos, em número de oito, para a margem do Apiai-Mirim, fiquei combatendo o adversário com quinze homens até às 23 horas, dando assim o tempo necessário para que minha tropa ganhasse distância.

Às 23 horas, já as tropas adversárias tiroteavam a pequena distância de nós, procurando envolver os nossos flancos e então retirei-me com o pessoal em perfeita ordem, até a ponte.

Quando estávamos quase terminando a destruição, apareceu o cabo Sales avisando que havia um nosso ferido a dois quilômetros dali da ponte. Convidei seis homens dos mais espertos para buscarmos o ferido.

Entramos dentro do inimigo, numa extensão de quinhentos metros, e fomos encontrar o pobre homem com um tiro no ventre.

Felizmente, dentro de uma carroça inimiga deixada pelo Feijó, além de muita munição, tinha uma padióla que muito auxiliou a retirada do ferido, pois, por espaço de quinhentos metros, tivemos que andar de joelhos para não sermos atingidos.

Felizmente, alcançamos a ponte, com o ferido de madrugada, deixando o adversário brigando entre si, pois devido a minha colocação no centro deles, ficaram sem ligação, resultando um ficar defronte do outro na certeza de estarem brigando com minha tropa.

Dia 15 de Agosto de 1932

Às oito horas, alcancei minha tropa já do lado de lá do Mirim que me aguardava.

Como não era conveniente a permanência ali, por falta de recursos, iniciei novamente a marcha com direção a Victorino Carmilo, afim de dar descanso e alimentar minha tropa, que já está com 60 horas em jejum completo e cansada.

Às 10 horas da manhã, atingi a estrada que liga Capão Bonito a Buri, e graças ao tenente Porfirio, foi conseguido dois caminhões que conduziram uma parte da tropa – que já não podia marchar, devido à debilidade pela fome e cansaço – para a fazenda Salto, lugar provido com recursos de gado.

Às 16 horas, terminavam de chegar os últimos elementos; e, aí recebemos ordem de um descanso por seis dias.

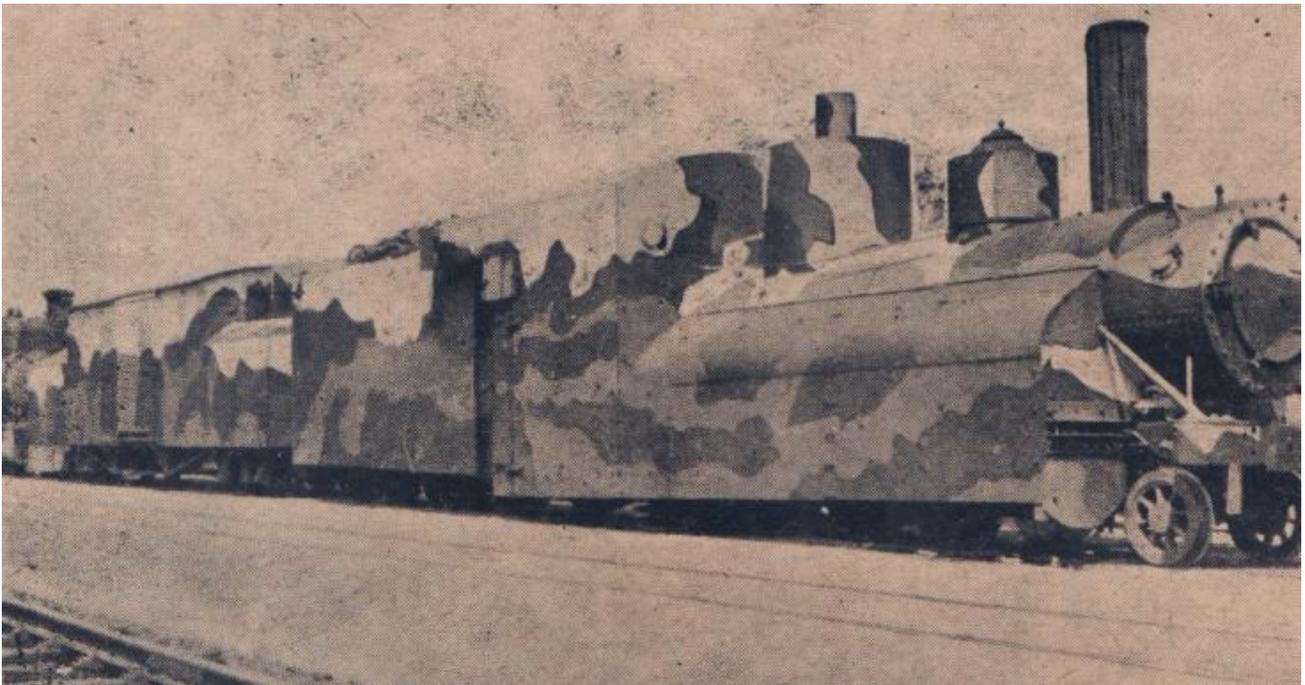
Os oito feridos foram remetidos em caminhão para Capão Bonito, tendo um falecido durante o trajeto.

No ataque que efetuei, na retaguarda de Buri, é justo que sejam lembrados, neste pequeno apanhado, os tenentes Martins, Aranda, Roço e o comissário da Legião Negra, Silva, que se portaram acima da expectativa.

Quanto aos graduados e soldados, oportunamente, os comandantes das companhias apresentarão os relatórios.

Merecem destaque o cabo Sales e o soldado Miranda, não só pela atuação demonstrada desde Itapetininga, como agora; além de combater, arriscaram a vida, para retirar um ferido do meio do adversário.

O doutor Nogueira Martins, médico, que acompanhou o batalhão, posso qualificá-lo de herói pois foi o último elemento que abandonou o campo, recolhendo todos os feridos, empregando seus serviços com dedicação e coragem.



Um trem blindado de outro setor.

Dia 16 de Agosto de 1932

Estou na fazenda Salto, distanciada da trincheira Boca da Picada onde está o Ernani, com a companhia Borba Gato, um quilômetro, mais ou menos em reserva, ou melhor, descansando da marcha que fizemos.

A tropa amanheceu em melhores condições, mas ainda continua estropiada.

Desde ontem que a artilharia adversária bate sem piedade a trincheira do Borba Gato.

Creio que vamos ter pano para mangas, hoje ou amanhã. O resto do dia foi deixado ao setor de Victorino Carmilo. Alguns soldados tiveram a

paciência de contar 300 tiros do adversário. As nossas suas peças estão caladas, provavelmente acham-se impotentes para responder as 24 adversárias.

Dia 17 de Agosto de 1932

A artilharia inimiga descansou durante a noite; mas, hoje, ao clarear do dia, começou com mais violência do que ontem.

Ao meio dia, recebi um recado do Ernani avisando que a tropa inimiga marchava em direção de Victorino Carmilo.

Corri imediatamente para examinar a situação, e vi que o inimigo atingia, em escala, as posições paulistas, apoiado pela artilharia e pelas automáticas.

Diante de tamanha gravidade, corri ao meu acampamento, e consegui uns cinquenta homens, em melhores condições, e duas metralhadoras pesadas, para auxiliar o Ernani que já estava sendo fortemente atacado pela infantaria inimiga e artilharia.

Com uma metralhadora pesada, consegui, com dificuldade, ocupar o flanco direito da sua trincheira, tendo o capitão Ribeiro ocupado o flanco esquerdo com outra pesada.

Por motivo que ignoro, só chegaram comigo três homens da guarnição da pesada, tendo o apontador desaparecido.

Como apontador, iniciei forte fogo no flanco do inimigo, o que deu bom resultado, pois notei que os pelotões que até então marchavam unidos e alinhados, começaram a se dispersar, tombando diversos soldados. A distância da minha trincheira ao inimigo regula uns 1.600 a 1.800 metros.

O ataque a nossa trincheira é cada vez mais violento, dado as boas posições do inimigo, que já havia ocupado as cristas paulistas e marchava ao nosso encontro.

Ao escurecer, a nossa trincheira era atacada por uns mil e quinhentos homens e a curta distância.

Noto que diversas praças reclamam munição, pois a reserva que eu tinha do combate de Buri, já havia sido paga a tropa.

Às 7 horas da noite, os tiros dos nossos soldados eram escassos, por falta de munição. Como já a minha metralhadora não funcionava, devido a desarranjo no cano, retirei toda a munição dos carregadores e sustentei, com meus poucos homens, a retirada de toda a tropa de Borba Gato e os meus cinquenta homens.

Às 9 horas da noite retirei-me, com os últimos dez homens que haviam ficado comigo, para Fundão, onde tinha determinado que toda a tropa recuasse, afim de se abastecer de munição.

Na retirada, que foi feita devido à violência do fogo, ficaram diversas barracas do Borba Gato, e algumas mantas e quatro fuzis.

Os fuzis consegui levá-los, mas o resto fui obrigado a deixar, dada a situação em que ficavam as barracas. Soube que ficou um morto do Borba

Gato, que não foi possível ao Ernani retirar, por ter sido ocupada a trincheira.

Entre mortos e feridos dos nossos pude contar 8 – não contando comigo que recebi um tiro na mão direita, quando procurava proteger o recuo da minha tropa.

Às 23 horas, recebi uma ligação com a tropa de Capão Bonito, avisando-me que a munição pedida seguira com urgência.

Dia 18 de Agosto de 1932

Às 2 horas da madrugada, de 17 para 18, chegaram 15 cunhetes de munição e uma ordem do coronel Taborda para que eu incorporasse o batalhão 14 de Julho a minha tropa e retomasse as posições do Borba Gato.

Ao amanhecer do dia seguinte ia com meu batalhão e o 14 de Julho em direção à boca da picada, a fim de cumprir as ordens do coronel Taborda.

Ao chegar às costas da casa do Alemão, foi minha vanguarda recebida a tiros de automáticas, que partiram das trincheiras na boca da picada.

A fim de melhor estudar a situação, organizei uma defensiva da estrada e o 14 de Julho a direita. Dada a responsabilidade de avançar pelo eixo da estrada, devido á conformação do terreno, organizei um plano de ataque simultâneo pelos flancos.

A companhia Aranda entraria a uns dois quilômetros à direita das trincheiras, pelo mato e logo que alcançasse as alturas determinadas faria pressão para esquerda e só atacaria o flanco esquerdo do inimigo.

A companhia do capitão Bravo, do 14 de Julho, apoiado o flanco direito do tenente Aranda, ligar-se-ia com a companhia Borba Gato que havia ocupado a ponte manteiga.

A companhia Roco entraria pela esquerda e atacaria o flanco direito do adversário, enquanto eu, com a companhia Martins, atacaria pela estrada, logo que o tenente Aranda iniciasse o fogo.

Tendo passado da hora determinada, e como não houvesse informação do tenente Aranda e do capitão Bravo, resolvi atacar pelo eixo da estrada na certeza que o tenente Aranda já estivesse colocado.

Iniciei o ataque com energia e consegui avançar até poucos metros da boca da picada mas, diante da forte resistência demonstrada e já haver um grande número de feridos³⁵ e um morto, resolvi recuar a até a casa do Alemão, a esperar informação do tenente Aranda e capitão Bravo.

Ao escurecer chegava a companhia Bravo, dizendo haver ocupado a posição determinada mas não havia conseguido ligação com o tenente Aranda e que o capitão Bravo havia feito um prisioneiro e que horas antes havia partido ao meu encontro.

Às 7 horas e 15 minutos da noite chegava o capitão Bravo com o prisioneiro, alegando ter-se perdido na mata e ali pernoitado.

³⁵ KARAM, E. Um Paranaense nas Trincheiras da Lei: subsídios para a história da revolução paulista. Curitiba: A Cruzada, 1933.

Às 9 horas, chegava a primeira informação do tenente Aranda, avisando haver se perdido, não podendo ocupar a posição determinada, e que se encontrava na ponte manteiga em companhia do tenente Ernani.

Reuni novamente toda a tropa, na casa do Alemão, e determinei a ocupação das diversas posições do momento tanto pelo batalhão 14 de Julho como o batalhão Arlindo.

O desvio feito pelo tenente Aranda não se justifica, apesar de ter que fazer a caminhada dentro do mato, mas em qualquer parte que ele estivesse, avisaria o seu objetivo por ser uma crista alta e assinalada por objetivo visível.

Quanto ao capitão Bravo, cumpriu mais ou menos, a ordem, mas errou não mandando informações a tempo preciso.

É um dos grandes males dos quais a totalidade dos nossos oficiais sofre, o de não informar ao comando, quando designados para qualquer missão, talvez propositalmente, para evitar o cumprimento da missão.

Dia 19 de Agosto de 1932.

Durante o dia, apenas troca de tiros de fuzil

A artilharia está muda. É mau sinal.

Fui designado por ordem do comandante do setor para assumir o comando do destacamento de Buri e Fundão.

É uma missão que não posso aceitar, por ter que abandonar o comando do meu batalhão e do 14 de Julho que apesar de ter seu comandante, procura se mostrar a mim, mesmo nas pequenas coisas.

Noto que quando chego e começo a lutar, toda tropa se anima como se tivesse recebido uma injeção de óleo canforado.

Nas marchas da ofensiva, cada vez que destaco soldados para a vanguarda e que me coloco na retaguarda, a tropa não anda e no primeiro tiro que recebe cai toda e procura passar para a minha retaguarda.

Se acontece eu estar na frente com os primeiros elementos, a tropa toda avança com uma coragem assustadora.

Faço estas observações apenas para justificar o motivo porque sou obrigado tanto, nas marchas como nos combates, a marchar sempre a testa do meu batalhão, o que tem causado críticas de certos oficiais do meu batalhão que muitos apreciam retaguarda, de acordo com o regulamento.

Se fosse atrás do regulamento, não teria saído de Itapetininga um passo, no primeiro encontro, aconteceria o que aconteceu com a tropa que defendia Itararé, isto é, os oficiais, a grande distância da tropa com irradiadores dos automóveis virados para São Paulo.

Estou com um mês e tanto de campanha e, até hoje, não sei que gosto ou cor tem um automóvel.

Nesta pequena anotação, não existe modéstia e engrandecimento; é que apenas uma observação verdadeira, que fiz e continuo a fazer.

Dia 20 de Agosto de 1932.

O combate continua sendo de fuzil e metralhadoras pesadas somente que a potência do fogo inimigo tem sido muito aumentada. Creio que estão projetando uma grande ofensiva.

O meu batalhão, apesar de esgotado, continua com ânimo.

O 14 de Julho que é formado na sua totalidade, por moços acostumados ao luxo e automóvel, está dando prova de uma resistência e coragem admirável. Bacharéis e médicos que antes os conheci com unhas brunidas e luvas, hoje empunham uma picareta e uma pá, com a mesma ligeireza e disposição do nosso pião rude do campo.

Dentre eles, conheço um que não declino o nome, por consideração, que em sua casa torce o nariz cada vez que a criada traz um prato mesmo delicioso; e hoje, ainda o vi comer uma boia brava numa marmita suja, com areia e casca de pau, e pela rapidez com que comia, notei que a achava muito saborosa.

Não podendo me conter, bati-lhe no ombro e lhe disse:

– Como o mundo gira não, fulano!

Ele com um olhar triste, como se tivesse lembrado dos seus garotinhos, apenas fez um movimento afirmativo com a cabeça.

Fico com dó, mas ao mesmo tempo, sinto-me orgulhoso de ver aquele sujo, barbado, remelento que amanhã sentado no Congresso, ou na Presidência do meu país, saberá defender o nosso Sertanejo e as nossas populações do flagelo das revoluções inventadas pelos desempregados e ambiciosos.

Eles viram o sacrifício do nosso sertanejo.

Eles viram os lares saqueados.

Eles viram as famílias famintas, habitando o mato, como selvagens, salvando-se do impiedoso bombardeio.

Eles viram o produto de alguns anos de trabalho, do nosso infeliz jeca, reduzido à fumaça.

Eles viram as lágrimas das mães, que fugidas nos matos, viram os seus filhinhos morrerem de fome ...

Aqui termina a transcrição do trecho do Diário do valoroso major Arlindo, exemplo de oficial condutor de soldados, na hora decisiva em que os soldados precisam de oficiais, isto é, na hora, dos combates a frente deles, ou confundido no meio deles, como paradigma a seguir nas lutas cruentas, sob sibilar das balas.

Bravo oficial. Muito bem.

Depois do combate de 15 e 16 de Agosto

Retirada para Ligiana. Frente em Aracassú. Humberto Gomes Maia e sua morte. A chegada de Adáto Melo.

Partimos, em retirada, para Ligiana...

E, imediatamente, fizemos a nossa frente em Aracassú, tendo a testa dessa missão, um oficial de valor: O capitão Djalma Dias Ribeiro, do Estado Maior.

Acompanhado, por uma bandeira de fama, que flamulava impaciente na pessoa de Adáto Pereira Melo, chega, no dia 17, o batalhão mais bem vestido de nossa guerra: o 10° B.C.R.

Rapaziada boa e decidida.

Na sua oficialidade alteava-se, na simplicidade eloquente de um oficial valoroso, o tenente João Carlos Gross, do Exército Brasileiro.

Secundava-o o brilhante civil: Constâncio Silveira. Willi Aureli, conhecido jornalista de São Paulo, impressionava a tropa com seus gestos e ações, dignos de imitação.

Adáto Pereira Melo inferiorizava o prestígio do seu batalhão por ser antes oficial da retaguarda, do que campanha.

Mas, podemos acusar, também, tão rudemente, Adáto de Melo, se, como militar, não escolhe postos, mas aceita-los?

Consideremos, primeiramente, que o tenente Adáto foi elogiado pela sua ação como organizador de batalhões.

Tem qualidades militares bem apreciáveis... era, vamos sintetizar, um oficial adequado a retaguarda.

Puseram-no na frente. Foi altivo e conseguiu se impor.

Mas um dia! Que dia. Cortou célere, os espaços, a esquadrilha inimiga. Saudou o batalhão do Adáto com mensagens de cinquenta quilos.

Consequência: Adáto Melo sofreu mais do que ninguém a influência desse bombardeio.

E teve as suas faculdades psíquicas alteradas e ficou com uma grande paura dos bichinhos do ar.

Adáto Melo é um caso psicológico interessante...merecedor de estudos.

Esquecia-me de sua ordenança, Françaís Ferreira Ramos, aluno da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, de Piracicaba, cuja persistência e coragem, quer levando mensagens, vencendo quilômetros e quilômetros, de madrugada, por aqueles morros abandonados; quer enfrentando os maiores perigos, no mais aceso da luta.

Tenho lido ataques ao modo de agir do tenente Adáto, sem que fosse lembrada a figura de Françaís Ferreira Ramos, ao menos para atenuar a acrimonia desses críticos que, provavelmente, não são valentes como Françaís, do batalhão Adáto.

A ponte do Paranapanema foi derrubada, é verdade: acusam Adáto.

Mas, fez por deliberação própria?

Não teria Adáto Melo derrubado a ponte por ordem do coronel Taborda, ou coronel Klinglhoefer?

Convém primeiro apurar o caso, para depois acusar.

Quem sabe, se quando Adáto regressar do exílio, tudo não se esclarecerá?

O tenente Negrão faz diversos reconhecimentos, com o blindado, sem utilidade, pois o inimigo, não mais se entrincheira ao longo da via férrea.

O blindado ia se tornando um doce *sleeping room*, onde o maior dorminhoco...ó, ele, é tão sem importância, que nem convém citar o nome.

Muita gente, quando o blindado não oferecia mais perigo, ia lá dormir... fugindo certamente das trincheiras.

Para que citar os nomes?

Poderão dizer-nos: quem está livre de culpa, atire a primeira pedra.



A ponte sobre o Rio Paranapanema próxima à Estação Ligiana.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Não se faz mais nada no blindado. O Negrão impacienta-se com essa inércia e faz constantemente reconhecimentos, até perto de Victorino.

Às vezes, fazia-nos companhia no trem o Willi, que levávamos até o quilômetro 276, onde ia experimentar as célebres bombadas do capitão Defeo.

Às vezes era esse atraente homem, chamado tenente-coronel Milton Freitas de Almeida, que, na qualidade de comandante de subsetor, ia inspecionar as trincheiras.

Discreto: olha tudo e muito. Soma e divide parcimoniosamente. Figura elegante: alto e forte.

Inteligência viva e culta; e, junto a tudo isso, um grande amor a causa que defendia.

Ele foi o melhor oficial que apareceu no Setor Sul.

Aristides Penteado era um bravo, é verdade... mas era um bravo das trincheiras.

O Negrão era formidável; o Arlindo, estupendo; o Lucio, empolgante. O Benedeti, maluco... verdadeiras fulgurações dessa geração nascida para guerrear.

Mas, Milton era oficial de salão, da retaguarda, da trincheira, e do ataque.

Gentleman: ele honra a farda que veste; e, na qualidade de sub comandante de Setor, tomando conta de batalhões e de oficiais, com uma grande responsabilidade, ele soube ir ao ádito da nossa admiração.

Foi ferido a 27 de Setembro, em Gramadinho, num conflito entre soldados nossos.



O Tenente Coronel Milton em Gramadinho. Da esquerda para a direita: Dr. Tamandaré Uchôa, Capitão Paiva, Aristides Seixas, Tenente Coronel Milton e Armando Brussolo.

Não fazia mais nada de bonito o blindado: levava chepa; carregava oficiais; trazia feridos; e, talvez, só para uma coisa ele servisse: para uma retirada.

O inimigo não fazia muito ataque, devido a existência do trem blindado. Quando?

Foi numa tarde linda de Revolução...

A natureza aperfeiçoava-se, sempre, em melhorar, com o colorido dos seus dias bonitos, os espetáculos da véspera.

Deslizou o blindado pelos trilhos da Sorocabana. Ia buscar um ferido: era a metamorfose que sofrem essas armas de guerra, que só tem eficiência e utilidade, enquanto vegeta na alma do adversário a ingenuidade.

Primeiro era o blindado um aríete destruidor... agora era uma ambulância.

O ferido: um menino ainda. Colocamo-lo, na gondola. Diziam ter recebido um tiro no peito, iria morrer, certamente. Porém, não gemia, não articulava uma sílaba de desespero. Limitava-se a olhar tristemente aquela abobada suave do céu, cheia de nuvens brancas de ansiedade...

Aproximamo-nos: não o conhecíamos. Não sabíamos que timbre soava o diapasão de sua voz.

Sentimos, porém, uma força interior que nos arrastava aquela bonita mocidade...

Lendo, mais tarde, ainda em campanha, um jornal com o nome dos últimos mortos constitucionais, deparávamos com um, que pela associação de ideias, concluímos ser o menino carregado pelo blindado.

Chamou-se em vida: HUMBERTO GOMES MAIA, de família relacionada em São Paulo; bacharelado do Ginásio Normal.

O Exército Constitucionalista era formado da fina flor da nossa mocidade... e no entanto!

Na madrugada de 25 de Agosto de 1932, uma composição especial vai buscar o valoroso tenente do Exército Brasileiro, Afonso Negrão, para trazê-lo a presença do coronel Taborda, em Itapetininga.

Ele leva consigo os voluntários Clóvis dos Santos Aguiar e doutor Humberto Correia da Silveira.

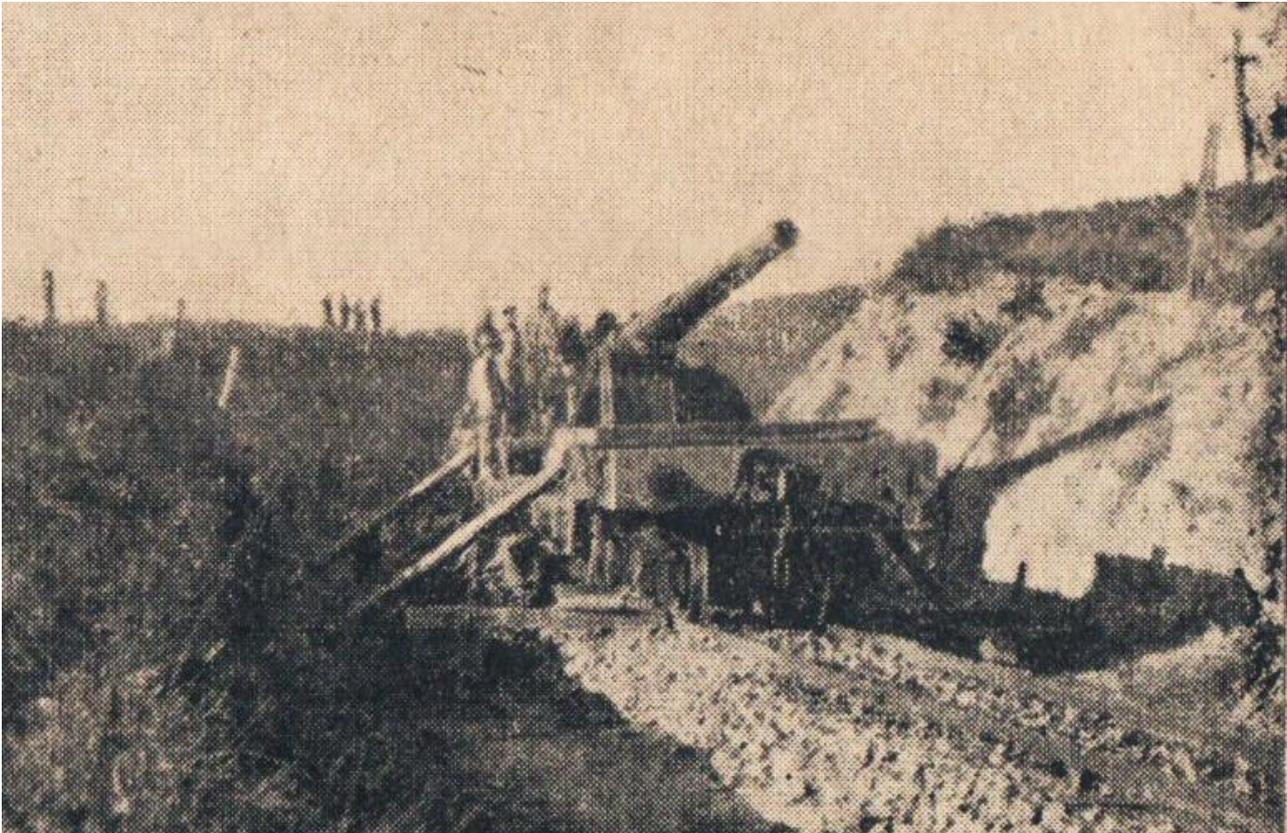
Finalmente, o coronel Taborda teve um gesto feliz.

Reconhece que o Trem Blindado já tinha feito o que podia fazer no Setor, e só era válido para uma retirada: devia, portanto, aproveitar o seu ótimo comandante.

E a voz do chefe do Estado Maior, capitão Alves Bastos que diz, a página 89 de seu livro *Palmo a palmo*³⁶: Já a frente de Aracassú, o adversário havia tomado medidas que até certo ponto neutralizavam a ação do trem blindado, que corria sobre os trilhos de Sorocabana; e nessas condições, lá dentro permaneciam mal aproveitados o Capitão Negrão com o seu pelotão de

³⁶ BASTOS, J. A. *Palmo a palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932.

bravos. Chegado a Itapetininga um automóvel blindado, que maravilhosamente fora preparado para as operações no Setor Sul, mete-lhe no bojo, uma trinca demoníaca³⁷ chefiada pelo próprio capitão Negrão. E livre, nas estradas e nos descampados, sem a sujeição rígida dos trilhos ferroviários, estreia o Auto Blindado 14 de Julho, em entrevero memorável, nessa tarde de 26 de Agosto! (BASTOS, 1932, p.12).



O formidável canhão 150 trazido do Forte de Itaipú, Santos via linha férrea para Aracassú

Não estivemos lá. Rápida, porém, chega a notícia da estreia do Auto Blindado. Encalhado um momento, retira o capitão Negrão a metralhadora do carro, e pondo-a nas suas costas, para melhor nível, faz com que o apontador atire, enquanto Homero Silveira e Clovis dos Santos Aguiar, vão buscar reforço, sendo o *Ford* que os conduzia varado por diversas balas.

O tenente do Batalhão 14 de Julho, doutor José Maria de Azevedo, é ferido ao lado do Auto Blindado, tendo consigo um punhado de bravos do seu batalhão.

O doutor Miguel Coutinho também foi incansável soldado desse combate, tendo demonstrado qualidades de sacrifício e de coragem.

Temos que voltar novamente ao José Maria e lembrar essa personalidade tão simpática de moço, roubada numa luta desenfreada.

Jovem advogado em São Paulo labutava com brilho na carreira que abraçou com entusiasmo.

³⁷ Esta trinca demoníaca de quem fala Alves Bastos era composta por Homero Silveira, Clovis Aguiar e o americano Gulherm Bailli, chauffeur do Auto Blindado.

Paulista de verdade e amando ardentemente a causa que o arrastou as trincheiras, o José Maria, ao morrer, teve mais uma afirmação do seu caráter e idealismo, tão bem traduzidos nas suas últimas palavras: – Um paulista morre, mas não chora, nem geme. Voltem à luta que a vitória é nossa.

No dia 31 de agosto de 1932, volta novamente a atuar com sucesso, o Auto Blindado: não estivemos lá nesse dia.

Transcrevemos, portanto, de uma fonte insuspeitíssima: do livro *Carne para Canhão*³⁸, escrito pelo tenente Clovis Gonçalves, oficial da artilharia ditatorial, que combateu no setor Sul.

Assim se expressa ele à página 149 do seu livro: *Ocupamos posição para atirar, em pontaria direta, sobre o auto blindado. Este havia impedido que o 9º R.C.I.³⁹, que cortara a retaguarda do inimigo, houvesse aprisionado todo o seu efetivo. O auto blindado, invulnerável às bolas da Cavalaria, avançou sobre esta, fazendo fogo cerrado. Matou vários soldados. Apoiou, sozinho, a retirada do inimigo, interpondo-se entre este e a Cavalaria, que lhe viera cortar a retaguarda. O pessoal do 9º R.C.I. não se intimidou muito. Um oficial quis lançar-se com o seu pelotão, sobre o auto. O comandante, porém, não o permitiu. Era verdadeira loucura tentá-lo Procuraram, por meio de árvores e de valas, restringir-lhe o raio de ação. Mas o blindado conseguiu salvar quase toda a sua tropa* (GONÇALVES, 1933, p. 149).

Diante da atuação do 1º tenente Negrão, no Setor Sul não podia ficar indiferente o nosso comando, eis porque o boletim interno de 2 de Setembro de 1932 do coronel Taborda diz:

Promovo ao posto de Capitão por ato de bravura em combate, o 1º tenente da reserva da 2ª linha do Exército, Afonso Negrão. Este oficial vem se distinguindo, pelo seu denodo e estoicismo, desde o combate de Buri e de Victorino Carmilo, quando comandante do Trem Blindado. Nos combates de 26 e 31 do mês passado, e no dia 1º da corrente, nas regiões de Balsa e Fundão, como comandante da guarnição do Auto Blindado 14 de Julho, a bravura, o denodo e a abnegação, sem limites, deste oficial suprimiram a deficiência de efetivos da tropa atacada e foram penhor de um feliz retraimento executado na mais perfeita ordem, enquanto o blindado infligia ao inimigo pesadíssimas perdas. Em próximo boletim será feita a citação dos seus comandados.

Ainda o boletim interno nº 49 de 13 de Setembro de 1932 assim se exprimia, sobre o combate de 31 de Agosto:

Mais um feito glorioso, na jornada militar e cívica que se iniciou a 9 de Julho, vem assinalar no dia 31 de Agosto, as armas dos que se batem pelo regime

³⁸ GONÇALVES, C. *Carne para Canhão! o front em 1932*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

³⁹ Sigla para Regimento de Cavalaria independente, unidade do Exército Brasileiro.

constitucional; dos que pelejam, nos campos rasos e na macega brava deste Setor, pela restauração da lei e pela reconquista da liberdade. Cumpre registrar a bravura dos nossos soldados e a perícia do comando dos nossos oficiais, uns e outros, levados pelo mesmo denodo, uns e outros, unidos pelos mesmos ideais. Quando um dia deste povo, que inteiro se levanta para a luta e para o sacrifício, bem pode o historiador dar aos fatos que aqui resumo pelo império das circunstancias, o esplendor que eles merecem. E assim com orgulho, que elogio:

1º) Tenente Coroneis Alvaro Martins e José de Anchieta Torres, pela energia e serenidade com que dirigem seus comandados e pelas qualidades de chefes que demonstraram.

2º) Major Aristides L. Penteado, tipo perfeito de oficial de infantaria, calmo, brilhante, audacioso e bravo.

3º) Major Sebastião do Amaral, o exemplo do cavalariano audaz, tendo conduzido o seu esquadrão, desde o início desta luta, com segurança e prestado relevantes serviços.

4º) Major Pedro Ribeiro Filho, oficial competente e que tem demonstrado raras qualidades de comando. Tendo desaparecido o Major Arlindo, assumiu o comando do batalhão e o conduziu com energia e segurança.

5º) Capitão Homero: demonstrou sangue e energia diante da jornada de 31 de Agosto.

6º) Capitão Afonso Negrão, comandante do carro blindado 14 de Julho, oficial de notável valor militar, demonstrou mais uma vez suas invulgares qualidades, portando-se com rara bravura.

Foram seus comandados: tenente José Maria de Azevedo⁴⁰ do batalhão 14 de Julho que foi gravemente ferido. Tenentes Carlos Pinto e doutor Marcelo Soares, respectivamente do 6º B.C.P. e 14 de Julho, ambos com 15 homens de suas unidades. Estes oficiais, sargentos e praças souberam se conduzir de modo nobre num árduo combate, cumprindo severamente as ordens recebidas, não poupando sacrifícios e não se deixando render pelas dificuldades, que a todo momento encontraram.

Cabos: Orlando Tourgon, Atilio Gaspar, Anastacio Martins Fonseca, Otavio e Emilio Chiofre. Soldados: Guilherme Bailli, Jaci dos Santos e Clovis dos Santos Aguiar, do carro blindado 14 de Julho e ainda os soldados Cairo Vicentino, Antenor Antonio Pessoa e José Martins Fonseca.

7º) Capitão Miguel Coutinho, médico do batalhão 14 de Julho, auxiliado por Antonio Gomes, chauffeur da intendência do batalhão, do mesmo nome; 2º sargento Deocleciano José David, da Legião Negra, cabos Albano Ribeiro Martins da 1º Companhia do 6º B.C.P e Sebastião Candido da Legião Negra;

⁴⁰ Certamente o cel Taborda refere-se nessa citação ao dia 26 de agosto de 1932, pois o tenente José Maria já estava morto.

praças Zefarino Garcia do 6º B.C.P.; soldados Guilherme Cavalcanti, do Posto de Comando do 14 de Julho, recolheu durante a retirada considerável cópia de armas e munições e um caminhão que as tropas haviam deixado abandonado.

Voltemos ao trem blindado, que depois da saída do capitão Negrão era duplamente um *sleeping room*.

É ferido, quando na gandola, o voluntário do 6º B.C.R. Roberto Guesley.

Antes de sairmos de Aracassú, merece a nossa atenção o farmacêutico Mendonça, que, no Posto de Socorro, na turma 14, a seis quilômetros de Aracassú, quando os médicos e enfermeiros se acovardavam para buscar um ferido, lá ia o Mendonça, fosse de noite, ou de madrugada; voassem os aviões, ou fosse terrível a ação da artilharia, lá ia ele acudir um ferido que gemia nas linhas de frente. Bravo Mendonça. Se não fosse esse rapaz digno, quantos rapazes não ficariam sem socorro?

Saiba o leitor que não é só das trincheiras que saem heróis e mártires. Quer exemplo mais significativa do que desse farmacêutico, que, se imitasse os seus companheiros, ficaria calmamente no seu Posto, irritado, a blasfemar, caso alguém a essas horas, o acordasse para socorrer um moribundo?

Às 3 de setembro fizemos um retraimento para a estação da Ligiana.



Altas patentes em Aracassú.

Em pé, da esquerda para a direita: capitão Paiva, capitão Alves Bastos, autor de *Palmo a Palmo*⁴¹, Constancio Silveira Filho, castro e Silva, 1º tenente Adáto Pereira Mélo, brigada Ribeiro, Francisco Ferreira Ramos, capitão Hermínio. Sentados: tenente coronel Milton Almeida, general Pereira Vasconcelos e Dr. Alberto Whately.

⁴¹ BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932.

Retraimento...sim, felizmente não era uma retirada estratégica.

Nada ficou em Aracassú: trouxemos tudo.

Essa retirada foi devido ao recuo de Capão Bonito, e para fazermos uma só linha de defesa as margens do rio Paranapanema.

Às 4, uma esquadrilha inimiga ataca Ligiana.

Saímos do blindado e corremos uns cem metros e nos deitamos. Quando a quietude parecia chegar aos nossos espíritos, eis que o inimigo corta novamente os ares com a quinta arma de guerra.

Descem mais e roncam como furiosos, largando as granadas, que sibilam como desgraçadas, deixando até o momento de explodirem a impressão de virem parar as nossas costas: eis, porque preferimos, agora, ficar de papo pro ar..mas, a terra, com seu poder de atração nos prende e nos faz virar. A terra, a eterna amante do soldado.

Cada um descreverá, de maneira diversa o bombardeio de aviação... eu pelo menos não sei descrever de nenhuma forma. Uma coisa posso afirmar: quem não tem cara de bobo... depois de um forte bombardeio de aviação, fica, por uns momentos com essa cara.

Agora, parece que se fora. Não voltaram. Um deles, só tem uma missão: destruir o blindado.

Não o conseguiu.

Quebrou uns trilhos, que foram imediatamente concertados.

A nossa aviação persegue-os e dá-se uma luta desses pássaros da morte: Eletrizante! Emocional.

Caiu um! Caiu um!

É deles! É deles!

Às 5, o trem blindado é conduzido até a fazenda de Carlos Riedel, perto de Aracassú, comandado pelos rapazes do 14 de Julho.... menos o autor desse livro.

Tinha chegado, por aqueles dias, uma tropa da brigada gaúcha. Não conheciam certamente o blindado.

Ficaram numa casa em frente à fazenda, na qual estavam uns valentes do 9 de Julho.

O blindado faz uma Itapeva geral...deviam ser recrutados os pobres gaúchos. E depois de dois meses de campanha querer enfrentar um trem blindado com tiro de fuzil e metralhadora, é uma ingenuidade.

Consequência: muitos mortos e feridos; debandada geral e um presente à nossa tropa. Fuzis (18), mosquetões (8), ponches gaúchos, diversos bornais e fardas ensanguentadas, pelo chão.

Os nossos soldados varejavam, com ânsia, a mataria, em busca dos afamados ponches gaúchos. Arranjamos alguns.

No dia seguinte, até parecia troça, os jornais anunciavam a vitória de Adáto Melo (em Ligiana, perto da fazenda Riedel)

Simplemente formidável!

CAMPINA DO MONTE ALEGRE

Foi deixado ao inimigo o morro do Mandaçaia em que dominava toda a situação, e punha em situação difícil para a nossa tropa, o transporte de alimentos, pois em todo o canto zuniam as balas.



O morro da Mandaçaia à entrada do município de Campina do Monte Alegre.

Foto. Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Estava, no entanto, insuportável viver no Trem Blindado.

Brigamos com o subcomandante e fomos até a estação de Engenheiro Hermilo, próxima a Campina do Monte Alegre, posto de comando do coronel Klinghoefer.

– Como os senhores abandonaram suas tropas, sem ordem escrita do comandante?

– Abandonamos. Estamos fartos de servirmos de parasitas da Revolução. E o senhor também está farto de saber que o Trem Blindado, nada pode fazer neste Setor.

– Isso é caso de prisão!

– Preferimos ser presos, mas não voltaremos para o blindado.

Mande-nos para as trincheiras!

– Está bem... O Negrão parece estimá-los. Tomem o salvo-conduto; e em Itapetininga se agarrem ao Negrão, se não o coronel Taborda vos prenderá.



Estação Engenheiro Hermillo, entre a entrada do município de Campina do Monte Alegre, São Paulo e a Estação Ferroviária da Ligiana. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

Serafim Leoni, devido ao seu espírito intransigente de fascista, não nos acompanhou.

– Era desrespeitar um chefe. – Pela sua teoria, não devíamos combater a ditadura. Arrependeu-se mais tarde.

Quando voltamos ao blindado para buscarmos as nossas coisas e fuzis, um formidável estrondo, seguido de outro maior, se ouve. Era a majestosa ponte do rio Paranapanema, próxima a estação da Ligiana, que se ia para o ar.

Agora, mais do que nunca, o blindado não valia nada.

A ponte só deveria voar pelos ares, na hora em que se verificasse a impossibilidade da nossa permanência nas margens do Paranapanema. Com esse desastre, o trem blindado ficou sem utilidade⁴²

Estávamos contentes por abandonar o blindado depois dessa consequência⁴³.

⁴² SYLOS, H. de. Itararé! Itararé! notas de campanha. São Paulo: José Olympio, 1933.

⁴³ Os bons amigos do trem de Engenharia, amavelmente, nos cederem um quarto no trem para irmos até Angatuba. De lá tomaríamos o trem sanitário para Itapetininga. O batalhão de engenharia está provisoriamente sob o comando do tenente Giglio, da Escola Politécnica e os seus companheiros Dr. Marcelo Mesquita e o bom camarada Minervino de Oliveira farmacêutico em Rio

O capitão Negrão nos recebe contente em Gramadinho e oficia a nossa transferência. Antes, porém, nos mostra o boletim interno da véspera publicado no Quartel General do Coronel Taborda em Itapetininga:

Promoção:

Promovo pelos relevantes serviços prestados durante a atuação do Trem Blindado aos seguintes postos:

No de 3º sargento: o cabo Silvino Faria Lopes, do 6º B.C.P.; soldados Tomas Nunes da Fonseca, Atugasmin Médici Filho e Fernando Penteado Médici, do batalhão 14 de Julho; Homero Correia Silveira do 2º B.E.;

No de cabo: os soldados João Paulo Filho, João Bueno da Silva, Oscar Bueno da Silva, Nelson Sacramento Lorena, Antonio Benedito Ramos, José Soares, todos da Força Pública e Serafim Leoni, do batalhão 14 de Julho.

Por essa época, estavam na iminência de serem citados como covardes e mandados para São Paulo, os soldados do batalhão paulista de Pirassunga, que, devido ao seu comandante, tinham sido obrigados a uma debandada.

Quando essa injustiça ia ser praticada, o capitão Negrão pede a incorporação de muitos deles, na escolta do blindado.

Passa uma semana...

O coronel Milton de Almeida tinha satisfação e orgulho ao ver passar aquela bonita mocidade do Paulista de Pirassununga.

E dizer que um bom comandante não influi numa tropa?

A escolta do Auto Blindado era feita para acompanhar o blindado numa distância de cem a duzentos metros, fosse para onde fosse o blindado. Não tínhamos trincheiras, nem abrigos. Tínhamos a terra que acolhia o nosso corpo, quando as balas zuniam fortemente.

Promovido a 2º tenente, é dado o comando da escolta, ao 3º sargento Homero Silveira que evidenciou qualidades de comando assombrosas: um grande sangue frio e uma inexcedível bravura. Era o retrato perfeito do capitão Negrão.

O Auto Blindado continua a agir e é o inimigo⁴⁴ que diz:

Continuamos em posição à espera do blindado. Este dispõe de grande potência de fogo. Possui torres giratórias com metralhadoras. É evidente que não podemos continuar ao saber das suas arremetidas. A artilharia, vai portanto, intervir. Da nossa posição, na mais avançada linha da Cavalaria, enfiamos o trecho de estrada que o auto percorreu na véspera. Decididamente esses carros blindados do inimigo atraem a nossa Bateria. Em Victorino Carmilo enquadrámos o trem blindado entre as alças 2200 e 2300 metros. Agora, nas proximidades de Capão Bonito, vamos visar o auto

Claro. Minervino era de um corpo médico. Preferiu ficar no fogo e foi para o Batalhão de Engenharia.

⁴⁴ GONÇALVES, C. Carne para Canhão! o front em 1932. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

blindado. Este, de certo, é mais perigoso, pois não tem a ação limitada pelos trilhos. Pode percorrer a estrada e o campo ao bel prazer do motorista (GONÇALVES, 1933, p.149).

Apesar de tanto esperado assim pelo inimigo, continua o blindado fazendo as suas chacinas habituais...

Quase todo dia avançamos com grande heroísmo da escolta que acompanha o auto blindado em todas as suas eventualidades.

A nossa situação na região entre os rios Paranapanema e Almas era das mais delicadas: o inimigo, sempre em maior número, melhor municiado e em contínuos avanços de infantaria, auxiliado com fortes bombardeios aéreos e de artilharia, procurava infiltrar-se em nossas hostes e ocupar a região do Paranapanema.

Era necessário uma ofensiva geral nossa.



Ponte sobre o Rio das Almas na estrada de Itapetininga para Capão Bonito.

Marcou-se um dia e este dia foi o do 15 de Setembro de 1932: cada batalhão desenvolveria uma ação particular, procurando assim desnortear o inimigo que, também, procurava atacar a zona de São Miguel Arcanjo, completamente desguarnecida de nossas forças.

Com a chegada do Batalhão Taunay⁴⁵, este pode apoiar o Batalhão 14 de Julho que, em Itapetininga, tivera um justo e necessário descanso, depois dos combates de Fundão, com novas energias e redobrado entusiasmo, tendo já para comandante aquele oficial que, pelas repetidas provas de bravura e de bom senso, de competência e de calma, atraía para si a simpatia e confiança gerais – o 1º tenente do Exército Brasileiro, Aristides Leite Penteado. Estava destinado ao batalhão 14 de Julho nessa demonstração ofensiva mais um caudal de sacrifício.

O blindado nessa demonstração ofensiva tinha um papel de grande responsabilidade.

As 2 horas da madrugada do dia 15 de setembro, partimos de Gramadinho. O Auto Blindado, a escolta, num caminhão; e o capitão Negrão com o pessoal de sua imediata confiança, no *Ford*.

Estávamos no meio do caminho, quando um automóvel que vinha em velocidade, nos alcança:

Capitão Negrão! O Coronel Taborda manda-lhe este recado e esta munição. Eis o recado:

*Meu caro cap. Negrão,
Descobri hoje aqui um pouco de munição para metralhadora da Fábrica de Realengo, que deve ser de maior confiança que a nossa. Por essa razão mando-lhes pelo portador já em carregadores para que a empregue de preferência só gastando da outra quando esta acabar. Em 15-09-1932 às 2 horas.*

Cel. Taborda.

P.S. Deve exigir que o blindado seja sempre acompanhado por boa infantaria. Taborda.

Basta esse recado, para demonstrar o apreço em que era tido o capitão Negrão pelo Comando Geral, que de Itapetininga manda, às 2 horas da madrugada, uma munição especial.

Fomos acompanhados pela tropa do major Rodrigues Bios e do batalhão Taunay cada uma, numa ala mais ou menos afastada.

Tendo um papel de grande importância, a escolta acompanhou o blindado debaixo de uma saraivada de balas.

As duas peças de artilharia teriam um trabalho intenso. O inimigo, contra a expectativa, recebeu esse ataque da melhor forma possível.

⁴⁵ Este batalhão era formado de homens másculos e de aparecia atlética. Contam que o Coronel Taborda, passando em revista esta tropa, informou-os que, para aquele dia, era impossível seguir, pois ressentia-se o comando de falta de fuzis. Quase em coro responderam que lhes dessem um sabre ou facão e bastava. Estas bravatas na retaguarda são muito comuns... Neste caso da garganta a ação não foi desmentida, porque esse batalhão brilhou, deveras.

Meu caro cap. Negros,
 Descrevi aqui alguns poucos
 de munições para metralla-
 dora, da Fabrica de Bealengo, que
 deve ser de maior confiança
 que a nossa. Por esta razão
 mando-lhe pelo portador, já
 seu ~~porto~~ carregador, para
 que a entregue de preferência
 ao portador da outra quando
 isto acabar. Em 15-9-32 às
 2 horas.

Cel. Tabor

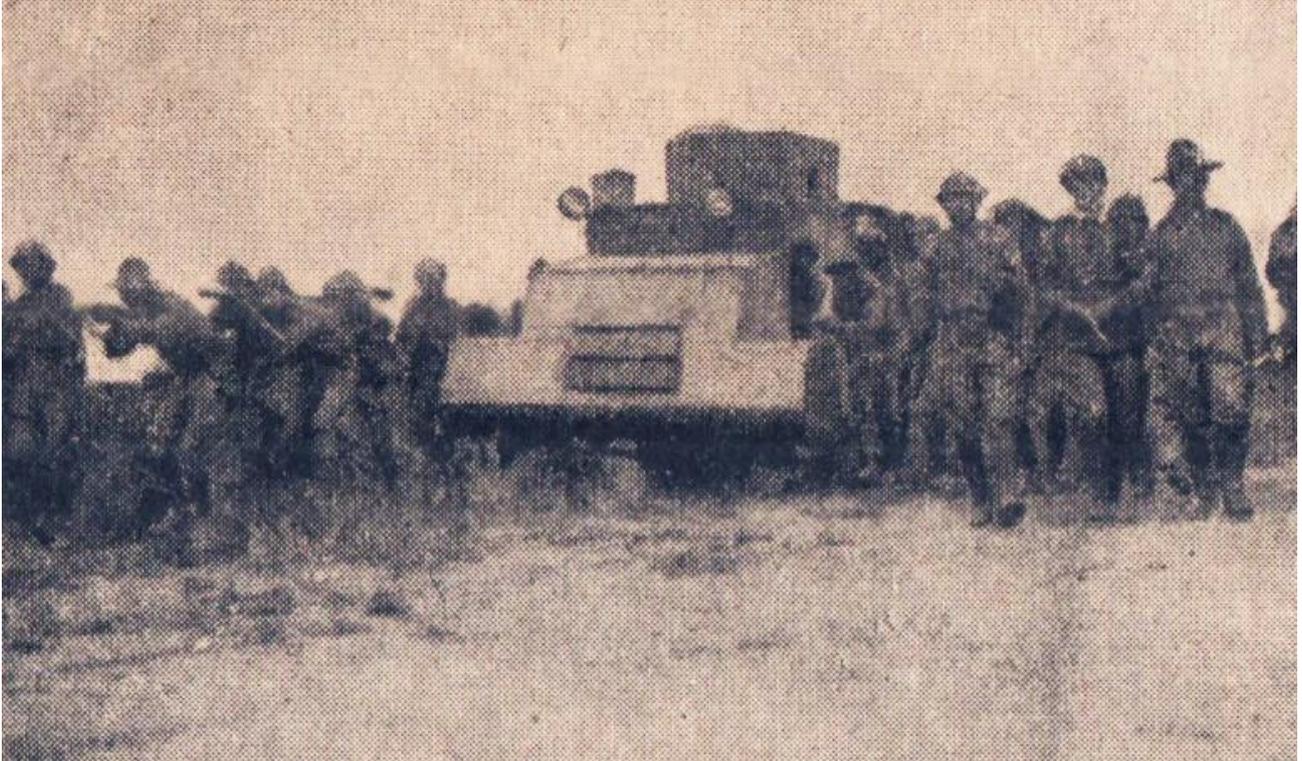
P. S. Deve exigir que o blindado
 seja sempre acompanhado por
 boa infantaria. Sam

Shrapnels... aviação e canhão 105.

Tornou-se imprescindível o retraimento. O blindado consegue ir até as linhas inimigas e a sua escolta tem um combate renhido, que findou, com alguns soldados, num corpo a corpo desenfreado... as vezes, perdíamos a noção de tudo. Até do nosso combate... tão agarrados agora ao nosso torrão que estávamos.

Roncam os aviões inimigos que não podem lançar granadas por estarmos muito perto de suas tropas.

Vozes, quebrando o nosso alheamento, nos chamam, nos despertam com vivacidade: são amigos que chegam, querem saber onde estamos. Mais tarde somos nós que chamamos, para saber onde eles estão... É assim que na guerra brotam amizades. Uma voz quente de comando nos faz avançar: é o tenente Homero. Os aviões voltam...o *shrapnels* arrebatam no ar, num chuva de balas; e o inimigo, pertinho, nos injuria...



O Auto Blindado 14 de Julho e sua guarnição.
O primeiro a direita é o bravo tenente Dr. Homero Silveira.

A nossa posição é melhor e suas balas não nos atingem. No entanto, se avançarmos seremos aprisionados, devido ao número grande do adversário.

– Que loucura esse ataque! Vamos ser todos aprisionados!

Pensamos em parar, voltar... até de *pirar*... mas um amigo avançava; e a nossa dignidade nos obrigava a avançar.

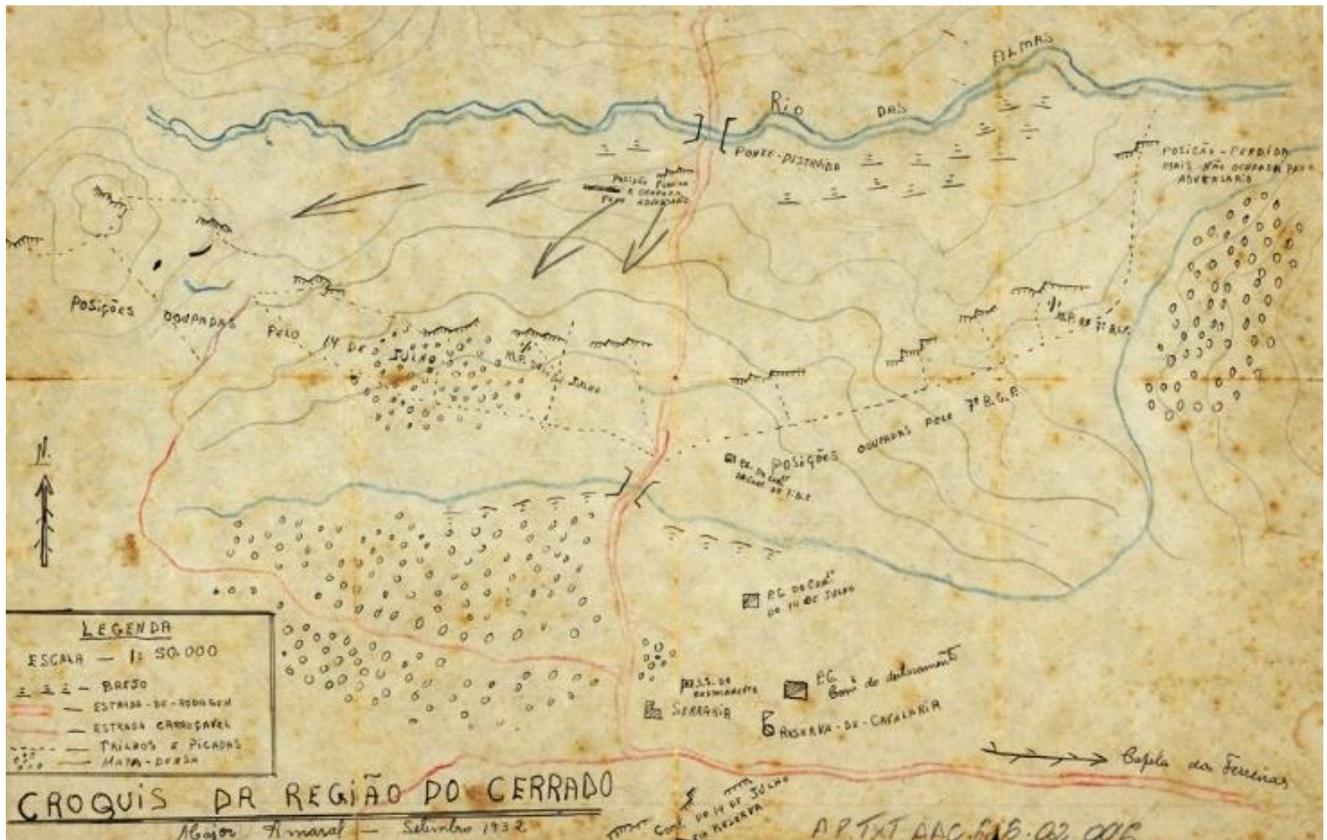
Deitados, não podíamos levantar a cabeça, que morreríamos. Avançando, íamos quase de pé e milagrosamente nos salvávamos.

A metralhadora do blindado trabalhava arduamente e nós... deitados no flanco esquerdo do auto, de longe, víamos as chapas do nosso automóvel blindado rudemente maltratado pelas balas. Uma granada revolveu a terra a quinze metros. Estremecemos de pavor... depois estremecemos levados pelo sentimento de solidariedade – queríamos saber onde estavam as pessoas queridas.

Chamamos: responderam.

Aos nossos ouvidos, chegava, às vezes, o som da voz enérgica do major Rodrigues Bio, incitando o soldado a luta e dando vivas a São Paulo.

A demonstração ofensiva não vingou.



Croqui da região do Cerrado, próximo ao município de Capão Bonito. Nele se pode ver a disposição das tropas paulistas e adversárias na ofensiva ali ocorridos dos dias 15 a 18 de setembro de 1932. Croqui. Ten Cel PM Res Celso Rodrigues da Silva (2017).

O inimigo inicia, então, no dia 16 de setembro, um avanço geral, que culminou na região do Cerrado em 18 de Setembro, em que o 14 de Julho teve um papel de grande desprendimento ao sacrifício.

Morrem a 16 de setembro, o capitão Antonio Ribeiro Filho, do Borba Gato, e os voluntários Lauro Barros Penteado e José de Vasconcelos, do batalhão 14 de Julho.

Também não estivemos lá nesse dia. Para que imitar tantos livros que falam do que não viram sem documentos ou provas? Vamos transcrever o que disse o coronel Taborda no Boletim de n.º 53:

Este comando menciona aqui, com desvanecimento, pela sua bravura, e tristeza pela sua morte, o nome do capitão Antonio Ribeiro Junior, do Batalhão Borba Gato. Este oficial, que, no posto de 1º tenente comandara já uma companhia da mesma unidade, se distinguira anteriormente de forma a ser promovido a capitão. Foi nesse posto que, no reconhecimento ofensivo, levado a efeito contra o Capão do Papagaio, a 15 do corrente, uma partida do adversário o feriu gravemente, produzindo-lhe a morte 24 horas depois. A morte o acolheu glorioso e depois de haver denodadamente levado seus

comandados as linhas ocupadas pelo inimigo. Paz a sua alma e toda a admiração deste comando pela sua intrepidez.

Ainda, na mesma ofensiva de reconhecimento e no dia imediato, caiu, gloriosamente, nas trincheiras, a praça do 14 de Julho, Lauro Penteado, cujo desassombro na luta e cuja nítida consciência de seus deveres, de patriota e de soldado, o tornaram digno da admiração do povo paulista. Antes de expirar, Lauro Penteado disse: – Inimigo, eu morro, mas São Paulo vencerá! E acrescentou no último suspiro: – Viva São Paulo!

Soldados como este tombam pela fragilidade da matéria, mas fica o exemplo da convicção que os dignifica e o da renúncia que os enobrece. Fora das trincheiras também há mártires e heróis: são os que se dedicam a serviços auxiliares, de que não se prescinde na guerra. Temos, por isso mesmo, a lamentar a morte, no mesmo encontro, do motorista da 5^o Companhia, do Q.C.M. José de Vasconcelos, que caiu cumprindo o seu dever, quando levava às nossas tropas a alimentação de que careciam. Sua coragem, servindo a causa que defendemos, sem o menor desfalecimento mereceu toda a atenção deste Comando, que recomenda aos companheiros de luta o seu ânimo e a sua renúncia.

No dia 18 de setembro de 1932 há o grande combate no Cerrado em que os nossos soldados resistiram de armas na mão, até o último momento às investidas furiosas do inimigo em número dez vezes maior, auxiliado por uma maldita artilharia.

Contou-me Bento Lacerda que J. Gonçalves Bicudo, rapaz de fino espírito e de grande disposição para o perigo, sendo ferido na perna, dizia, quando carregado: – Se eu ficar pernetá, vocês não comprem bilhetes de outrem.

Já no início deste livro reproduzimos um trecho de um oficial ditatorial, sobre este combate, em que ele revela o heroísmo da mocidade paulista, nesse combate. Estivemos em outra ala. Não podemos, pois nos aprofundar em pormenores, numa coisa que não foi vista nem vivida, por nós.

No combate de Cerrado morreram Clineu Braga de Magalhães, Paulo Bifano Alves, Ari Carneiro Fernandes, Argemiro Alves Silvestre e Cesar Pena Ramos.

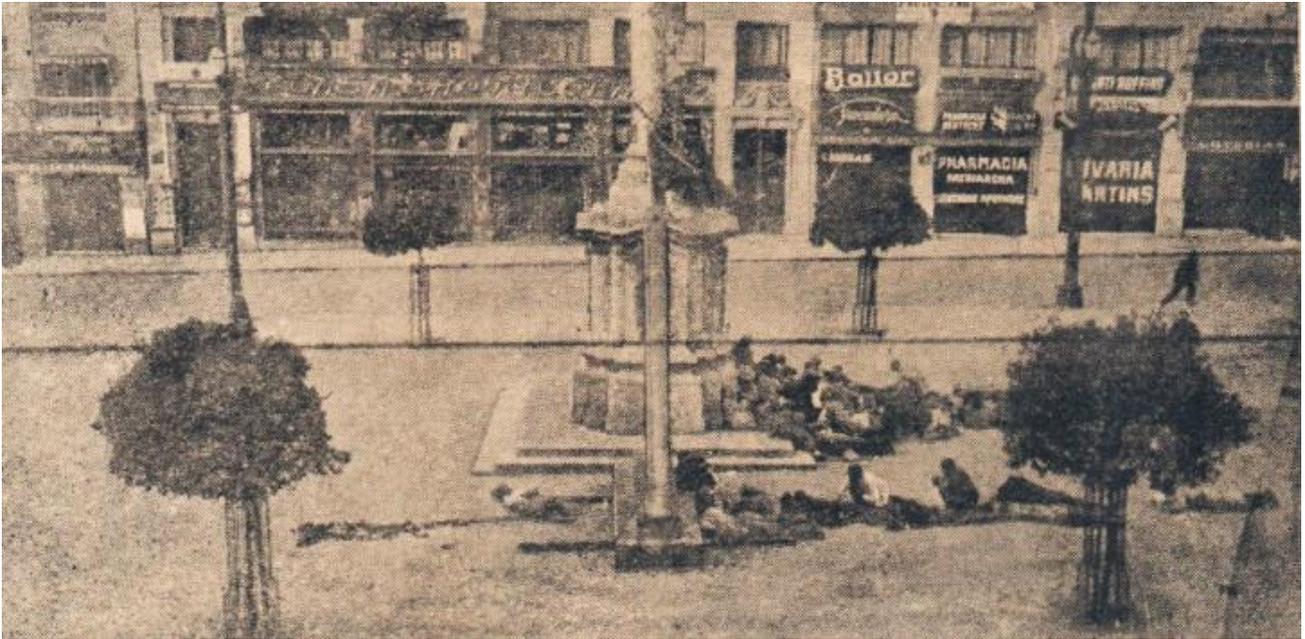
Como o inimigo tomou conta de Cerrado, sendo diversos dos nossos aprisionados, só soubemos da morte desses nossos valorosos companheiros, meio mês depois de terminada a luta, quando chegavam os prisioneiros da Ilha das Flores.

Chega outro blindado. Assume o seu comando o tenente Homero Silveira. Na demonstração ofensiva do dia 15 de setembro, o Auto Blindado teve a sua chapa maltratada por milhares de balas. Consequência: algum ponto cedeu. A 25 de setembro, o capitão Negrão, levando o auto até as linhas inimigas, é ferido gravemente por duas balas, dentro do Auto Blindado.

Pedi que o acompanhássemos a Itapetininga.

Neste mesmo dia, saiu, em boletim, a nossa volta para o batalhão. Poderíamos aproveitar e iríamos encontrar os seus soldados em São Paulo, onde foram depois da jornada de Cerrado.

A companhia do capitão Negrão, porém, nos atraia mais que um passeio a São Paulo. E ficamos.



A paz já tinha soado nas trincheiras.

No entanto, o povo defende-se como pode nos conflitos em praça pública.

Chegou o 30 de Setembro de 1932.

Tudo terminado! Tudo terminado, não!

Perpetuada, para sempre, a mais heroica jornada cívica de um povo. O nosso objetivo não era só a vitória militar...

Depois da revolução

Voltamos aos mesmos lugares em que combatemos, em fins de Outubro, para a transladação dos corpos dos bravos voluntários do 14 de Julho, Ari Carneiro Fernandes, Argemiro Alves Silvestre e Paulo Bifano Alves.

Foi nos fins de outubro. Já não se falava tanto em Revolução.

Tínhamos que partir novamente para os mesmos lugares, em que, um mês antes, combatíamos; iríamos buscar uns companheiros mortos, no dia 18 de Setembro, no Cerrado, e que só agora tínhamos certeza de seu falecimento.

É o Centro Acadêmico 11 de Agosto que toma iniciativa disso.

Partiram a 26 de outubro: Rui Ferreira da Rocha, Lauro Cerqueira Cesar, Jorge Cury, Julio Bonfim Pontes, José de Paula Machado, Carlos Camargo, Durvalino Vieira, Mario Messias, Deodoro Lopes, e um irmão de Paulo Bifano e de Argemiro Silvestre.

Também a família de Clineu Magalhães e do doutor Cesar Pena Ramos partiram.

Chegamos a Itapetininga, ao meio dia, encontrando um sol louro que se afasta para o lado de Rechan.

Precisávamos de um médico legista: com a melhor vontade, o doutor Teixeira de Carvalho nos serviu.

Volvemos com uma emoção indescritível às trincheiras que defendíamos mês antes.

Vimos aquela terra revolvida pelas granadas. Vimos aquela terra revolvida pela picareta.

Vimos o nosso solo fertilizado pelo sangue generoso de nossa mocidade.

E depois aqueles pobres caboclos, que voltaram ansiosos e contentes, para os seus lares remexidos pelos soldados e mirados pela artilharia e aviação, olhando-nos desconfiados.

Precisávamos ver as trincheiras inimigas: boas e bem feitas. Muita munição pelo chão...muito nome pelas árvores.

O que é isso: abrigo para aviação. Em todo canto o inimigo fazia subterrâneo para se defender dos arrojados Gomes Ribeiro.

Contaram-nos os moradores de Capão Bonito coisas horrorosas do efeito que produzia neles a nossa aviação.

Até o sino da igreja em Guapiara trabalhava para os ditatoriais, avisando a aproximação dos nossos aviões.

E, no entanto, os Herculanos e outros, desprestigiam tanto a nossa aviação.

No sul, pelo menos, precisamos fazer exceções: não tínhamos muitos aviões, mas os poucos que tínhamos eram conduzidos por verdadeiros heróis.

Certificamo-nos dos cadáveres pelos caraterísticos exteriores. O primeiro foi o acadêmico Ari Carneiro Fernandes... depois, Paulo Bifano Alves e Argemiro Silvestre.

Eles eram puros e idealistas...

Insensivelmente, pensávamos nos políticos: covardes que fazem discursos; tramam e não querem sentir a vida de trincheira... Não há correspondência entre o que dizem e o que fazem.

Ele, o morto partiu... guerreou, entusiasmado e feliz.

O político não partiu... limitou-se a fazer política dentro da própria revolução.

Trouxemos os corpos para Itapetininga... e à visitação pública ficaram na capela de Santo Antônio.

Toda a população chorou.

Todos foram até a capela. Cada moça que entrava, vinha carregada de flores para os nossos mortos.

A bandeira paulista cobria-os. Na madrugada de 30 de outubro partimos. Toda a população foi à estação. Vieram também os corpos de Clineu Braga de Magalhães e de Cesar Pena Ramos.

Acompanhamo-los até a última morada e lá lembramo-nos de quem agora, agasalhava os nossos amigos: a Terra. E íamos dizendo emocionados e revivendo os combates de ontem:

Terra!

Um avanço...um ataque foi o bastante para que te compreendesse, ó Terra!

Quando a voz, estridente de espanto, partida do instinto de conservação, me dizia: “Abaixa!... Deita!... Eu comecei a sentir que eras, na campanha, tal uma amante vibrátil.

Imaginei que tinhas corpo e alma: estirando-me a ti; apertando-te junto ao meu peito dolorido, eu tinha a sensação de estar com uma mulher amada, com quem eu nunca estivera, a sós, e que naquele momento, colava meus lábios aos dela, trazendo-me o seu beijo uma tensão nervosa, uma força interior, que me avisava: “Estas só, olha aí vem gente!”

Sim... vinha mesmo: as balas, as granadas...

Quando uma delas terminava a sua trajetória, perto de mim, aquele raspão e aquela poeira levantada da Terra, provocavam-me ciúmes e pareciam um chiste sarcástico zombando de minha alma enamorada.

E nós nos grudávamos, então, mais: um corpo já fazia parte de outro, e as entranhas se confundiam. Esse contato, contigo, ressuscitava, para mim, todas as imagens do passado.

... Vê o combate está simplesmente horroroso! Quero levantar, agir e não me deixas.

Acaso me amas, para assim me segurares?

Agora, longe da guerra, eu lembro, ó Terra, os dias e as noites, em que fostes a minha amante leal e amorosa; a minha companheira, nas horas dilacerantes do perigo e do terror.

Corpo que vibrou as minhas entranhas; palpitou meu coração; revolucionou meu espírito.

Terra!

O soldado te compreende... e eu soldado, ontem quiçá, amanhã... compreendi os teus gestos, nos momentos periclitantes do zunir das balas, do explodir das granadas, do voo dos aviões!...

Que maravilhosa força de atração exerces! Fostes minha amante no perigo. Hoje, na paz, parece que te esqueço.



Uma das localidades do Combate do Cerrado Capão Bonito. No entulho a frente do tronco à direita se encontrava uma das trincheiras do batalhão 14 de Julho mais castigadas pela Artilharia e infantaria inimigas. **Foto.** Portal Paulistas de Itapetininga (2019).

No entanto, Terra!... Um dia, - quando? Não posso responder, - irei para os teus braços e tuas carícias.

Um dia... e para sempre!...

Para sempre!...

Homenagem Póstuma

Discurso pronunciado pelo voluntário Fernando Penteado Médici no dia 6 de novembro de 1932, em nome do Batalhão 14 de Julho, na sessão solene da Congregação do Ginásio do Estado, em homenagem aos lentes, alunos e ex-alunos mortos em combate.

José Maria de Azevedo, Cesar Pena Ramos, Clineu Braga de Magalhães e Ari Carneiro Fernandes...

Vocês foram sacrificados pelas balas de inconsciência brasileira.

Quando vocês partiram, no dia 14 de Julho, vestindo a farda gloriosa do Exército Constitucionalista, estavam certos que, em breve, os chamados irmãos do norte e do sul, acorressem ao chamado de São Paulo e tivessem os cérebros desabrochados pela compreensão nítida da causa paulista.

Pensávamos que eles tivessem amadurecido as suas ideias; e não podíamos crer no elevado número de homens lutando sob o céu da Ditadura... regime para brutos e para escravos.

O regionalismo, caracterizando a nossa causa, conforme os epítetos daqueles que nunca auscultaram a alma cívica e brasileira do povo de São Paulo, passou... fazendo, eles, a luta tomar esse aspecto paradoxal: São Paulo lutando pelo Brasil e Brasil lutando contra o Brasil.

E vocês depois disso, José Maria, Cesar, Clineu e Ari, começaram a compreender a necessidade de encarar o movimento de São Paulo, não só pelo aspecto constitucionalista e bem brasileiro, mas também pela força fenomenal que arrasta a gente aos perigos da luta, mais ou menos explicada assim: Constituição para o Brasil e um “quid” de paulistaníssimo no nosso anseio. Sensação esta que nos foi trazida, pelo desenrolar da campanha, em que pesava o fuzil no ombro e amedrontava o zunir das balas no ouvido.

A bandeira paulista tremulou, então, nas trincheiras da nossa espiritualidade e vibro nos nossos corações estremecidos.

Foi, nesta hora, que vocês morreram, beijando o branco e o preto do nosso pendão. O branco, na pureza do idealismo com que vocês lutaram; e o preto, no luto de que se revestiu a nossa alma.

Os ex-alunos do Ginásio do Estado, tombados no campo da honra e da dignidade, pertenciam todos os 14 de Julho e foram diretores do Grêmio Ginásial 16 de Setembro.

José Maria completou o seu curso em 1924; Cesar em 1927; Clineu em 1929, e finalmente, Ari, na turma do ano passado, 1931.



José Maria de Azevedo

O 2º Tenente Doutor José Maria de Azevedo era, sem favor, um dos esteios do Batalhão 14 de Julho. Isto, aliás, não é elogio *post mortem*, tão comum nas orações fúnebres. Soldado, na compreensão do vocábulo: valente, cumpridor dos deveres e leal. Servido de um espírito militar e cheio de simpatia transbordante ele há de viver, perenemente na nossa memória, como um exemplo vivificante do civismo paulista. Amigo dos seus comandados, o seu pelotão traduzia os seus anseios. Em uma ocasião, eram necessários vinte homens, para guarnecer um flanco, ao lado do Auto Blindado. Devido às circunstâncias, a situação era periclitante e reclamava muita coragem e sangue frio Ninguém teve a espontaneidade de se oferecer para aquela missão perigosa. Rápido, José Maria, forma vinte homens do Batalhão 14 de Julho e parte: horas depois, tombava vítima de uma bala tão

inconsciente, como aquele que a fez deflagrar. Morreu sonhando para São Paulo uma vitória límpida para que o caráter dos governantes pudesse ter a limpidez das coisas puras.



Cesar Pena Ramos

Não tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente. Era um caráter de fibra e sem jaça.

Conservou inalterável a sua energia, até os últimos momentos da vida.

Que sensação desgraçada o estar-se ferido sem a esperança de um socorro.

Li isso no seu diário. Sentindo a morte, quis num esforço supremo, deixar alguma coisa a sua progenitora, e com, letra tremula, grava isto, que é tão comovente: *mamãe, adeus!*

Teceu de energia os dias em que ferido aguardava a morte...



Clineu Braga de Magalhães

Morto a 18 de Setembro, na região do Cerrado, perto de Capão Bonito.

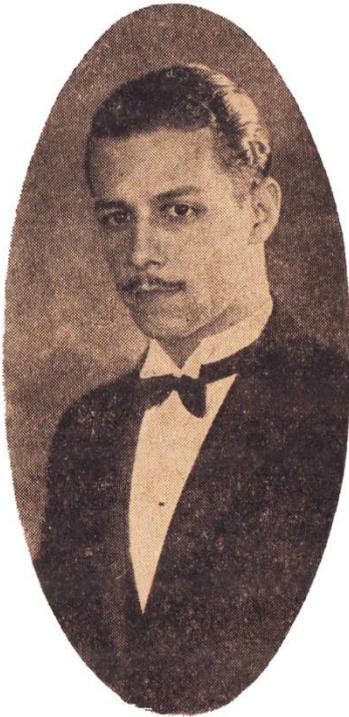
Rapaz-moça, que assim lhe chamo pelas suas atitudes tão delicadas e os seus gestos tão cheios de nobreza.

Temperamento calmo, nunca o vi levantar um aleive, ou, sequer, dirigir uma palavra áspera.

Era um coração de ouro... coração de ouro de bondade e sentimento. Que exemplo admirável! Deu em plena trincheira todo o seu ouro, para o bem de São Paulo.



Portal 1932
Diário de Campanha



Ari Carneiro Fernandes

é bem conhecido desta casa.
Ainda o ano passado frequentava suas aulas.

Não era paulista de nascimento.

Mas, compreendeu o movimento de São Paulo e foi homem! ...

Homem de verdade, homem que, na ocasião precisa, envergou uma farda e empunhou uma arma, transportando a sua personalidade para as trincheiras, fazendo-se um belo soldado:

Valente e forte, nas suas atitudes.

ARI, CLINEU, CESAR e JOSE MARIA éramos ontem colegas de batalhão, hoje somos os que vos julgam.

Terminadas as vossas existências de ontem, começou outra existência mais sublime. Vocês voaram rapidamente para os regaços da posteridade, ao menos para ter tempo de descansar na sepultura.

É o que acontece aos defensores de São Paulo, aos soldados do nosso ideal. Não morrem.

Transfiguram-se; não se abrigam, nos frios recônditos dos túmulos: aparecem vitoriosos nos adictos da imortalidade. Ficam nos nossos corações e traçam eloquentemente, na estrada da nossa vida, com o seu sangue que jorraram, as diretrizes que devemos seguir.

Vocês, José Maria, Cesar, Clineu e Ari foram como o oceano Sublime e tremendo.

Antes de 9 de Julho, eram doces como a inocência de uma criança: logo depois, ficaram fortes como o vento; e terríveis como as tempestades.

Ouvi, Senhores! Parece que as águas desse mar, estão apregoando alguma coisa...sim, elas dizem aos paulistas que de todos os fanatismos só há um fanatismo venerável, o fanatismo patriótico.

Compreendamos a nossa missão, compenetrando-nos da causa santa que levou a mocidade paulista a luta.

O sangue, que eles oraram, aumentou o manancial donde brota a fonte do nosso civismo.

De hoje para amanhã... o povo de São Paulo saciará a sua sede, dos que tombaram: sangue puro, idealista, de um vermelho, de quem fez guerra por um ideal.

O cérebro assimilado da trincheira governará, então, o pensamento do povo. E, nessa hora, não haverá políticos profissionais traidores, mas sim, Paulistas, escrevendo, para o futuro, quase que despercebidamente, *Pro São Paulo Fiant Eximia*.

Temos depois, a campanha do capacete de aço destinados a resguardar os soldados nas trincheiras. Em poucos dias o povo cobriu a soma necessária para confecção de mais de cem mil capacetes, o que montou em centenas e centenas de contos de réis, chegando a atingir um número superior a 140.000!

Além disso, não é possível olvidar a Cruzada artística, para a qual foram doados milhares e milhares de preciosidades, que vendidas, renderam elevadas somas em dinheiro.

Isto, o que estou a registrar em rápidas linhas, por quanto, se pretendesse enumerar tudo quanto se deu a São Paulo, seria um nunca acabar, sendo necessários alguns volumes afim de se incluir as fortunas entregues espontaneamente ao Movimento Constitucionalista.

O meu capítulo

Este livro não tem uma estrutura uniforme. Tem, mesmo, alguns ou muitos defeitos. No entanto uma qualidade não se lhe pode negar: é a de que foi organizado sobre bases certas e conscienciosamente.

Não procurei fazer literatura.

Como disse na introdução, é trabalho de um repórter. E, revestido desta missão, procurei abordar assuntos que a mim me foi dado presenciar nas trincheiras constitucionalistas.

Não pretendia tocar em matéria que, mesmo ao de leve, se referisse a política. Todavia, não posso silenciar sobre a atual situação de São Paulo, ou seja depois de finda a Revolução Constitucionalista.

São Paulo foi vencido:

A esta pergunta, como alguns outubristas o fizeram, todos são obrigados a responder:

– Não!

Apenas foi entregue as mãos de seus inimigos. Uma vez depostas as armas, não se fez demorar, a invasão militar.

Neologismos da Guerra

A linguagem de campanha é das mais interessantes, não só devido aos inúmeros neologismos nela acrescentados, como pela forma pitoresca com que se emitem.

Em algumas tropas, ou setores, chega a constituir um verdadeiro dialeto: assim acontecia na guarnição do Trem Blindado, formada, na maioria,

por soldados da Força Pública, com mais de uma campanha e quase analfabetos...

Ouvindo, como ouvimos, durante quarenta dias, a todo momento, a sua conversação, certamente alguns desses neologismos ficaram gravados na nossa memória. Sentimos, profundamente, não termos tomado notas em campanha, o que veio dificultar muito este trabalho, que, talvez mais tarde sirva aqueles que se dedicam aos neologismos de guerra. A nossa memória conservou estes:

½ Buxa – nota de quinhentos mil reais

Afanar – matar.

Alivio – advogado.

Arrego – suborno

Baratinar – tapear, enganar, passar o conto.

Isso é sopa! Vamos lá, passamos o baratinho e tudo está pronto!

Berro – revólver.

Seu Capitão! O Sr. me prometeu um berro!

Bobo – relógio.

Fulano desapertou o bobo de sicrano...

Bundudo – ditatorial

Cara comprida – cavalo.

Você está parecendo um cara comprida.

Chapa – soldado do blindado.

Costureira, Menina – metralhadora.

Preciso limpar a menina, ela está muito encrencada... Vamos costurar os bundudos...

Colo – corneteiro

Culatra – bolso traseiro

Desapertar – aliviar, roubar, tirar.

Enrustir – esconder de avião.

Aproximou-se um avião: um soldado corre a se esconder, em buracos, as vezes, adrede preparados, logo lhe diz, o companheiro: – Que é isso, camarada, está enrustindo...

Escabriado – estar com medo.

Escabrio – bêbedo

La vem o Paulo feito um escabrio.

Estar mofando – estar almoçando.

Ferreiro – cachorro.

Precisamos arranjar um ferreiro pra mascote.

Fuma – coisa boa

Gambia – nota de cem mil réis.

Jeremias – criança

Manjar o tempo – perceber.

Fui até a curva, toquei na pinta, manjei o tempo e voltei, seu tenente!

Majorengo – delegado.

Majorengo Bichado – sub-delegado.

O tenente estúpido e burro, pior que majorengo bichado.

Maria – corrente.

É um bobo com maria...

Maria Helena – o canhão 150 mm do forte de Itaipú, majestoso e terrível.

Mina – meretriz

Minestra – namorada.

Eta Revolução besta: deixar a gente tanto tempo, sem ver a ministra.

Ministro – esperto

Moomba – rouparia de soldado.

Penosa – galinha

Pinante – Chapéu

Me dá um pinante, seu capitão.

Pirar – fugir, desertar.

Pisante – botina.

Suana – roupa

Tocar na pinta – fazer um reconhecimento.

Portal Trem Blindado

.. TREM BLINDADO ..

Edição Digital Rememorativa da Epopeia da
Máquina de Guerra Constitucionalista na Revolução de 1932



TREM BLINDADO

(Regional, 2019)



ISBN: 978-85-65703-22-2

Nota de agradecimento e de homenagem à
Mylton Ottoni da Silveira
(1936-2018)

Acesso:



EXÉRCITO CONSTITUCIONALISTA DO SETOR SUL

Quartel General em Itapetininga/SP (1932)

BATALHÃO 14 DE JULHO

Efetivo: 638 integrantes

Período de Comando

14 de Julho a 16 de Julho de 1932	Major FPESP ⁴⁶ MÁRIO RANGEL
16 de Julho a 1º de Agosto de 1932	Major FPESP JOSÉ GARCIA
1º de Agosto a 14 de Agosto de 1932	Capitão FPESP CANDIDO BRAVO
14 de Agosto a 02 de Setembro de 1932	Major FPESP HELIODORO TENÓRIO R. MARQUES
02 de Setembro a 04 de Outubro de 1932	Major EB ⁴⁷ ARISTIDES LEITE PENTEADO

Comandante

Major FPESP⁴⁶ MÁRIO RANGEL
Major FPESP JOSÉ GARCIA
Capitão FPESP CANDIDO BRAVO
Major FPESP HELIODORO TENÓRIO R. MARQUES
Major EB⁴⁷ ARISTIDES LEITE PENTEADO

Capitães

02 voluntários

MIGUEL COUTINHO

URBANO JOÃO DE AGUIAR

1.º Tenentes

06 voluntários

ÁLVARO PAULA CAMPOS
CARLOS DE ARRUDA BOTELHO
FRANCISCO ROMEIRO SOBRINHO

HENRIQUE FAGUNDES NETO
MARCELLO LACERDA SOARES
WLADIMIR AMARAL (Médico)

2.º Tenentes

27 voluntários

AFFONSO CIPULLO NETO
ALFREDO COLOMBO
ÁLVARO DA SILVA GORDO
ÂNGELO BERNADELLI
ANTÔNIO DOURADO
ATALIBA DUARTE
BENTO LACERDA DE OLIVEIRA
COLOMBO ALMEIDA
ERNESTO W. E. IMBERG
FLÁVIO DE ARAÚJO
FRANCISCO QUARTIER
GENTIL FERRAZ
GURMECINDO MARIANO
JAYME BARROSO

JOÃO TIBIRIÇÁ
JOÃO URBANO DE AGUIAR
JORGE ASSUMPÇÃO
JOSÉ A. DE TOLEDO FILHO
JOSÉ MARIA DE AZEVEDO
JOSÉ WHATELY
LUIZ TOLEDO
MILTON BRESSANE
MILTON PINTO COELHO
NAPOLEÃO JOSÉ LEITE
NAUL ROCHA FIUZA
ORLANO SIQUEIRA TIANI
RUY MENDES DE OLIVEIRA

Assistência Religiosa

02 voluntários

Padre FRANCISCO NINO PASSOS

Cônego ALBERTO BACELE

⁴⁶ Força Pública do Estado de São Paulo (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo – PMESP).

⁴⁷ Exército Brasileiro.

Sargentos, Cabos e Soldados

600 voluntários

A. AROUCHE TOLEDO	JORGE TIBIRIÇA
A. DE BARROS MOTTA	JOSÉ ALOIZIO B. DA FONSECA
ACÁCIO FERNANDO	JOSÉ DE ALMEIDA CAMARGO
ADALBERTO GARCIA FILHO	JOSÉ ALTEN FELDER JÚNIOR
ADAUCTO MARTINEZ	JOSÉ ALBIN
ADHEMAR MARTINEZ	JOSÉ ANTÔNIO CANUTO
ADHEMAR RIBEIRO	JOSÉ ANTÔNIO CARUSO
ADOLPHO MELLO JÚNIOR	JOSÉ ANTÔNIO MATTOS
AFFONSO CELSO GARCIA SOBRINHO	JOSÉ ARMANDO TELLES
AGNALDO AUGUSTO PINTO	JOSÉ DE ASSIS PACHECO
AGOSTINHO OLIVEIRA	JOSÉ BARBOSA PASSOS
AJASCIO MAIA COUTINHO	JOSÉ BARCELLOS
ALBERTO ARANTES	JOSÉ BARROS AMARAL
ALBERTO GUIMARÃES	JOSÉ BARROS DE CAMARGO
ALBERTO PORTUGAL GOMES	JOSÉ BENEDICTO DOS SANTOS
ALBERTO ROSSI	JOSÉ BENTO PEREIRA DE SOUZA
ALBERTO SILVA AZEVEDO	JOSÉ BONIFÁCIO C. SAMPAIO
ALCESTE SCHROECKER	JOSÉ BORGES VIEIRA
ALCEU NASCIMENTO	JOSÉ CARLOS AUGUSTO AMARAL
ALCYR CÉSAR DO NASCIMENTO	JOSÉ CARVALHO
ALCIDES DUARTE GOMES SILVA	JOSÉ DE CASTILHO
ALDO DE AGUIAR	JOSÉ CHRISTINO DE MELLO
ALDO CÁSSIO V. FERNANDES	JOSÉ COLLAÇO DE CARVALHO VERAS
ALDO HERNANDEZ	JOSÉ COSTA PINTO
ALDO LODI	JOSÉ DAVID FONSECA
ALEXANDRE BARBOUX	JOSÉ DAVID JORGE
ALEXANDRE J. MIRANDA	JOSÉ DOURADO
ALFREDO LAZARESCHI	JOSÉ DIAS SILVEIRA
ALFREDO MONTEIRO DA SILVA	JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA BARROS
ALFREDO PACHECO JÚNIOR	JOSÉ EUGÊNIO REZENDO
ALÍPIO CHAVES NUNES	JOSÉ F. SANTOS
ALMIRO ESTEVES	JOSÉ FERNANDES MORENO
ALONSO FERREIRA DE CAMARGO	JOSÉ FERRAZ
ALUÍZIO R. MENDONÇA	JOSÉ FLEURY SILVEIRA
ÁLVARO ARMBRUST	JOSÉ GARCIA BARBOSA
ÁLVARO RUDGE	JOSÉ GODOY
ALVINAR CASTRO COTTI	JOSÉ GUILHERME WHITAKER
ANANIAS RIBERO	JOSÉ IGNÁCIO LOBO
ANDRÉ SANTOS	JOSÉ JERONYMO VASCONCELOS
ÂNGELO MATHEUS	JOSÉ JUNQUEIRA FRANCO
ÂNGELO ROSSI	JOSÉ LEMOS FREITAS
ANSELMO RORELLI	JOSÉ LORIGGIO
ANTENOR FRANCISCO	JOSÉ M. B. MELLO
ANTÔNIO ALGODOAL SAMPAIO	JOSÉ MARIO REIS
ANTÔNIO DE ALMEIDA FILHO	JOSÉ MATHEUS
ANTÔNIO AZEVEDO	JOSÉ MENDONÇA BARROS
ANTÔNIO C. CASTRO	JOSÉ MENDES
ANTÔNIO DE CAMARGO	JOSÉ DE MORAES
ANTÔNIO CARDONA	JOSÉ MOYSES DEAB

ANTÔNIO CARDOSO DE ALMEIDA
 ANTÔNIO CARLOS CAMPOS SALLES
 ANTÔNIO CARLOS CRESPO DE CASTRO
 ANTÔNIO CARVALHO
 ANTÔNIO ELEUTÉRIO
 ANTÔNIO GHIRLANDO
 ANTÔNIO GONÇALVES
 ANTÔNIO LAFALDE
 ANTÔNIO LUCIANO NETO
 ANTÔNIO LUTÉRIO
 ANTÔNIO M. DE OLIVEIRA
 ANTÔNIO MENDONÇA BARROS
 ANTÔNIO MERCADO JÚNIOR
 ANTÔNIO SALLES
 ANTÔNIO SILVEIRA MACHADO
 ANTÔNIO VAMPRÉ
 ANAUAR CURI
 AQUINO RODRIGUES
 ARALDO PENNA RAMOS
 ARGEMIRO ALVES SILVESTRE
 ARISTEU MARCONDES MOURA
 ARMANDO MENDONÇA
 ARMANDO NOSCHESI
 ARMANDO PEREIRA
 ARMANDO RIOS
 ARMANDO ZENESSE
 ARNALDO AZEVEDO SILVA
 ARNALDO OCTÁVIO NEBIAS
 ARNALDO PEDROSO
 ARNALDO SERRONI
 ARNALDO ZENESI
 ARTHUR GRECCO
 ARI CARNEIRO FERNANES
 ARY N. CASTRO
 ATALIBA DE SOUZA PINTO
ATUGASMIN MÉDICI FILHO
 AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ
AURELIANO CÉSAR DO NASCIMENTO
 AURÉLIO ESTIEVAM
 AUREO DE ALMEIDA CAMARGO
 AULUS PLAUTUS COELHO PEREIRA
 AZOR MONTENEGRO

 BATHOLOMEU BUENO DE MIRANDA
 BENEDICTO DE ALMEIDA SANTOS
 BENEDICTO CORREA SAMPAIO
 BENEDICTO MARCONES
 BENEDICTO U. ALVARENGA
 BENJAMIN SOARES
 BENTO J. CARVALHO JÚNIOR
 BENTO LUIZ DE Q. TELLES
 BERNARDO F. VIANNA

JOSÉ NASCIMENTO
 JOSÉ NORBERTO FONSECA JUNIOR
 JOSÉ PAIVA DUTRA
 JOSÉ PAULA MACHADO
 JOSÉ E PAULA CRUZ
 JOSÉ PENTEADO SALLES
 JOSÉ PESTANA FILHO
 JOSÉ PIMENTEL PINTO
 JOSÉ PIRAJA
 JOSÉ RIBEIRO MIRANDA
 JOSÉ RIOS CASTRO
 JOSÉ RODRIGUES ARRUDA
 JOSÉ RODRIGUES SILVA
 JOSÉ SOUZA PIRAJÁ
 JOSÉ TAVARES LIBANIO
 JOSÉ THOMAZ SAYÃO
 JOSÉ VIRGÍLIO RAMOS
 JOSÉ VITA JÚNIOR
 JÚLIO BONFIN PONTES
 JÚLIO PRADO LACRETA
 JÚLIO SANTORO
 JUSTINO FREITAS JÚNIOR
 JUVÊNCIO BERNARDELLI

L. PIRES FERRAS
 LAURINDO MINHOTO JÚNIOR
 LAURO BEZERRA
 LAURO AMARAL CAMPOS
 LAURO CERQUEIRA CÉSAR
 LAURO BARROS PENTEADO
 LICIO MARCONDES AMARAL
 LINCOLN LONER
 LIVIO COSTA ANDRADE
 LUCIANO NOGUEIRA FILHO
 LÚCIO CASANOVA
 LUIZ ÁVILA MACEDO
 LUIZ DE CAMPOS
 LUIZ CARLO B. JUNIOR
 LUIZ DIAS DA SILVA
 LUIZ E. BARRETO
 LUIZ E. RIBEIRO MENDONÇA
 LUIZ FERREIRA GOES
 LUIZ FONTES ROMEIRO
 LUIZ FRANCO E ABREU
 LUIZ LEITE
 LUIZ DE LORENZI
 LUIZ MORATO PROENÇA
 LUIZ NOGUEIRA FILHO
 LUIZ PRESTES CÉSAR
 LUIZ R. MENDONÇA
 LUIZ SALES
 LUIZ SODRÉ

BERNARDO MEYER JÚNIOR
 BIANOR JOSÉ CAMPOS
 BRUNO MELLO TEIXEIRA
 C. RIOS DE CASTRO
 CAIO DE ALMEIDA
 CAIO CARNEIRO
 CAIO RIBEIRO DE MORAES E SILVA
 CÂNDIDO PAES DE BARROS
 CARLOS ADHEMAR DE CAMPOS
 CARLOS DE ARAÚJO
 CARLOS AUGUSTO DE SOUZA JORDÃO
 CARLOS DE CAMPOS PAGLIUCHI
 CARLOS CAMARGO
 CARLOS EDUARDO DE CAMPOS
 CARLOS LARA CAMPOS
 CARLOS ROMEO
 CARLOS VIRGÍLIO SAVOY
 CAROLINO A. AMARAL
 CAMILLO QUEIROZ MORAES
 CASIMIRO P. NETO
 CASSIANO MARCONDES RANGEL
 CÁSSIO BORGES
 CÁSSIO M. C. PENTEADO
 CÁSSIO PAES DE BARROS
 CÁSSIO RIBEIRO DA SILVA
 CAYRÚ TEIXEIRA
 CELSO BRANDÃO
 CELSO FIGUEIREDO
 CELSO M. SALLES
 CELSO DE MORAES ALVES LIMA
 CELSO PAGLIUCA
 CÉSAR PENNA RAMOS
 CÍCERO JUNQUEIRA
 CID PINTO
 CESAR CLAUDINO AMARAL
 CLEOFANO LOPES OLIVEIRA
 CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES
 CLÓVIS DE AZEVEDO
 CURT WILDE
 CYRO PASSOS
 CYRO SAVOY
 CYRO RIBEIRO MARX
 CYRO DE SOUZA E SILVA

DAGOBERTO SALLES FILHO
 DALSTEN EPIGHAUS
 DARCY RIBAS
 DARIO DI NAPOLI
 DÉCIO FLEXA
 DÉCIO SILVA
 DELPHINO DE ULHOA CINTRA
 DEODORO LOPES DIAS RABELLO

LUIZ DE SOUZA
 MANOEL BRANDÃO
 MANOEL CASTRO MONTEIRO NEVES
 MANOEL COSTA LEITE
 MANOEL DIAS TOLEDO
 MANOEL GANDARA MENDES
 MANOEL GUIMARÃES DIAS
 MANOEL JOSÉ M. BARROS NETO
 MANOEL MAURÍCIO CORREA
 MANOEL OCTÁVIO CARDOSO
 MANOEL P. LIMAS
 MARCELLO RIBEIRO DOS SANTOS
 MARCIO F. A. LIMA
 MÁRIO ANGELO CAPOCHI
 MÁRIO CARNEIRO CUNHA
 MÁRIO CINTRA LEITE
 MÁRIO FARIA JORDÃO
 MÁRIO GOULART
 MÁRIO JUNQUEIRA
 MÁRIO LIMA
 MÁRIO MESSIAS
 MÁRIO PORTO
 MÁRIO VASALO
 MÁRIO VALGEKI
 MÁRIO VIEIRA DA CUNHA
 MATHEUS CONSCIENTINO
 MAURÍCIO DO AMARAL
 MAURO AGUIAR
 MAURO TOLEZO PIZA
 MAXIMO PUGLISI
 MILTON GRELLET
 MILTON LODI
 MILTON LOURENÇO OLIVEIRA
 MILTON NORONHA
 MILTON QUEIROZ MORAES
 MILTON SOARES CAMPOS
 MIRKO RODRIGUES
 MIRO LEONEL MOYSES SILVA
 MUCIO CAMPOS MAIA

NAUL N. NOGUEIRA
 NELSON BARBOSA
 NELSON OSÓRIO FRANCO
 NELSON PLANET
 NELSON SILVEIRA
 NELSON TOLEDO FILHO
 NELSON URIOSTE
 NEWTON FERRAZ
 NILO PORTO
 NOEMIO DE OLIVEIRA COSTA

DJALMA FORJAZ JUNIOR
 DJALMA P. CAMARGO BITTENCOURT
 DJALMA W. LIMA
 DOMINGOS BOCUTI
 DURVAL CARVALHO
 DURVAL PREITAS ROCHA
 DURVALINO VIEIRA

EDER ACORSI
 EDGARD ALENCAR MARQUES
 EDGARD ROSO
 EDMUNDO MENDONÇA
 EDMUNDO NAVAJAS
 EDUARDO MESQUITA SAMPAIO
 EDUARDO PACE
 EDUARDO QUEIROZ TELLES
 EDUARDO SOUZA QUEIROZ
 ÉLCIO PIMENTEL DE MELLO
 EMILE ZOLA P. MENDES
 EMILIANO BRITO
 EMILIANO DE TOLEDO SOARES
 EMÍLIO LAMBERTI
 EPAMINONDAS VALLE
 ERNANI COELHO
 ERNANI LACERDA DE OLIVEIRA
 ERNESTO PUJOL FILHO
 ESMERALDO A. DE SOUZA
 ESTANISLAU BIONDI
 ESTAFANO BARBATO
 ESTEVALDO MARTINEZ
 EUCLYDES FERREIRA
 EULÁLIO BARRTEO
 EURICO DE OLIVEIRA MAIA
 EVARISTO TEIXEIRA PINTO
 EVERALDO R. MELLO

FÁBIO OLIVEIRA BARROS
 FABRÍCIO VAMPRE
 FARID CHED
 FAUSTO CHAVES
 FAUSTO R. BARROS
 FAUSTO TOLEDO
 FELICIANO CORREA
 FELÍCIO CINTRA DO PRADO
 FELIPE ACHE JÚNIOR
 FELIPE NETO
 FERNANDO ARRUDA
FERNANDO PENTEADO MÉDICI
 FERNANDO MESQUITA SAMPAIO
 FLÁVIO BITTENCOURT
 FLÁVIO MARGARIDO DA SILVA
 FORTUNATO MAZZA

O. LUIZ PEREIRA
 OCTACILIO BANDEIRA
 OCTACILIO COSTA MAIA
 OCTÁVIO ALBUQUERQUE
 OCTÁVIO ANTENOR
 OCTÁVIO CAMARGO LIMA
 OCTÁVIO JUNQUEIRA NETO
 OCTÁVIO QUEIROZ MATOSO
 OCTÁVIO S. PORTO
 OCTÁVIO SEPPI
 ODAIR LOBO
 ODILON SILVEIRA
 ODORINO MENIN
 OLAVO LEONEL DE BARROS
 OLAVO PINTO MORAES
 OLAVO ROLIM THURY
 OLEGÁRIO FERNANES DE SOUZA
 OLEGÁRIO SANTOS
 OMAR SAMPAIO DORIA
 OMAR V. DE CAMARGO BITTENCOURT
 ORESTES A. GUIMARÃES
 ORESTES MORAES ALVES FILHO
 ORESTES PIZA TOLEDO SILVA
 ORLANDO SANTORO
 ORLANDO SANTOS
 ORLANO W. LONGO
 OSCAR PEREIRA ARAUJO
 OSCAR SIQUEIRA
 OSCAR THOMPSON FILHO
 OSIAS SAMPAIO
 OSNY SILVEIRA
 OSORIO ELENO
 OSWALDO BENEDICTO DA CONCEIÇÃO
 OSWALDO CAMARGO LIMA
 OSWALDO GODOY
 OSWALDO JOSÉ DE OLIVEIRA
 OSWALDO MARRONE
 OSWALDO MORA DE FREITAS
 OSWALDO NUNES
 OSWALDO PIRES DA MOTA
 OSWALDO RODRIGUES
 OSWALDO UNTI

PAULO DE ARAÚJO
 PAULO AUGUSTO AMARAL
 PAULO BASTOS CRUZ
 PAULO BIFANO ALVES
 PAULO DE CAMPOS
 PAULO CERQUEIRA
 PAULO FREDERICO HUMMELL
 PAULO FREIRE DE M. BARRETO
 PAULO GORDO

FORTUNATO TONELI
 FRANCISCO LACAZ NETO
 FRANCISCO ARANTES
 FRANCISCO ARISTODEMO
 FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS
 FRANCISCO COSTA
 FRANCISCO DIAS CÉSAR
 FRANCISCO EMIGDIO P. NETO
 FRANCISCO GIMENEZ
 FRANCISCO JOSÉ DA NOVA
 FRANCISCO JÚLIO SALGADO
 FRANCISCO DAS NEVES
 FRANCISCO DE PAULA M. DE CAMPOS
 FRANCISCO PILAR MATTOS
 FRANCISCO PUJOL
 FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS
 FRANCISCO R. OLIVEIRA
 FRANCISCO R. ROSAS
 FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA
 FRANCISCO DOS SANTOS NETO
 FRANCISCO SERRONI
 FRANCISCO T. MACHADO
 FRANCISCO VASCONCELLOS
 FRANCISCO XIMENES
 FRANKLIN PIZA JÚNIOR
 FREDERICO ELIAS OLSTEL

GERALDO MENDONÇA BASTOS
 GERALDO SIQUEIRA
 GILBERTO NOGUEIRA
 GIORDANO BANZATTO
 GUILHERME AMARAL LYRA
 GUILHERME CAVALCANTI
 GURMECINDO CINTRA
 GURMECINDO PONTES ALVES

HELI FRANCH
 HENRIQUE BASTOS FILHO
 HENRIQUE FAGUNDES JÚNIOR
 HENRIQUE OLAVO COSTA
 HENRIQUE PAMPLONA M. FILHO
 HERMES O. CÉSAR
 HOMERO SOUZA NERY
 HONÓRIO P. LEITE
 HONÓRIO PIRES DE OLIVEIRA
 HORÁCIO PAULA LEITE
 HUGO JOÃO SOLLER
 HUGO MALHEIROS
 HUGO STERMAN

IBRAHIM NASCIMENTO
 ISMAEL CAMPOS NAVARRO

PAULO J. MACHADO
 PAULO MATTOS
 PAULO MESQUITA
 PAULO MUNIZ CAMPELLO
 PAULO PIZA DE SOUZA
 PAULO TOLEDO
 PAULO VAMPRÉ
 PAULO VIEIRA
 PAULO VIDIGAL VICENTE DE AZEVEDO
 PAULO W. DULLEY
 PAULUS AULUS POMPEIA
 PEDRO ELIAS ROQUIELLI
 PEDRO PAULO CORREA
 PERGENTINO GOMES
 PERSIO CARRILHO
 PHILOMENO COSTA
 PLÍNIO BARRETO
 PLÍNIO LACERDA DE OLIVEIRA
 PLÍNIO RAMOS
 PLÍNIO RIBEIRO DA SILVA
 PRUDENTE CLAUZET

RAPHAEL GIORGI
 RAPHAEL RIBEIRO DA SILVA
 RAUL ALVIM
 RAUL BOLIGER
 RAUL REBOUÇAS SOARES
 RAUL SOARES DE MELLO
 RENATO PRADO
 RENATO RIOS CASTRO
 RENATO SOARES DE TOLEDO
 RENATO TAGLIANETTI
 RENATO TOLEDO
 RENÉ MENDES DE OLIVEIRA
 RICARDO M. GONÇALVES
 RICARDO MARGHERITA
 RICARDO DE SOUZA FILHO
 RINO ANTONIO CERA
 ROBERTO BOVE
 ROBERTO DI LORENZI
 RODOLPHO VALGEKI
 ROGERIO TOLEDO
 ROLAND VON OHEL MARTIN
 ROMEO AZEVEDO OLIVEIRA
 ROMEO BONINA
 ROQUE S. FERRARI
 RUBENS F. TOLEDO ARRUMA
 RUBENS MORAES ALVES DE LIMA
 RUY ARMANDO
 RUY BARBOSA DE ALMEIDA
 RUY FERREIRA DA ROCHA
 RUY FONSECA

ISMAEL COUTO CAYUBI
ISRAEL CAMPOS NAVARRO
IVANCO GUIMARÃES
IVENS VIEIRA

J. A. JESUÍNO DOS SANTOS
J. ALVES ALMEIDA FEO
J. PENNA MALTA
J. S. FERRARI
JADER ALVES LIMA
JANUÁRIO DEL MONACO
JANUÁRIO MOZZA
JAYME LOUREIRO FILHO
JAYRO LOUREIRO
JOÃO A. OLIVEIRA NETO
JOÃO ALBUQUERQUE CARVALHO
JOÃO ALMEIDA PRADO
JOÃO ANTUNES DE OLIVEIRA
JOÃO B. M. TOLOSA
JOÃO BAPTISTA FLEURY
JOÃO BAPTISTA LEITE
JOÃO E. TTHAYDE MARCONDES
JOÃO GARCIA
JOÃO GONÇALVES BICUDO
JOÃO GUZZO FILHO
JOÃO JOSÉ MOREIRA
JOÃO JUNQUEIRA FRANCO
JOÃO LAGO
JOÃO LUSO FILHO
JOÃO MONTEIRO
JOÃO OCTÁVIO NEBIAS
JOÃO PASSOS MAIA
JOÃO PEDRO GONÇALVES SILVA
JOÃO PENIDO SALLES
JOÃO ROMÃO DA SILVA
JOÃO RUY CANTEIRO
JOÃO VELLOSO ANDRADE
JOAQUIM BARBOSA SANTOS
JOAQUIM MIRANDA
JOAQUIM MORA DE FREITAS
JOAQUIM OCTÁVIO NEBIAS
JOAQUIM WALTER DOS SANTOS
JORDÃO PRESTES DE FREITAS
JORGE ALAYON
JORGE CINTRA
JORGE COURY
JORGE F. TOLEDO
JORGE FONSECA JUNIOR
JORGE HERMANN
JORGE JUNQUEIRA PENTEADO
JORGE LIMA DE MORAES
JORGE MELLO

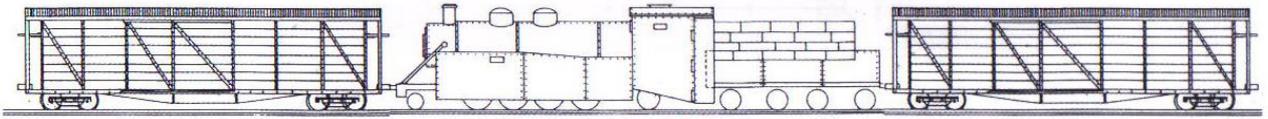
RUY DE LIMA CASTRO

SALIM HELOU
SALVADOR CAMARGO
SALVADOR DA SILVA
SEBASTIÃO BARROS MARTINS
SEBASTIÃO CRUVINEL
SEBASTIÃO FLEURY SILVEIRA
SEBASTIÃO FLORIDO
SEBASTIÃO JOSÉ OS PASSOS
SEBASTIÃO PORTUGAL GOUVEA
SENESIO CERRONE
SERAFIM LEONE
SERVOLO POMPEO TOLEO
SÍLVIO BECKER
SÍLVIO DIAS REBELO
SÍLVIO M. CAMARGO
SÍLVIO PASSOS MAIA
SÍLVIO PEDROSA
SÍLVIO RAMOS MAIA
SIMÃO DE OLIVEIRA LIMA
SINESIO DE OLIVEIRA

TACITO DE SOUZA
THEOPHILO DE ALMEIDA SÁ
THOMAZ A. WHATELY
THOMAZ NUNES DA FONSECA
UBALDO COSTA LEITE
UBIRAJARA P. FERREIRA
ULPIANO PINTO DE SOUZA
ULYSSES PAES DE BARROS
VICENTE CAMARGO MARQUES
VICENTE CERQUEIRA CESAR
VICENTE GRECCO
VICENTE M. FREITAS NETO
VICENTE MOURA
VICENTE DE OLIVEIRA
VICENTE TOLENTINO
VICTOR DIAS SILVEIRA
VICTORINO GONÇALVES
VICTORINO VENTURI

WALDEMAR FERRAZ
WALDEMAR GERALDINI
WALDEMAR MARCONDES SALGADO
WALDOMIRO ALAMBERT
WALDOMIRO FONSECA
WALDOMIRO LOPES
WALTER MERIGO
WALTER PENTEADO LORENZ
YELMO RIBEIRO DOS SANTOS

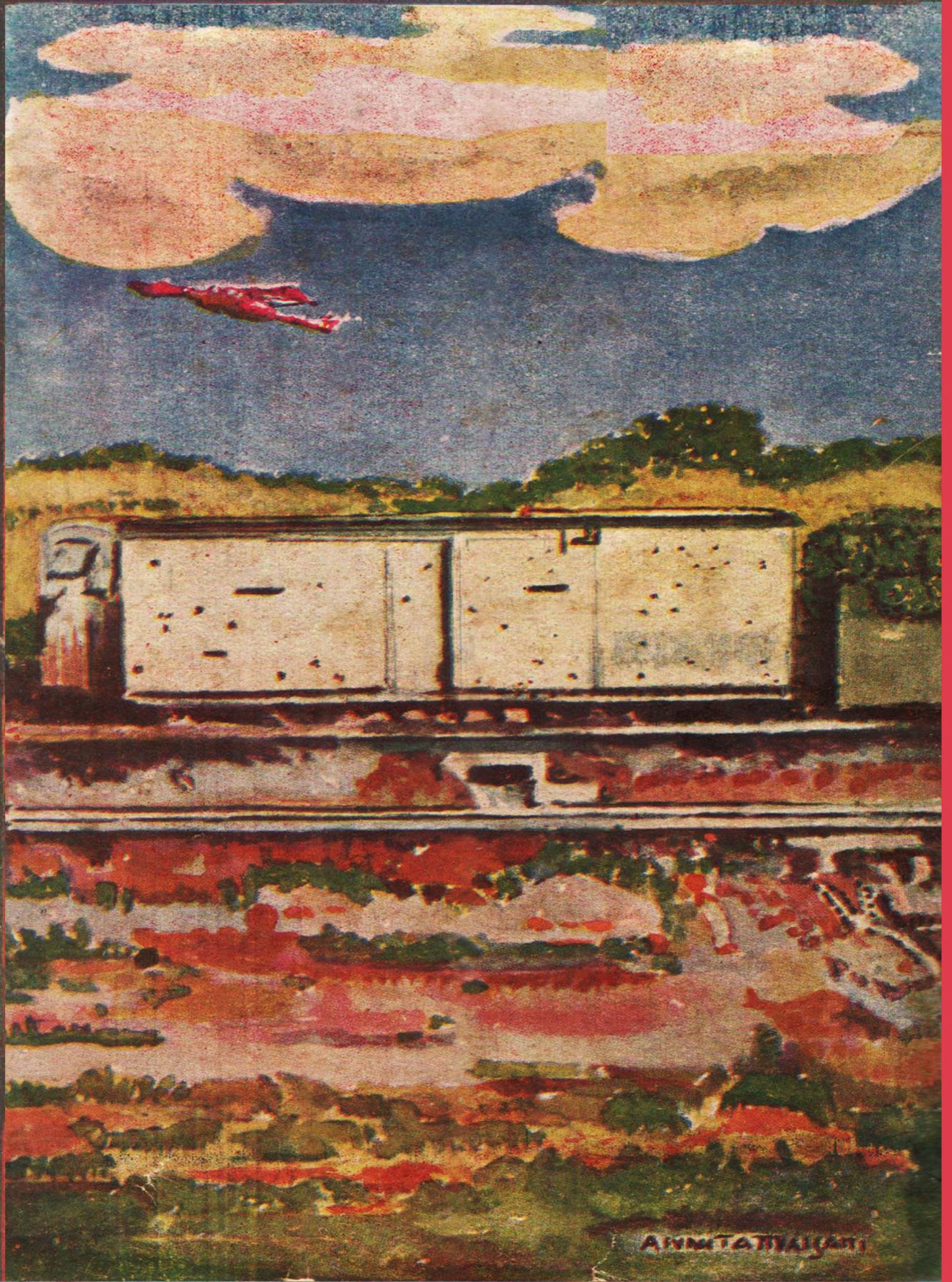
Referências



TREM BLINDADO

- BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: A luta no Sector Sul*. São Paulo: Paulista, 1932. Acesso em: <https://tinyurl.com/mwmpah37>.
- BIAJONE, J. CAMPOS, D. MELLO, A.F.de O., NOGUEIRA, E. J. V. *Itapetininga: Heróis, Feitos e Instituições*. Gráfica Regional, 2012.
- BRUSSOLO, A. S. *Tudo pelo Brasil: diário de um reporter sobre o movimento constitucionalista*. São Paulo: Paulista, 1932.
- _____, A. S. *Basta de Mentiras: considerações em torno do livro do Cel. Herculano*. São Paulo: scp, 1933.
- CARVALHO, F. A. de. *Capacete de Aço: cenas da luta do exército de leste no Valle do Parayba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933
- FIGUEIREDO, E. de O. *Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo: Martins, 1954.
- GONÇALVES, C. *Carne para Canhão! o front em 1932*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933
- KARAM, E. *Um Paranaense nas Trincheiras da Lei: subsídios para a história da revolução paulista*. A Cruzada, 1933. Acesso em: <https://tinyurl.com/bdd57unx>.
- MONTEIRO, M. M. *1932 São Paulo: a Máquina de Guerra*. Redação Final, 2004.
- PACHECO, J. de A. *Revivendo 32...: exumação de um diário de guerra*. São Paulo, 1954. Acesso em: <https://tinyurl.com/2ndwe7kb>.
- PORTAL 1932 DIÁRIO DE CAMPANHA. Em: <https://tinyurl.com/pdujmczv>.
- PORTAL PARA SEMPRE CRUZES PAULISTAS. Em: <https://tinyurl.com/4xvsj7xd>.
- PORTAL TREM BLINDADO. Em: <https://tinyurl.com/yh7uwy6m>.





ANIMATIYALANI